

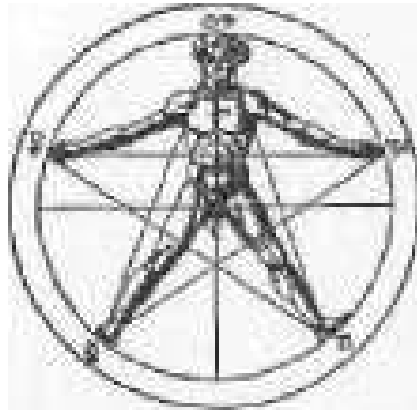
SIMON COX



**O CÓDIGO
DA VINCI
DESCODIFICADO**

**O Guia Não Autorizado dos Factos
por Detrás da Ficção**

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA



Simon Cox é o editor-chefe de Phenomena, uma revista que se dedica a desafiar dogmas ortodoxia e meias verdades.

Também trabalhou como investigador para alguns dos principais nomes no campo da História alternativa, incluindo Robert Estival, David Rohl e Graham Hancock Neste momento. Simon encontra-se a fazer um documentário televisivo baseado nos fatos por trás d' O Código Da Vinci, para uma das principais produtoras norte americanas.

Terribilis este locus ist

Inscrição encontrada na entrada da Igreja de Rennes-le-Château

Índice

Agradecimentos
Adoração dos Magos, A
Aringarosa, Manuel
Asmodeus
 Bieil, Irmã Sandrine
Capela Rosslyn
Cátaros
Catedral de Chartres
Cavaleiros do Templo
Cilício C
Clemente V, Papa
Cúdex Leicester
Collet, Jérôme
Concílio de Nicéia
Constantino, o Grande
Cruzada Albigense
Culto da Deusa
Dossiês Secretos
Fache Bezu
Geometria Sagrada
Gnómon em St. Sulpice
Gnósticos
Grão-Mestres do Priorado de São
Heréticos
Hirros Gamos
Holy Blood Holy Grail
Homem de Vitruccio
Igreja Copla
Igreja do Templo
Ísis
José de Arimatéia
 Robert
o Da Vinci
Linha da Rosa
Louvre
Madonas Negras
Madona dos Rochedos, A
Maria Madalena
Merovíngios
Mitras
Mona Lisa
Monumento a Newton
Neveu, Sophie
Newton, Sir Isaac

Opus Dei
Osíris
Pentagrama
Plantard, Pierre
Pope, Alexander
Priorado de Sião
Proporção Dourada
Pyramide Inverse (Pirâmide Invertida)
Retângulo Dourado
Santo Graal
Sub Rosa
Teabing, Leigh
Templo de Salomão
Última Ceia, A

Agradecimentos

Todos os livros são esforços de equipe não deixe que lhe digam o contrário. O esforço de equipe envolvido neste trabalho foi brilhante, e eu gostaria de conceder os meus mais sinceros agradecimentos, enquanto nomeio o quadro de honra.

Em primeiro lugar e antes de qualquer coisa, parece-me apropriado que também eu tenha o meu próprio grupo de deusas a quem agradecer. Pela pesquisa brilhante executada por uma das melhores do mundo, gostaria de agradecer a Jacqueline Harvey - eu pago o jantar. Pelo material extra, os meus agradecimentos a Robin Crookshank (sem hífen) Hilton. SPD, você foi brilhante. Não há palavras que possam expressar adequadamente os meus agradecimentos.

Também houve outras pessoas que me ajudaram muito. Mark Foster, pelo trabalho artístico e pela manipulação das fotografias — para onde foram todas as pessoas? Maik Oxbrow por Rosslyn - Templários? Que Templários? Geoff Petch pelas chamadas e encorajamento. Andy Gough pela lista e grandes conversas. Jim Chalmers, que teve esta idéia em primeiro lugar.

Os meus agradecimentos também vão para os meus amigos e família - Mãe, Pai, Mark, e Claire. Gemma Smith pelo incentivo e pelo pontapé no traseiro, Sam por finalmente ser bom.

Lindsay Davies da Michael O'Mara pela incumbência e pelo café - por favor, da próxima vez posso ter mais algum tempo para terminar? Robert Kirby da PFD - o agente literário mais paciente do mundo - desta vez quem paga o almoço sou eu.

Introdução

Considerando o contexto do Santo Graal, não é surpreendente que o assunto tenha polarizado opiniões durante muitos anos. Apesar disso, é raro um romance causar tanta controvérsia como O Código Da Vinci. Enquanto este livro se encaminha para a gráfica, os montantes das vendas mundiais do mistério de Dan Brown correm na direção dos seis milhões, com uma previsão do aumento das vendas quando do lançamento da versão em livro de bolso. Não parece existir um meio termo quanto à reação ao livro — as pessoas ou o adoram ou o odeiam, um fato que torna o livro ainda mais extraordinário.

Falemos primeiro dos depreciadores. Estes estão habitualmente divididos em certos subgrupos. Primeiro, há aqueles que consideram o livro de Brown historicamente incorreto e com insuficiente pesquisa. Há aqueles que vêem no romance de Brown um desafio maior ao dogma cristão e à ortodoxia. Não é difícil perceber porquê, pois quando se folheiam as páginas d' O Código Da Vinci, a sua principal premissa é a de que a Igreja Cristã está nos escondendo algo há dois milênios. Na verdade, material poderoso e suficientemente forte para atrair ataques venenosos tanto de fundamentalistas e apologistas, bem como de cristãos liberais. Uma passagem rápida por algumas páginas da Internet mostrará que Brown provocou a ira de mais de um erudito cristão, com página sobre página sendo dedicada a “desmistificar” o seu romance e o seu ataque declarado à fé cristã. Na verdade, alguns destes mesmos cristãos apologistas estão imprimindo seus próprios livros, denunciando o romance de Brown como um embuste e um crime atroz contra as pessoas tementes a Deus, por todo o mundo.

Estes argumentos baseiam-se no recontar de Brown da idéia, retirada de diversos livros de História alternativa, de que Jesus casou com Maria Madalena, a qual gerou os seus filhos e assim, propagou uma linhagem familiar através da História, tal teoria questiona seriamente o conceito da divindade de Cristo - já que esta hipótese faria dele um homem de "carne e osso" em vez do Filho de Deus. Eu explico, por extenso, a tese da descendência, no capítulo deste livro dedicado a Maria Madalena, e assim não falarei aqui do principal argumento. O que direi, contudo, é que considerando o seu verdadeiro valor, e usando os Evangelhos e Escrituras do Novo Testamento como nossos guias, os apologistas estão totalmente corretos nas suas reivindicações de que não existe nenhuma prova direta para tal união entre Cristo e Madalena. No entanto, o que estes não visaram com as suas leituras das Escrituras e dos Evangelhos é um dos temas centrais desta hipótese: nomeadamente, que esta informação era considerada muito prejudicial e destrutiva para a antiga Igreja, e que foi na verdade suprimida pelos redatores e editores originais do Novo Testamento - sendo, com efeito, escrita a partir dos textos originais, para ser substituída por uma versão sanitizada que era muito mais apelativa para os primeiros Pais da Igreja. Se está em busca de uma denúncia a Brown e ao seu romance, veio ao lugar errado - há outros livros que o interessarão mais. Este livro está diretamente apontado para a primeira subsecção dos detratores e para aqueles que adoraram o romance, mas estão um pouco confusos sobre a história e provas factuais que se escondem atrás do livro.

Coloquei essas questões por ordem nas páginas que se seguem.

Sem dúvida que Dan Brown se serviu de uma mão cheia de livros para os seus temas principais e material de fundo. Para a teoria geral de que existe uma descendência de Cristo e que esta se deve à união de Jesus e de Maria Madalena, bem como a teoria de que uma sociedade secreta conhecida como o Priorado de Sião existe para guardar em segurança este antigo segredo, Brown utilizou como ponto de partida o controverso best-seller *Holy Blood, Holy Grail*, de Michael Baigent, Henry Lincoln e Richard Leigh. Quanto à idéia de que Leonardo da Vinci codificou alguns destes temas e segredos nos seus quadros, ele baseou-se em *O Segredo dos Templários: O Destino de Cristo*, de Lynn Picknett e Clive Prince (publicado em Portugal pela Europa América), e quanto ao seu material acerca de Maria Madalena e do Sagrado Feminino, utilizou *The Woman with the Alabaster Jar*, de Margaret Starbird. Aqueles que leram *O Código Da Vinci* estarão familiarizados com o fato de que estes três livros enfeitam a prateleira do erudito fictício do Graal, Leigh Teabing, na sua casa, Château Villette. Os livros são referidos, mas os seus autores não. N' *O Código Da Vinci*, Brown apenas arranha a superfície de algumas das teorias colocadas nos livros mencionados, para compreender totalmente a profundidade da pesquisa e dos argumentos apresentados, valerá a pena ler, pelo menos, um dos livros acima citados, e incluídos na bibliografia, que surge no final deste livro.

Se existe na verdade uma linhagem que descende de Cristo, então estamos perante aquilo que podemos, numa forma vaga, chamar de duas heresias: uma heresia pequena e uma heresia maior, mais fundamental. A heresia pequena é simples: a Igreja mente há 2000 anos, escondendo a verdade dos cristãos por diversos motivos. A heresia maior é enorme. Pois se esta teoria está correta, então períodos históricos inteiros têm de ser rescritos e, com eles, a nossa própria compreensão do tecido da vida, da fé, e do mundo que nos rodeia. Existe muito em jogo.

Então porque é que *O Código Da Vinci* é tão popular? Primeiro e antes de tudo, é uma boa história. O livro lê-se bem, e sem dúvida que dará um excelente filme, sob a realização de Kon Howard. Também penso que existe uma razão mais profunda para o seu sucesso. O que Dan Brown tocou foi um nervo à flor da pele em muitos dos seus leitores. Muitas pessoas sentem-se insatisfeitas com a forma como foram ensinadas a pensar e a acreditar, e um desejo de saírem da concha e de aprofundarem os mistérios da vida está ganhando ímpeto, enquanto nos fixamos no século XXI. Este é o nervo à flor da pele sobre o qual saltou *O Código Da Vinci*. Duvido seriamente que o livro esteja, a forçar milhares de cristãos a questionar a sua fé e a abandonarem a Igreja. Contudo, aquilo que está a fazer, é trazer para a ribalta uma corrente de pensamento e uma porção de teorias que têm até agora sido vistas como alternativas e, de uma certa forma, heréticas. Certamente que isto é algo de bom.

Este livro está construído de uma forma que fornece ao leitor d' *O Código Da Vinci*, uma espécie de manual em relação a muitos dos elementos factuais do livro. Está planeado num formato simples de A a Z e é, espero eu, fácil de percorrer e ler. Esforcei-me por manter as entradas tão breves quanto possível, de forma a evitar a sensação de um manual académico ou até aborrecer o leitor, o quê espero ter conseguido é despertar no leitor a percepção de que existe um mistério e singularidades reais no mundo histórico.

Espero ter encorajado, pelo menos, alguns a lerem mais e a cavarem mais fundo quanto a isto, estou certo que Leonardo teria aprovado.



Para mais fatos por detrás da ficção, visite:
www.crackingdavinci.com

Adoração dos Magos, A

"Todas as pessoas adoram uma conspiração", É assim que Dan Brown prefacia o seu fragmento de informação, referente à obra inacabada de Leonardo, "A Adoração dos Magos". N'O *Código da Vinci*, Brown, através da sua narrativa, reconta a história de como um perito em diagnósticos de arte (pode-se dizer, um arqueólogo de arte dos tempos modernos), residente em Florença, chamado Maurizio Seracini, descobrira que camadas de sujeira e de tinta cobriam na realidade uma composição muito diferente de Leonardo e que as Galerias Uffizi em Florença, embaraçadas por esta descoberta, tinham "banido" o quadro para um armazém vizinho. Para esta informação, Brown fez com que os seus personagens citassem, um artigo do New York Times Magazine intitulado "The Leonardo Cover-Up",

O referido artigo do New York Times Magazine existe na realidade, e foi estrito em Abril de 2002 por Melinda Henne-Berger. O artigo realçava o trabalho de Maurizio Seracini, um verdadeiro perito em diagnósticos de arte, residente em Florença. Seracini tornou-se famoso pela sua utilização ostensiva de tecnologia médica para revelar os segredos dos antigos mestres. O seu trabalho englobou as pinturas de Botticelli, Caravaggio e Rafael, bem como muitas outras pinturas de grandes mestres. As Galerias Uffizi, onde se encontra *A Adoração dos Magos*, pediu a Seracini para examinar o quadro e resolver o debate que causava furor no mundo da arte: deveria a obra prima ser sujeita a restauração, tal como o fora em anos recentes *A Última Ceia*? Muitos acreditavam que o quadro se encontrava numa situação muito frágil para ser sujeito aos rigores da restauração e outros, em particular o diretor das Uffizi, contra-atacava dizendo que o quadro estava sofrendo, depois de anos de negligência e necessitava urgentemente, e no mínimo, de uma boa limpeza.

Seracini chegou a algumas conclusões deveras notáveis e controversas sobre o quadro, conclusões que ainda terão de ser totalmente apreciadas e aceitas pelo mundo da arte. Segundo palavras de Seracini, "Nenhuma das pinturas que vemos hoje n'A Adoração foi ali feita por Leonardo. Só Deus sabe quem as fez, mas não foi Leonardo". Seracini acredita que uma mão muito mais tardia foi responsável pela camada de tinta castanha e laranja, desajeitadamente aplicada, que agora adorna o quadro, ele aponta para o fato de que muitas das feições pintadas são totalmente desprovidas do requinte e qualidade da mão de Leonardo, sobretudo na forma como partes da anatomia humana estão representadas. Não apenas isso, mas Seracini encontrou provas de que sob as camadas de tinta e sujeira, uma cena totalmente diferente daquela que mais tarde foi pintada sobre ele, aguarda o observador.

Até agora, *O Código Da Vinci* está correto quanto àquilo que tem a dizer sobre *A Adoração dos Magos*, contudo, há mais. Dan Brown parece insinuar que as Uffizi retiraram o quadro após as descobertas de Seracini, em relação à obra-prima. Este não é o caso. O quadro foi removido para um armazém, enquanto esteve sujeito aos scans que Seracini executou e enquanto os diretores das Uffizi decidiam qual a ação adequada a seguir. Na verdade, foi colocado um aviso na sala número 15 das Galerias Uffizi, a ala de Leonardo, informando que o quadro fora retirado para ser restaurado, prática habitual nestas circunstâncias. As descobertas de Seracini são algo de complicado tanto para as Galerias como para

muitos elementos do mundo da arte, os quais têm, ao longo dos anos, atribuído a Leonardo as porções pintadas da obra. A idéia de que existe uma conspiração para esconder o "significado" real do quadro do público em geral é, talvez, levar as coisas muito longe.

No entanto, é óbvio que o trabalho de Seracini revelou muito do que estava anteriormente escondido sob a tinta. As imagens sob as camadas de tinta e verniz foram entrevistadas pela utilização de refletografia de infravermelhos. Estas imagens mostram uma cena muito diferente do tema geral agora visto no quadro. Parece que Leonardo queria retratar um mundo que estava sendo reconstruído a partir de ruínas, um reflexo dos sentimentos do mestre no início do Renascimento.

Este tema pode ser vislumbrado pelas figuras que estão construindo uma escadaria na versão original. Outras zonas da pintura original mostram diversos cavalos unidos num entrecrocamento violento, fazendo desta cena uma versão primitiva da lendária obra, *A Batalha de Anghiari* de Da Vinci, e mostra que Leonardo tinha dominado o movimento e a expressão de emoção intensa, que se diz que o quadro posterior teve. Seracini está neste momento envolvido numa busca pelo mítico *A Batalha de Anghiari*, que se diz ter sido pintado numa das paredes do Átrio dos 500 no Palazzo Vecchio. Ele está convencido de que o quadro ainda existe atrás de uma das paredes do imenso átrio.

A Adoração das Magos foi encomendada em 1481, É um quadro enorme - 243 X 246 cm — pintado sobre 10 painéis de madeira colados em conjunto. Tem sido considerado um trabalho de gênio e, até ao recente trabalho de Seracini, foi tido em grande consideração, devido à contrastante utilização de tinta e figuras esboçadas. Mostra uma cena, agora se desvanecendo, de três reis visitando o Jesus menino e a Sua mãe Maria. Existem alguns elementos interessantes e possivelmente simbólicos no quadro que *O Código Da Vinci* não realça. No quadro, parece existir uma alfarrobeira, atrás da cena central e do grupo de pessoas. Tal como Clive Prince e Lynn Picknett apontam no seu livro *O Segredo dos Templários: O Destino de Cristo*, a alfarrobeira era uma árvore associada a São João Batista, uma figura central em muitas das pinturas de Leonardo. Em volta da árvore, no quadro, um segundo conjunto de pessoas está reunido, parecendo prestar homenagem à própria árvore, e uma destas ergue o dedo indicador da sua mão esquerda, naquilo a que Prince e Picknett chamam o gesto de João. Uma segunda figura na multidão que rodeia a Virgem e o Menino também está erguendo o dedo, um gesto que Leonardo utilizou muitas vezes nas suas obras. O gesto de João permanece um dos elementos mais misteriosos e enigmáticos do conjunto de obras de Leonardo.

Ver também: Leonardo Da Vinci.

Ankh

Ankh é o antigo símbolo e hieróglifo que significa "vida". Representada como uma cruz laçada ou em arco fechado, pensa-se que simboliza a correia de uma sandália ou a membrana protetora de um pênis. Devido à importância de usar-se sandálias no Egito, muitos egiptólogos acreditam tratar-se da primeira hipótese, se considerarmos que morrer por pisar descalço um escorpião era um perigo bem real. Contudo, alguns têm teorizado que ankh pode, de fato, representar os órgãos reprodutores femininos, o que será lógico, dadas as suas qualidades geradoras de vida. Esta associação com a mulher ou a deusa é o motivo porque Jacques Saunière, conservador no Louvre n'O *Código Da Vinci*, acrescentou um enorme número de ankhs à coleção do museu.

A qualidade geradora de vida da ankh foi associada ao rei, tal como representado em antigas cenas dos templos egípcios, isto é, especialmente, realçado nos relevos do período de Amarna onde os muitos raios de sol terminam em símbolos ankh, que são outorgados ao nariz do faraó, Akhenaton, e à sua mulher, Nefertiti, O oferecimento às narinas reais era chamado o "sopra da vida".

Tal como os antigos egípcios acreditavam que a palavra escrita era tão poderosa e misteriosa que poderia trazer objetos para a vida, símbolos individuais eram considerados como tendo a sua própria potência divina. Devido à natureza e poder intrínseco do símbolo, ankh tornou-se o ícone mágico mais comum e era usado vulgarmente como um amuleto protetor. Quando a cor foi acrescentada ao símbolo ankh, energia protetora poderia ser convocada pelo seu utilizador. Assim, uma ankh vermelha indicava vida e regeneração, uma azul fertilidade, a ankh verde estava ligada à cura, a branca à pureza ritual e era assim utilizada em objetos de ankh rituais, e a preta indicava ressurreição da morte.

Hoje em dia, a ankh é ainda utilizada pela Igreja Copta no Egito, como o seu símbolo da cruz, chamando-se a cruz ansata.

Ver também: Igreja Copla.

Aringarosa, Manuel

Um dos principais personagens d'O *Código Da Vinci*, Aringarosa é o cardeal da Opus Dei, que está determinado a impedir que a verdadeira identidade do Graal seja conhecida. À primeira vista, muitos vêem no seu nome uma referência ao poema do século XVII sobre a Morte Negra, na Inglaterra – “Ring's Ring's Rosies”. De fato, o nome é a junção de duas palavras italianas: “aringa” significando “arenque”, e “rosa” significando “rosa/vermelho” - assim “arenque-vermelho”. Embora ele pareça uma figura poderosa enquanto atravessa a história, descobrimos que foi iludido ao pensar que a descoberta do Graal ajudaria a Opus Dei. Fica horrorizado ao saber dos assassinatos cometidos durante o curso da demanda.

Ver também: Opus Dei.

Asmodeus

Representa o demônio sobre o qual a lenda diz ter auxiliado Salomão na construção do seu templo. Crê-se que Asmodeus está representado no interior da porta da Igreja de Maria Madalena em Reunes-le-Château e é referenciado como o "guardião demônio" nos documentos do Priorado de Sião, os Dossiês Secretos. Este demônio também era venerado pelos Cátaros como o "Rei do Mundo". Embora não referido diretamente n'O *Código Da Vinci*, Asmodeus é a figura sombria que surge continuamente nos contos e lendas que Sophie explora no romance.

Ver também: Cátaros; Dossiês Secretos; Priorado de Sião.

Em inglês, arenque é "henring" e vermelho "red", surgindo assim as palavras "red heiring" (arenque vermelho), as quais literalmente traduzidas significam "arenque defumado". No entanto, deve-se também considerar que "red heiring" em inglês, também pode significar uma pista enganadora ou distração, definição devida à utilização do arenque no treino de cães de caça. (N. do T.)

Baphomet

Ídolo que se diz ter sido adorado pelos Cavaleiros do Templo, uma acusação que foi em parte responsável pela queda da ordem Baphomet é referenciado n'O *Código Da Vinci*, ao fazer parte da pista para decodificar o criptex e tem de ser usado em conjunto com a Cifra Albash, de forma a revelar a resposta.

A palavra "Baphomet" é, de acordo com alguns, uma corruptela do nome Maomé, tal como o profeta muçulmano, mais vulgarmente conhecido como Muhammad. Também pode ser a junção de duas palavras gregas que significam "absorção na sabedoria". Seja qual for a derivação etimológica do nome, foi referido que os Cavaleiros do Templo adoravam Baphomet, perante um enorme ídolo. No atual folclore do oculto, diz-se que Baphomet tem a cabeça de uma cabra e o corpo de um homem, mas com cascos físsipedes. No entanto, esta descrição parece ser bastante recente e está ligada aos rituais satânicos e à magia negra, e é algo que foi fraudulentamente introduzido no século XIX, sendo relacionada com os Cavaleiros do Templo,

A utilização da Cifra Atbatsh na palavra "Baphomet" está corretamente apresentada no romance ao revelar a palavra "Sophia", embora escrita em hebraico. A referência é importante, já que Sophie Neveu é a heroína d'O *Código Da Vinci*. Este significado oculto foi descoberto pelo especialista nos Manuscritos do Mar Morto, Dr. Hugh Schonfeld, autor do *The Passover Plot*. Schonfeld tem utilizado a Cifra Atbash em muitas das passagens de difícil compreensão dos Manuscritos do Mar Morto, com excelentes resultados. Ele decidiu aplicar a cifra à palavra "Baphomet" quando ficou convencido que os Templários deveriam ter conhecimento da cifra, devido às suas andanças pela Terra Santa. A palavra que foi revelada - Sophia - traduz-se como "sabedoria". Contudo, existe aqui mais um revirar nesta história. A palavra "Sophia" também pode ser utilizada em ligação

com a Mãe Deusa, ou o Sagrado Feminino, revelando assim a idéia atormentadora de que os Templários estavam na verdade adorando a deusa em segredo e em código.

Ver também: Cavaleiros da Templo; Cifra Atbash

Bernardo de Claraval, São

São Bernardo de Claraval (1091-1153) foi provavelmente o maior defensor dos Cavaleiros do Templo, quer dentro quer fora da Igreja, e a sua história referida n'*O Código Da Vinci* devido à sua associação com o Santo Graal, é importante para o conhecimento deste movimento.

São Bernardo foi uma das figuras de proa, espirituais e políticas, do período medieval. Nasceu em 1091 no centro de culto da Madona Negra de Les Fontaines na Borgonha, na França. A sua família pertencia à pequena nobreza francesa, o seu pai era cavaleiro e vassalo do Duque de Borgonha. Bernardo teve uma boa educação e exibia uma natureza meditativa e estudiosa desde uma idade jovem.

Em 1113, com a idade de 22 anos, Bernardo juntou-se ao pequeno mosteiro cisterciense de Citeaux, onde podia desfrutar dos rigores de uma vida religiosa. Tão apaixonado e eloqüente era em enaltecer as virtudes de uma tal vida que, passado pouco tempo, foi seguido no mosteiro por quatro dos seus irmãos, pelo seu pai viúvo, e por trinta dos seus parentes. Diz-se que na altura as suas pregações eram tão persuasivas e fervorosas que mães escondiam os seus filhos, mulheres os seus maridos, companheiros os seus amigos, para o caso de também estes se sentirem impelidos a juntar-se a ele no mosteiro.

O mosteiro de Citeaux era muito pobre e a vida no seu interior era austera, qualidades apelativas para Bernardo, que se esforçava por viver uma vida de simplicidade e de meditação religiosa. Mostrava uma grande humildade na forma como vivia, apenas comendo e dormindo o suficiente para evitar desmaiar. No entanto, a notícia da sua abnegação e piedade em breve se espalharam, e em 1115, foi enviado à cabeça de um grupo de outros monges para fundar um novo mosteiro, fixando-se em Claraval, na Champagne. Em poucos anos, o mosteiro de Claraval demonstrou ser tão bem sucedido que tinha estabelecido mais outros 153 mosteiros.

Foi em Claraval que Bernardo deu início aos seus Escritos espirituais, e enquanto ainda jovem abade, publicou uma série de sermões sobre o tema da Anunciação. Nestes, ele expunha as virtudes da Virgem Maria, especialmente como uma pacificadora. Os seus muitos sermões realçavam a devoção que lhe tinha, a qual era confirmada pela sua asserção de que enquanto criança ele recebera inspiração divina ao beber três gotas de leite do seio da estátua da Madona Negra de Châtillon, uma experiência que explica a sua dedicação ao culto da Madona Negra. São Bernardo escreveu quase 90 sermões sobre o Cântico dos Cânticos do Antigo Testamento, no qual ele associa a noiva, a qual se chama a si mesma "negra, mas graciosa" a Maria de Betânia, outro nome utilizado na época para designar Maria Madalena.

São Bernardo está também ligado aos Cavaleiros do Templo e foi o principal defensor do movimento, reconhecendo-o oficialmente como uma ordem

militar e religiosa. Contudo, a sua ligação com os Templários foi ainda mais profunda, já que foi São Bernardo o criador do voto que todos os Cavaleiros do Templo tinham de tomar. Era chamada a Regra dos Templários, e nesta ele instigava os Templários à "obediência de Betânia, o castelo de Maria e de Marta".

Graças à sua reputação e numerosos escritos, a influência e autoridade de São Bernardo estenderam-se gradualmente para além dos limites de Claraval, e em 1130 as suas reflexões foram procuradas numa tentativa para terminar com o cisma papal, que estava ameaçando a estabilidade e a coerência da Igreja nessa época. Com a morte do Papa Honório II, foram eleitos papas rivais — Anacleto II e Inocêncio II, recaiu sobre Bernardo a avaliação do valor de cada reclamante e decidir qual o melhor candidato. Após consideração, ele decidiu a favor de Inocêncio II o qual se refugiara na França. Com o seu zelo habitual. São Bernardo persuadiu França, Inglaterra, Espanha e a Alemanha a aceitarem Inocêncio II como o seu papa. Eventualmente, o imperador foi também persuadido, e Anacleto II foi colocado fora de Roma,

São Bernardo é também recordado pelas suas admoestações e ruína de Pedro de Abelardo, um intelectual influente cujas pregações foram frequentemente consideradas heréticas. A condenação tenaz e incansável por parte de São Bernardo de Abelardo persistiu mesmo depois do abade Pedro, o Venerável, ter conseguido avançar numa possibilidade de amainar as divergências entre os dois homens. Contudo, estas deitaram Abelardo como um homem alquebrado. São Bernardo detestava todas as formas de heresia, e lutou dura e longamente contra os heréticos e, em especial, com os Cátaros.

Em nome do Papa Eugénio II, São Bernardo pregou a favor da Segunda Cruzada, convencendo muitos a pegarem em armas contra os infiéis. No entanto, a Segunda Cruzada foi um fracasso terrível. A culpa disso recaiu sobre São Bernardo, considerado o instigador da guerra.

São Bernardo lançou-se entusiasticamente e de todo o coração em tudo o que fez. Isto lhe deu a reputação de ser abusivo, astucioso, belicoso, beligerante, dissimulado e - estranhamente, considerando a sua devoção à Virgem Maria - um misógino. Faleceu a 20 de Agosto de 1153, em Claraval e foi canonizado pelo Papa Alexandre III a 18 de Janeiro de 1174.

Durante a sua vida, fundou 163 mosteiros por toda a Europa, escreveu 10 tratados espirituais, mais de 300 sermões, e 500 cartas. É o santo patrono das abelhas, dos apicultores, dos fabricantes de velas, dos candelabros, de Gibraltar, e dos refinadores de cera e fundidores.

Numa atitude pouco vulgar em um homem de Deus tão estridente. São Bernardo descrevia-O em termos muito seculares como "comprimento, extensão, altura e profundidade". Nisto ele parece aludir à idéia de que Deus se encontra na harmonia divina dos números, por exemplo nas qualidades misteriosas da Proporção Dourada.

Ver também: Cátaros; Cavaleiros do Templo; Cruzada Albigense; Madonas Negras; Maria Madalena; Proporção Dourada.

Bieil, Irmã Sandrine

O nome da freira guardiã que deixou Silas na igreja de St. Sulpice no meio da noite, deriva de duas personagens da vida real, pertencentes à história do Priorado da Sião. O seu primeiro nome, Sandrine, vem de Gino Sandri, o secretário particular de Pierre Plantard, sendo Plantard um Grão-Mestre do Priorado de Sião. Bieil é uma referência ao Abade Bieil, o qual era o diretor-geral do Seminário de St. Sulpice no século XX. Diz-se que Bérenger Saunière, o padre da paróquia local de Rennes-le-Château visitou o Abade Bieil depois de ter alegadamente encontrado pergaminhos secretos e codificados, durante a restauração da igreja da sua paróquia em 1861.

Ver também: Plantarei, Pierre; Saunière, Jacques; St. Sulpice.

Capela Rosslyn

O último local da viagem de Sophie Neveu para descobrir a verdade acerca da sua família, sugerida pelo último poema de Jacques Saunière: "O Santo Graal sob a antiga Roslin aguarda". Ela e Langdon viajam para a Escócia, onde Sophie faz uma descoberta maravilhosa.

Ao contrário da opinião popular, a Capela Rosslyn não foi construída pelos Cavaleiros do Templo. Na verdade, os Pobres Cavaleiros do Templo de Salomão não têm qualquer tipo de relação com a Capela Rosslyn. A capela foi fundada e paga por Sir William St Clair, Conde de Rosslyn e Orkney, no século XV. A ordem dos Templários fora destruída mais de 100 anos antes da colocação da primeira pedra da Capela Rosslyn. A única ligação entre Rosslyn e os Templários era o fato de que o quartel-general dos Templários na Escócia ficava a alguns quilômetros do castelo Rosslyn, e que a família St. Clair testemunhou contra os Cavaleiros do Templo quando os membros da ordem militar foram levados a tribunal em Holyrood, em Edimburgo, em 1309.

A Capela Rosslyn fica a poucos quilômetros a sul de Edimburgo, na pequena aldeia de Roslin, a própria Roslin chegou aos cabeçalhos dos jornais como o local de nascimento de Dolly, a ovelha, a qual foi clonada no Instituto Roslin. A capela é um edifício patrimonial mundialmente famoso que inspirou artistas e escritores, incluindo Robert Burns, Sir Walter Scott e William Wordsworth. É também uma igreja ainda em funcionamento com uma congregação ativa e serviços semanais.

A capela que ainda hoje existe é uma fração da catedral que foi originalmente planejada. O nome correto para a capela é "The Collegiate College of St. Matthew" e imagina-se que a família St. Clair, a qual fundou a capela, visionava Rosslyn como um centro de aprendizagem a uma larga escala. O Castelo Rosslyn foi o lar de um scriptorium medieval, onde livros vindos da Europa continental eram traduzidos e copiados à mão. De muitas formas, as estátuas no interior da capela imitam as intrincadas iluminuras de livros medievais de horas e bestiários. Criaturas fabulosas, tais como dragões, unicórnios, homens verdes, leões e macacos encontram-se ombro a ombro com santos, cavaleiros, reis, rainhas e uma hoste de músicos medievais e personagens bíblicas.

Roslin não é a pronuncia original de Rosslyn, e o nome "Rosslyn" não deriva de "Linha da Rosa", contrariamente àquilo que é afirmado n'*O Código Da Vinci*. De fato é apenas um nome construído a partir de duas palavras escocesas: "ross", que quer dizer colina, e "lynn" que quer dizer água. Rosslyn é literalmente, colina ao pé da água. Este nome adequa-se perfeitamente ao local, já que o rio Esk contorna uma enorme colina, a qual é o leito rochoso do Castelo Rosslyn.

Ao longo dos últimos anos, têm surgido uma série de livros de História alternativa que apresentam teorias ainda mais fantasistas em relação a Rosslyn. Foi alegado que a Arca Perdida da Aliança, o Santo Graal, os secretos Evangelhos Perdidos de Cristo, o tesouro dos Cavaleiros do Templo e a cabeça embalsamada de Jesus estão enterrados em algum lugar sob a capela. Alguns autores clamam que a Capela tem codificado no seu interior os ensinamentos secretos dos Templários e as origens da Maçonaria. Habitantes locais têm comentado que quase esperam que alguém reivindique que o Monstro de Loch Ness e o OVNI de Roswell também estão escondidos sob a capela! Existe uma lenda local que fala de um imenso tesouro escondido sob Rosslyn, mas esta lenda está ligada ao castelo e não à capela. Diz-se que o tesouro vale milhões de dólares e que está guardado por um cavaleiro negro e uma fantasmagórica dama branca.

Contudo existe uma câmara escondida sob a Capeta de Rosslyn. Esta cripta é o jazigo da família St. Clair. Gerações destes cavaleiros escoceses jazem sepultados, vestindo armaduras completas. A entrada para este túmulo está bem registrada e encontra-se debaixo de lajes de pedra no chão da nave lateral norte da capela. Não foram permitidas escavações da cripta, já que Rosslyn é uma igreja ativa e um edifício delicado que já sofreu com séculos de negligência. Não existe nenhuma prova real de qualquer "tesouro secreto" escondido sob Rosslyn, Qualquer escavação invasora só poderia servir para danificar a capela.

Existe uma linha mágica entre Rosslyn e Glastonbury, tal como a firmado n'*O Código Da Vinci*? Qualquer pessoa com uma régua pode desenhar uma linha reta entre dois pontos. Às estruturas principais que recairiam nessa linha são as auto estradas M5 e M6. No interior da capela, não encontrará um caminho com a forma da Estrela de David, embutida no chão, este é um acréscimo totalmente fictício. Qualquer geometria sagrada no interior da capela baseia-se, não no Templo de Salomão ou na "maçonaria templária", mas no coro oriental da Catedral de Glasgow, o qual a estrutura arquitetônica de Rosslyn imita. Não encontrará as duas colunas "Boaz" e "Jachin" em Rosslyn. Existem, contudo, três colunas principais, incluindo a famosa Coluna do Aprendiz. A lenda diz que esta coluna foi esculpida por um jovem aprendiz, segundo a visão de uma coluna maravilhosa que ele vira num sonho. O mestre pedreiro, que viajara para estudar em Roma, ficou tão enraivecido e invejoso que atingiu o aprendiz e o matou.

Existem centenas de estranhos cubos com gravações invulgares em cada superfície da capela, mas os criptógrafos só estão estudando-os há poucos anos. O "código" pode ser, ou não, concreto. Decifrar qualquer código não revelaria a entrada para a cripta sob a Capela Rosslyn, sendo essa entrada já bem conhecida. Uma teoria é a de que os cubos gravados simbolizam de alguma forma notas musicais de uma canção medieval, já que cada arcada de cubos termina com um anjo de pedra tocando instrumentos do século XV.

Nos Dossiês Secretos do Priorado de Sião, o nome St. Clair parece ter ficado ligado aos St. Clairs de Rosslyn, apenas após a publicação de *Holy Blood, Holy Grail*. "Marie" de St Clair é totalmente inventada, um nome falso dos documentos de fundação do Priorado. Ela não existe no registro histórico,

A Capela Rosslyn é um local mágico. É uma casa de tesouros do imaginário medieval, o que nos dá uma visão única sobre as mentes de eruditos, lordes e artesãos da Idade Média. Os St. Clairs de Rosslyn eram nobres escoceses que lutaram ao lado de William Wallace e do Rei Robert, The Bruce. Tomaram-se numa família rica e influente dentro da corte escocesa e embaixadores na França. A Capela Rosslyn foi construída no auge do seu poder como uma casa adequada a Deus, cheia até transbordar de maravilhas cujo significado se perdeu com o tempo.

Ver também: Cavaleiros do Templo; Dossiês Secretos; Priorado de Sião.

Cátaros

N'O *Código Da Vinci* muitas referências são feitas ao fato de, no passado, a Igreja Cristã ter derrubado e esmagado violentamente as assim chamadas seitas e movimentos heréticos, Os Cátaros eram uma dessas seitas e representam uma parte fundamental e um importante papel nas teorias contidas no *Holy Blood, Holy Grail*, o livro que foi usado como base para a história d'O *Código Da Vinci*. A história dos Cátaros e da sua brutal supressão é um das mais importantes alicerces do mistério central no qual que se apóia O *Código Da Vinci*, já que a crença dos Cátaros de que Jesus e Maria Madalena eram casados, foi aquilo que contribuiu para a sua queda.

Os Cátaros eram uma seita cristã, também conhecida como os Albigenses, que era popular nos séculos XII e XIII, na região francesa do Languedoc e no norte de Itália. Eram uma ramificação de uma seita herética chamada os Bogomilos dos Bálcãs, os quais existiam desde meados do século X. Em 1179, no III Concílio de Latrão, o papa denunciou publicamente a Igreja Cátara.

Imagina-se que o nome "Cátaro" vem da palavra grega katharó, a qual significa "puro/purificado", ou da palavra alemã ketter significando "herético". Embora vistos pela Igreja Católica como heréticos, os Cátaros consideravam-se verdadeiros cristãos, referindo-se a si mesmos como Cristãos ou Homens Bons.

O principal reduto dos Cátaros era em Languedoc, atualmente uma região de França, mas na época um estado rico e independente. Grande parte da nobreza do Languedoc era ou cátara ou simpatizante e apoiava a fé cátara. Sendo pacifistas, não constituíam uma ameaça para os senhores da terra, e o seu objetivo de seguirem uma vida simples, pura e pacífica atraiu muitos para a sua fé. Eventualmente, os Cátaros caíram sob a alçada da Igreja Católica, porque se recusaram a reconhecer a autoridade do papa: acreditavam que a cruz era um símbolo maléfico de tortura e morte, e não apreciavam o comércio de relíquias sagradas, comércio esse que era muito lucrativo para a Igreja de então.

A Igreja chegou a enviar missionários - incluindo São Bernardo de Claraval (ver entrada) - a Languedoc para persuadir os Cátaros a regressarem à Igreja verdadeira, mas de nada serviu.

Devido à obliteração de grande parte dos seus registros escritos, informações sobre a história, desenvolvimento e crenças dos Cátaros são escassos, e aquilo que resta chega-nos na sua totalidade de relatórios e de posições produzidas pela, e dadas à, Inquisição - de forma alguma, um relato totalmente imparcial. Apesar disso, sabemos que o verdadeiro dogma da religião cátara era o dualismo: em outras palavras, acreditavam na existência de dois princípios opostos e iguais de Deus e do Diabo, bom e mau, luz. e trevas. O reino espiritual do céu era puro e virtuoso, enquanto que o mundo físico, material era corrupto e malévolos. Assim sendo, a alma pura, imutável, que pertencia a Deus, estava presa no interior de um corpo corrupto e malévolos que pertencia ao Diabo. A alma pura só podia ser libertada através do distanciamento do mundo material, de forma a restaurar a alma com Deus. Isto podia ser conseguido, vivendo uma vida de pureza absoluta e afastando-se dos malefícios da carne e do mundo físico.

Para os Cátaros, se a carne era o mal e a produto do Diabo, então Cristo não poderia ter nascido da Virgem Maria, a qual embora imaculada ainda era uma mulher real. O Nascimento da Virgem não passava assim de uma invenção simbólica, já que Cristo era um espírito puro, não físico, que "ensombrava" a Virgem Maria. Os Cátaros também negavam a Crucificação e a Ressurreição de Cristo, porque sem um corpo físico nada disso poderia ter acontecido. A transubstanciação do pão e do vinho recebidos na Eucaristia como o corpo e sangue de Cristo também era negada pelos Cátaros, tal como o era a existência do Purgatório e a eficácia de orar e venerar imagens. Negavam a existência da Santíssima Trindade (Deus Pai, Filho e Espírito Santo), pensavam que João Batista era um instrumento do Diabo o qual fora enviado à Terra para usurpar a missão de salvação de Cristo, e que Maria Madalena era a mulher de Cristo - sendo Cristo um espírito puro, mas habitando um corpo corrupto, e assim podendo casar.

Os Cátaros rejeitavam os sacramentos católicos (batismo, comunhão, confirmação, ordens sacras, penitência, extrema-unção e matrimônio), recebendo em vez disso o consolamentum ou consolação, que voltava a transformar a alma no seu estado perfeito. Todos aqueles que recebiam o consolamentum eram chamados perfecti, a elite pura, e desse momento em diante tinham de permanecer puros, abstendo-se da corrupção da carne ao não comerem carne, aves ou ovos, nem casando e tornando-se celibatários. Os rigores da vida como perfecti eram tais que crentes vulgares, credentes, não tinham de viver segundo estas regras, nem tinham de manter uma dieta restrita, e podiam casar e ter filhos. Os perfecti dedicavam-se a atingir a pureza, vivendo uma vida austera e monástica, e viajando aos pares de lugar em lugar, pregando e curando. Mesmo antes de morrer, um crente recebia o consolamentum, e desde esse momento, entrava no estado de endure, a partir do qual nada lhe podia tocar os lábios além de água. Já que estava agora em estado de graça, não era permitido ser tocado por nenhuma mulher. As mulheres eram vistas como especialmente maculadas, devida à sua suposta parte na Queda, pela qual o Diabo atrai almas, afastando-as do céu ao tentá-las com uma mulher bela. Apesar disso, as mulheres podiam e tornavam-se perfecti e eram vistas como iguais. Contudo, nenhum perfecti podia tocar numa mulher grávida, devido à corrupção das relações sexuais e porque o feto era considerado a criação do Diabo.

Para aqueles que morriam sem o benefício do consolamentum sua alma teria de reencarnar de novo e de novo, em um animal ou ser humano, até encontrar o corpo de um Homem Bom e ser capaz de atingir a perfeição. O martírio era uma forma de evitar uma nova reencarnação, o que em conjunto com a sua intenção de perdoar àqueles que os perseguiram, pode conduzir a uma explicação quanto ao motivo porque tantos milhares de pessoas estavam prontas a sacrificar as suas vidas pelas suas crenças. Em vez do Julgamento Final das almas - um conceito que os Cátaros não aceitavam - acreditavam que o mundo físico terminaria quando todas as almas tivessem sido libertadas dele.

Tal como com o dualismo, os Cátaros acreditavam na salvação pessoal, e até pessoas vulgares eram encorajadas a ler a Bíblia, especialmente o Evangelho de São João do Novo Testamento, já que as opiniões expressas no Evangelho de São João eram essenciais na formação das crenças dos Cátaros. O único texto sagrado cátaro que conhecemos é o Livro de João, semelhante ao Evangelho de São João, mas com o acréscimo de revelações dualistas. A Igreja Cátara foi organizada em dioceses, com bispos, deões e perfecti. Os serviços eram informais e mantidos ao ar livre, em cavernas, ou em casas.

Em 1209, o Papa Inocêncio III convocou uma cruzada contra os cátaros. A cruzada, conhecida como a Cruzada Albigense, segundo o nome da cidade cátara de Albi, foi particularmente sangrenta e cruel, reclamando milhares de vidas, tanto de cátaros como de cristãos. Nessa altura, os Cátaros começaram a fortificar muitas fortalezas de castelos, tais como Montségur no sul de França, o qual fora originalmente usado como um local de meditação. No entanto, com a cruzada, Montségur transformou-se num local de refúgio. Em 1243, Montségur foi cercado, mas o terreno montanhoso e difícil tornou-se demasiado para os cruzados. Os Cátaros renderam-se, por fim, a 2 de Março de 1244, depois de um cerco de dez meses, durante o qual se relata que muitos soldados se converteram e se juntaram às suas fileiras. Nos termos da rendição, permitia-se aos Cátaros 15 dias para se prepararem para o seu destino. Na noite que antecedeu a data da rendição, quatro cátaros escaparam pelo lado mais íngreme da montanha, levando consigo o tesouro cátaro. No que consistia este tesouro nunca foi revelado, e tem sido objeto de debate em inumeráveis livros. Tem-se conjecturado que este tesouro poderia ter sido o Santo Graal, a mítica "cabeça falante" dos Templários, também conhecida como Baphomet (ver entrada), importantes objetos de ritual cátaro, escritos sagrados ou, tal como Lynn Picknett e Clive Prince sugerem no livro *O Segredo dos Templários: O Destino de Cristo*, o tesouro pode bem ter sido os quatro cátaros. No dia da rendição, todos os 205 Cátaros no interior de Montségur foram conduzidos a cantar pela encosta, onde foram queimados na estaca nos campos do sopé da montanha.

A Cruzada Albigense continuou durante mais 11 anos, até 1255. A partir daí, ficou sob a responsabilidade da Inquisição livrar a região de cátaros, os quais ainda existiam em pequenas bolsas nos Pirineus. Informações sobre estes tempos vêm principalmente da pequena aldeia de Montailou, dos depoimentos dos aldeões questionados pela Inquisição. Em 1320, muitos líderes cátaros tinham sido queimados como heréticos, e o catarismo nunca mais conseguiu se recuperar.

Ver também: Baphomet; Bernardo de Claraval, São; Cruzada Albigense; Holy Blood, Holy Grail.

Catedral de Chartres

O objetivo da visita de Robert Langdon a Paris é uma preleção sobre o simbolismo pagão que está codificado na planta da Catedral de Chartres.

A Catedral de Chartres está situada no département Eure-et-Loir, a sudoeste de Paris, França. Chartres tem sido um importante local cristão deste o século VI d. C. Perto do século IX tinha-se tornado no centro do culto da Madona, e assim não é surpreendente que a catedral seja dedicada a Santa Maria, a Mãe de Cristo.

No século XI, a igreja que se erguia em Chartres foi substituída por uma tradicional catedral românica, a qual foi quase destruída pelo fogo no início do século XII. Assim, em 1145, começou o trabalho numa catedral muito maior e mais impressionante, a qual durante o passar de décadas culminou no magnífico edifício gótico, que pode ser hoje apreciado. Outro incêndio, em 1194, conduziu a uma nova fase da reconstrução até a catedral ser por fim, concluída em 1225.

A Catedral de Chartres foi a antecessora de muitas catedrais góticas construídas na França durante esta época, com as suas torres típicas, espirais, abóbadas com ogivas, arcos ogivais, arcobotantes que sustentam o peso do teto, e a impressionante utilização de vitrais. Pela primeira vez, a arquitetura gótica criou uma utilização do espaço cheia de luz e inspiradora de admiração, que permitiu aos construtores incorporarem a geometria sagrada e o simbolismo prevalecente nessa altura e conhecido apenas por uma pequena elite.

A nova arquitetura gótica parece coincidir com o período que se seguiu à Segunda Cruzada, em meados do século XII, e por este motivo tem sido vista por alguns como uma prova de que os cruzados regressavam trazendo consigo novas idéias, pensamentos e conceitos de arquitetura de regiões exóticas. Outros vêem isto como o resultado da geometria sagrada e dos métodos arquitetônicos descobertos pelos Cavaleiros do Templo em Jerusalém. Qualquer que seja a fonte da arquitetura gótica, a sua magnificência exterior foi amplificada pela iconografia religiosa e temporal e simbolismo tal como pode ser visto nas suas muitas estátuas, gravações, quadros e pinturas. Além do significado mais obvio das ornamentações e da arquitetura, as pinturas e representações escondem outro significado e conhecimento oculto. Dedicada à Virgem Maria, a catedral acentua o princípio feminino. As entradas um arco e janelas rosa têm sido identificadas com a anatomia feminina, acolhendo o observador no seu interior. Aí dentro, existe uma abundância de estátuas femininas e pinturas, embora uma estátua da Rainha do Sabá tenha bizarramente uma barba. A mais antiga representação de Maria Madalena pode ser encontrada nos vitrais. Esta mostra a sua vida na França, seguindo a tradição de que ela fora para lá após a Crucificação de Cristo. Em 1200, um labirinto com um plano de onze circuitos de quatro quadrantes foi colocado no chão.

No seu centro, encontra-se o desenho de uma rosa, realçando a luz e o feminino. O labirinto do chão, no qual peregrinos andavam em círculo em

oração meditativa, é ainda mais outro símbolo da anatomia feminina freqüentemente usada nessa época.

A catedral também contém gematria, um antigo código hebraico de cifra que é utilizado para pronunciar frases religiosas. Em gematria, um valor numérico é atribuído a cada letra, de forma que palavras possam ser equiparadas a um desenho e frases de valor equivalentes possam ser ditas para partilhar um significado. Isto pode ser encontrado codificado por todo o edifício, bem como referências à Arca da Aliança.

Ver também: Culto da Deusa; Maria Madalena.

Cavaleiros do Templo

A mais antiga ordem militar de monges, os Cavaleiros do Templo, foi formada em 1118 quando um cavaleiro de Champagne, um certo Hughes de Payens, e oito dos seus companheiros se uniram com um voto perpétuo tomado perante o patriarca, ou soberano, de Jerusalém. Inicialmente, eles sobreviviam à base de donativos e eram conhecidos como os Pobres Cavaleiros de Cristo.

Os Cavaleiros do Templo são mencionados por todo *O Código Da Vinci* em associação ou com o Santo Graal ou com a descoberta do chamado tesouro do templo de Jerusalém.

Os Cavaleiros adotaram rapidamente o famoso hábito branco originário dos Cistercienses, acrescentando a este uma cruz vermelha. O seu voto inicial era o de defenderem as estradas da Terra Santa para os novos peregrinos, que afluíam a Jerusalém vindos da Europa, após a Primeira Cruzada. Contudo, passado pouco tempo, os Cavaleiros tornaram-se uma fonte de poder por direito próprio, com grandes números juntando-se à nova ordem, apesar da aparente austeridade da sua regra monástica.

Nessa época, a Igreja favorecia os Cavaleiros. As suas propriedades estavam isentas de impostos, eram empilhados sobre eles favores de todos os tipos, não eram sujeitos a jurisdição, e não tinham de pagar os dízimos eclesiásticos que eram numerosos na época. Isto por sua vez conduziu a uma crescente antipatia pela ordem, vinda de certas seções do clérigo secular. A sua força foi suportada por fileiras de impressionantes castelos construídos na Terra Santa, estes serviram tanto como locais de campanhas militares como capelas para as quais os monges guerreiros se retiravam.

O nome Cavaleiros do Templo parece aludir ao fato de que tinham o seu quartel-general histórico em Jerusalém, na Cúpula da Rocha, no Monte do Templo, o qual rebatizaram com o nome de Templum Domini. Muitos acreditavam que este era o local onde existira o lendário Templo de Jerusalém construído por Salomão, com o seu suposto tesouro. Igrejas subseqüentes e fortificações construídas pelos Templários tiveram como base este local, tal como a Igreja do Templo em Londres.

Os Templários gozavam da proteção da Bernardo de Claraval, o fundador da ordem cisterciense o qual defendia, no interior da Igreja, a sua causa a todos aqueles que quisessem ouvi-lo. Como resultado, receberam diversas Bulas Papais, ou notificações, que os autorizavam a aumentar impostos e dízimos em

regiões por eles controladas. Isto, por sua vez, deu-lhes um poder e autoridade imediatos.

Um dos primeiros sistemas bancários internacionais foi estabelecido por esta ordem, e cavaleiros ricos e senhores da terra deixavam freqüentemente o grosso da sua fortuna nas mãos cuidadosas da ordem - por uma determinada taxa, é claro. Com o correr do tempo, os Templários acabaram por possuir extensas propriedades tanto na Europa como no Oriente Médio, a determinada altura, estiveram quase a obter o domínio do reino espanhol de Aragão, depois de terem lutado em uma campanha espanhola.

A ordem obteve a reputação de ser reservada e obcecada com rituais, e esta reputação, em conjunto com o enorme poder financeiro e militar dos Cavaleiros, foi provavelmente o motivo para a sua queda em 1307. A 13 de Outubro de 1307, uma sexta-feira (a origem da idéia de má sorte caindo numa sexta-feira 13), um número substancial de Cavaleiros do Templo na França foram presos por Filipe, o Belo da França. Muitos foram torturados e executados, e outros foram forçados a admitir que a ordem praticava atos heréticos, incluindo a adoração de Baphomet, um ídolo com uma cabeça de cabra. O Papa Clemente V emitiu uma Bula Papal dissolvendo a ordem e, oficialmente, esta deixou de existir. No entanto, parece que remanescentes da ordem permaneceram, especialmente em Portugal e na Escócia, onde Robert, The Bruce, já excomungado pela Igreja, acolheu a ordem no seu país. Alguns têm especulado que uma divisão de Cavaleiros do Templo pode ter entrado na refrega do lado dos escoceses na Batalha de Bannockburn, onde um exército de 10 000 homens conduzidos por Bruce conseguiu derrotar um contingente de 25 000 ingleses, em 1314.

Desde que a ordem foi dispersa que cresceu a especulação que eles tinham descoberto um enorme tesouro sob o Monte do Templo. Persistem histórias de muitas arcas, cheias de livros e documentos que estes teriam ocultado e levado da França nas vésperas da sua queda - muitos localizaram o destino destes documentos em Inglaterra e na Escócia. Abundam teorias que eles encontraram não apenas uma enorme riqueza sob o Monte do Templo, mas também a Área da Aliança e até o próprio Santo Graal - informação que seria prejudicial para a Igreja. Rumores e lendas também associam os Templários com a Capela Rosslyn e com Rennes-le-Château no sul de França, um local central para a história do Priorado do Sião.

Afinal, os Templários foram apenas vítimas do seu próprio sucesso. O seu poder e posição tornou-os extremamente impopulares em certas seções da Igreja, e isto conduziu à sua eventual queda. Isto, juntamente com o fato de o Rei Filipe, o Belo querer meter as mãos na sua organização e rede bancária, significava que eles iriam enfrentar uma ruína inevitável.

Será que os Templários protegeram o conhecimento do Santo Graal e o que este era? Provavelmente não, mas a não ser que o tesouro seja encontrado nunca o saberemos.

Ver também: Bernardo de Claraval, S.; Priorado de Sião; Santo Graal.

Cifra Atbash

O conhecimento deste sistema de código hebraico é necessário para Sophie Neveu, Robert Langdors e Leigh Teabing, no romance, quando eles o encontram em um verso que diz "... e o atbash dir-voa-á a verdade".

A cifra, que data de perto de 500 a. C., usa as letras do alfabeto hebraico num sistema de substituição onde cada letra é substituída por uma outra a uma distância igual, da extremidade oposta do alfabeto. Por outras palavras, a primeira letra é substituída pela última, a segunda letra pela penúltima, e por aí fora.

Ver também: Baphomet; Langdon, Robert Neveu; Sophie; Teabing,

Cilício, Correia

A correia que Silas, o monge albino, usa à volta da coxa esquerda, no livro *Uma Correia Cilício* é uma corrente com espigões que é usada em volta da coxa, durante cerca de duas horas por dia por membros da Opus Dei, conhecidos como Numerários. Poucos membros admitem usarem o cilício já que este é talvez a mais severa e terrível das mortificações corporais que eles suportam. Quando usado, o cilício pode deixar pequenos orifícios na carne, mas tem de estar extremamente apertado para infligir o tipo de feridas que Silas tem de sofrer.

Ver também: Opus Dei.

Clemente V, Papa

O nome do Papa Clemente V surge n'O *Código Da Vinci* relacionada com a catástrofe que se abateu sobre os Cavaleiros do Templo em 1307. Esta ordem militar perdera credibilidade assim que o reino dos cruzados de Outremer, na Terra Santa, se encontrou nas mãos daqueles vistos como infiéis pela Igreja Católica. Em debates com Robert Langdon e Leigh Teabing, Sophie Neveu fica sabendo que o papa condenava práticas dos Cavaleiros do Templo que, alegadamente, incluíam a adoração da cabeça de Baphomet, visto como um ídolo.

Coroadado como Papa Clemente V, Borland de Gouth nasceu em 1264 na Gasconha, na França. Tomou-se Arcebispo de Bordéus, França, quando era capelão do Papa Bonifácio VIII, o qual se encontrava em conflito com Filipe IV rei de França. O rei considerava-se com direito a regime de exceção em relação à Bula Papal de Bonifácio, Unam Sanctam, a qual decretava que a autoridade papal era suprema. Um dos agentes de Filipe manteve Bonifácio cativo durante três dias, o que se pensa ter acelerado a sua morte. Portanto, não é assim surpreendente que após a sua própria elevação ao papado em 1305, numa coroação à qual o Rei Filipe IV assistiu, Clemente V tenha adotado uma política de cooperação em relação à soberania francesa.

Ele retirou a Unam Sanctam, a qual fora tão ofensiva para Filipe, e também concordou com um julgamento no qual o seu antecessor, Bonifácio, era acusado de heresia. Clemente foi suficientemente corajoso para expressar a sua opinião pessoal de que Bonifácio era inocente dessas acusações e arrastou o julgamento durante dois anos, o que foi tempo suficiente para Filipe abandonar o processo.

Filipe IV também alvejou os Cavaleiros do Templo, os quais através das suas atividades financeiras eram extremamente ricos enquanto organização. Os Cavaleiros foram acusados de heresia, imoralidade e cobiça, e o Papa Clemente concedeu o seu apoio à repressão dessa ordem. Isto culminou na sexta-feira, 13 de Outubro de 1307, na prisão de todos os Templários de França, incluindo o Grão-Mestre, Jacques de Molay.

Foi usada a tortura para extrair confissões de heresia, e em 1312, Clemente suprimiu a Ordem dos Cavaleiros do Templo com uma Bula Papal chamada Vox in Excelso. A propriedade da ordem foi concedida a outra seita militar, os Cavaleiros Hospitalários, embora na França o rei tivesse conseguido manter as propriedades até a sua morte. Jacques de Molay confessou inicialmente heresia sob tortura, mas mais tarde retratou-se, e foi queimado vivo em 1314. Dizia-se que enquanto morria, de Molay profetizou que ele se encontraria tanto com Filipe IV como com Clemente V dentro de um ano, o que veio a se realizar.

A cadeira do poder papal, que sempre pertencera a Roma, foi deslocada para Avignon, na França, em 1309, e este período, conhecido como o Papado de Avignon, durou quase 70 anos. A situação política na Itália, onde facções rivais se digladiavam, deteriorou-se bastante durante o reinado de Clemente, e exércitos papais colidiram com a cidade de Veneza.

Quando morreu em Abril de 1314, Clemente V deixou como legado uma reputação de papa fraco e obediente que fora manipulado por Filipe IV.

Ver também: Baphomet; Cavaleiros do Templo.

Codex Leicester

Um livro de notas composto por Leonardo Da Vinci em Milão, entre 1506 e 1510. Foi escrito com tinta sépia em 18 folhas soltas de dois lados em velino, estando cada uma dobrada e perfazendo um total de 72 páginas, Leonardo dirige-se "ao leitor" em diversas partes do texto.

O Codex Leicester é notável pelas brilhantes notas e deduções científicas, bem como pela utilização da escrita invertida utilizada por Leonardo, a qual é imitada n'O *Código Da Vinci* pelo método que Jacques Saunière utiliza para disfarçar o verso que resolve o criptex número um. Esboços numerosos acompanham o texto, e este cobre um extenso leque de observações, desde teorias sobre astronomia até às propriedades referentes às pedras, água, fósseis, ar, e luz celeste.

O Codex Leicester que foi batizado com o nome da família inglesa que o comprou em 1717, pertence agora a Bill Gates, co-fundador da Microsoft e o homem mais rico do mundo. Está neste momento em exibição no Museu de Arte de Seattle.

Ver também - Leonardo Da Vinci.

Collet, Jérôme

Este tenente da Polícia é o assistente de Bezu Fache e parece seguir a ação pela França, quando *O Código Da Vinci* ganha ritmo. Em francês, "Collet" significa colar ou nó, e em vernáculo a palavra é utilizada para descrever ser-se apanhado pela Polícia.

Ver também: Fache, Bezu.

Concílio de Nicéia

Este concílio regulamentou muitos dos aspectos que *O Código Da Vinci* explora no romance. No livro, Teabing diz que foi no Concílio de Niceia que se decidiu quais os evangelhos que seriam incluídos no Novo Testamento e quais os que não o deveriam ser. Embora não saibamos se isto é historicamente correto, o concílio decretou sobre uma questão chave que está no centro do mistério que os personagens procuram resolver - se Jesus era ou não mortal (e assim sendo capaz de casar e de ter filhos). A crença de que Cristo era mortal era conhecida como a Heresia Ariana. Contudo, o Concílio de Niceia decretou que Cristo era divino e dessa forma, não poderia ter casado.

O Imperador Constantino convocou o primeiro concílio ecumênico da Igreja em 325, essencialmente para terminar com a divisão e a desarmonia existente no interior da Igreja, causada pela Heresia Ariana. O seu outro objetivo era de estabelecer uma data comum para a Páscoa. Ao debater e fixar o assunto da Heresia Ariana, o Concílio de Niceia formulou uma das mais importantes doutrinas da fé cristã: nomeadamente, a Santíssima Trindade de Deus, o Pai, Deus, o Filho, e Deus, o Espírito Santo.

A importância de regulamentar este assunto é demonstrada pela intenção de Constantino de que todos os bispos assistissem. Para assegurar a sua vinda, era concedida aos bispos a utilização gratuita do sistema de transporte imperial, permitindo-lhes viajar sem custos pessoais e sob a proteção do exército romano. Originalmente, um concílio iria reunir-se em Ancyra, mas Constantino mudou o local para Nicéia (conhecida hoje como Iznik, na Turquia), mais para ocidente, facilitando assim a presença dos bispos da Itália e da Europa, e de forma a que ele mesmo pudesse observar os procedimentos e participar deles.

O concílio foi convocado para 19 de Junho de 325, e esteve reunido durante dois meses, com diversos registros relatando que se encontravam presentes entre 250 e 320 bispos. O Imperador Constantino chegou no início de Julho e discursou perante o concílio sobre a importância da harmonia. Existem três documentos que sobreviveram ao concílio: o Credo de Nicéia, os cânones, e uma carta dirigida à Igreja Egípcia.

A Heresia Ariana tinha permeado todos os níveis do Cristianismo através do Império Romano. Constantino queria uma Igreja harmoniosa, sem divisões, de forma a promover a paz e a prosperidade, e estava preocupado com a dissensão interna causada pelo Arianismo que ameaçava a estabilidade do império. O Arianismo nascera das opiniões heterodoxas de Ário, um cristão da Alexandria, no Egito. Este sustentava a visão de que Cristo não era uma divindade, mas o "primeiro e a maior das criaturas de Deus". A falta da divindade em Cristo

significava que Ele estava sujeito ao pecado e à mudança. Ário afirmava que Cristo tinha um início, ao contrário de Deus O qual "é sem início" e que "antes da Sua geração. Ele não era".

Crê-se que o próprio Constantino foi influenciado pela perspectiva ariana, bem como por alguns bispos arianos. Isto demonstra o enorme desejo de Constantino de impedir o desenvolvimento do cisma, estando ele preparado para apoiar a decisão do concílio que condenava o arianismo e confirmava a doutrina estabelecida da Igreja. Os bispos produziram um credo que enfatizava a divindade de Cristo e a relação entre Deus, Cristo e o Espírito Santo. O Credo de Nicéia afirmava:

“Cremos num só Deus, o Pai, todo poderoso, criador de todas as coisas visíveis e invisíveis. E num só Senhor, Jesus Cristo, o Filho de Deus, o único concebido pelo Pai, que é da substância do Pai, Deus de Deus, luz da luz. Deus Verdadeiro de Deus Verdadeiro, gerado e não criado, consubstancial do Pai, pelo qual todas as coisas vieram a ser, tanto aquelas no céu como aquelas na terra; para nós, humanos, e para a nossa salvação ele desceu, encarnou e tornou-se humano, sofreu e ergueu-Se ao terceiro dia, subiu aos céus, e voltará para julgar os vivos e os mortos. E no Espírito Santo.”

Neste Credo, os bispos confirmaram que Cristo não fora criado pelo Deus, o Pai, mas que era da mesma substância Deste ("que é da substância do Pai"), que Deus, o Pai, e Cristo eram ambos Deus ("Deus de Deus, luz da luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro") e que Cristo era divino e uno com o Pai ("consubstancial ao Pai"). O termo "consubstancial" (em grego homoousios) tem sido objeto de muitos debates ao longo dos tempos e parece ter sido um termo decidido pelo próprio Constantino,

Acrescentou-se uma nota ao Credo, de forma que a Igreja Católica e Apostólica denunciasses quem quer que concordasse com sentimentos arianos. Foi assinado por todos os bispos presentes com exceção de Secundus de Ptolemais e Theonas de Marmarica, os quais Constantino devidamente baniu, bem como Ário. Deve ser referido que esta não foi a resolução final quanto à questão da Trindade, com debates posteriores sobre o assunto nos anos que se seguiriam. O Credo de Nicéia foi mais tarde retificado no Primeiro Concílio de Constantinopla em 381, e este é conhecido como o Credo Niceno.

O outro assunto, aquele que se referia à Páscoa, também mal regulamentado pelo concílio, o qual decretou que a Páscoa deveria cair num domingo, após a primeira lua cheia do equinócio vernal (embora a data do equinócio vernal tivesse permanecido como um ponto de discórdia durante os anos que se seguiriam).

O objetivo dos 20 cânones era o de estabelecer uma Igreja universal com observâncias e práticas comuns em todos os locais. De acordo com isto, as regiões geográficas de autoridade e jurisdição para Roma, Alexandria, Antioquia e Jerusalém foram regulamentadas bem como outros assuntos de menor importância. Estes incluíam a não permissão no sacerdócio a quem se tivesse premeditadamente castrado e não permitia a ninguém que fora excomungado juntar-se a uma igreja em outra diocese. O concílio também estabeleceu que qualquer clérigo que cobrasse juros sobre empréstimos deveria ser demitido do sacerdócio, e debateu quem poderia ou não dar ou receber a comunhão.

Ver também: Constantino o Grande.

* Com o passar dos séculos e o aparecimento de diferentes igrejas dentro da Igreja Cristã, como por exemplo a união da Igreja Católica com a Igreja Apostólica formando a Igreja Católica Apostólica Romana, o Credo sofreu algumas alterações e inclusões ao seu texto original. (N. da T.)

Constantino, o Grande

N'O *Código Da Vinci*, Langdon e Teabing precisam passar informações a Sophie para a ajudar a compreender as crenças e ações do seu avô. Estes explicam que muitas crenças doutrinárias da Igreja moderna, e a exclusão de alguns Evangelhos da Bíblia, foram instigados por Constantino, o Grande.

Constantino foi o primeiro imperador "cristão", embora ainda mantivesse muitos ideais pagãos, e foi o responsável pela unificação do Império Romano após anos de discórdia. No ano 325 d. C., organizou o primeiro concílio da Igreja Cristã em Nicéia, o qual unificou a Igreja e conduziu à formulação do conceito de Santíssima Trindade, uma das mais importantes doutrinas da fé cristã.

Constantino nasceu em 274, na atual Albânia. Enquanto soldado do exército romano, integrou a expedição de Diocleciano ao Egito em 296 e lutou na Guerra Persa. Na época, existiam dois imperadores romanos, um situado a oriente do Império, e outro a ocidente. Em 305, os imperadores Diocleciano e Maximiano abdicaram e foram sucedidos por Galero, imperador no oriente, e pelo pai de Constantino, Constâncio Cloro, o qual reinou no ocidente. Contudo, passado apenas um ano, Constâncio Cloro morreu, nomeando Constantino como seu sucessor, para governar em conjunto com o imperador Galero.

Os problemas políticos e perturbações no seio do Império Romano, que ocorriam na altura, conduziram a enormes lutas internas, e perto de 308, havia seis imperadores governando simultaneamente: três no oriente (Galero, Licínio e Maximino) e três no ocidente (Constantino, Maximiano e o seu filho, Maxêncio). Contudo, em 309, Maxêncio depôs o seu próprio pai, Maximiano, o qual mais tarde cometeu suicídio. Assim restavam apenas Constantino e Maxêncio, o qual batalhou pelo domínio do Império Romano do Ocidente. Foi em 312, antes da batalha perto de Roma contra Maxêncio, que Constantino teve a visão de uma cruz em chamas no céu, com as palavras "com isto conquista". Constantino venceu a batalha, Maxêncio afogou-se, e depois disso, devido à sua visão, Constantino converteu-se ao Cristianismo.

Constantino era agora o único imperador do ocidente e, com a morte de Galero em 311 e a de Maximino em 313, Licínio era o único imperador no oriente. Apesar de um certo nível de concórdia entre os dois imperadores, incluindo o Édito de Milão (313), o qual concedia tolerância e direitos civis aos Cristãos por todo o Império Romano; em 314, Constantino e Licínio defrontaram-se numa batalha que resultou na derrota de Licínio o qual cedeu a Constantino Illyricum, Pannónia e a Grécia. Constantino concentrava-se agora no fortalecimento das suas fronteiras, e em 323-324, voltou a derrotar Licínio, desta vez executando-o, Constantino era agora o único imperador romano. De forma a encontrar-se numa

posição mais central, Constantino mudou a sua capital para Bizâncio, a qual em 330 rebatizou com o nome de Constantinopla.

Constantino provou ser um governante benévolo, retificando a corrupção e permitindo a outras religiões continuarem as suas práticas em paz. No entanto, em 325, e devido às tensões e crescentes divergências no seio da Igreja Cristã, as quais ameaçavam a própria estabilidade que o Imperador Constantino se esforçara tão arduamente por conseguir, ele achou necessário convocar um concílio da Igreja em Nicéia, com a presença de todos os bispos cristãos. Tal como demonstrado pelo discurso que Constantino fez perante o concílio, o seu desejo de harmonia era a sua principal preocupação, já que esta asseguraria a paz e a prosperidade no Império. Havia duas questões importantes que necessitavam de atenção, sendo a principal a Heresia Ariana e a segunda, as datas díspares referentes à Páscoa, já que ambas estavam provocando divisões.

A Heresia Ariana negava a divindade de Jesus Cristo, e após muito debate, os bispos produziram um credo - o Credo de Nicéia - que afirmava que a crença Cristã em Deus, o Pai, Deus, o Filho, e Deus, o Espírito Santo, confirmava assim a divindade de Cristo. A data para a Páscoa foi fixada para o domingo após a primeira lua cheia do equinócio vernal (embora a data do equinócio vernal tivesse permanecido um ponto de discórdia durante os anos que se seguiriam). Muitos dos livros que integram o que nós conhecemos como o Novo Testamento foram supostamente escolhidos pelo Concílio de Nicéia.

Apesar das inclinações de Constantino para o Cristianismo, só foi batizado em 326. Foi sugerido que Constantino escolheu o Cristianismo como a religião oficial do Império Romano, como a forma de usar o poder do Deus Cristão para beneficiar o império. Quaisquer que tivessem sido os seus motivos, o apoio de Constantino ao Cristianismo assegurou o seu crescimento, poder e influência, e embora ele tivesse permitido a continuação de templos pagãos, a riqueza destes foi redistribuída pelas igrejas cristãs.

Infelizmente, o desejo de Constantino quanto à harmonia não se refletiu na sua vida pessoal, e em 326, o seu filho Crispus foi executado por traição, tal como a sua segunda esposa Fausta, em 327. A 22 de Maio de 337, Constantino morreu. Tendo conseguido controle total sobre um império unificado, ele legou-o aos seus três filhos, Constâncio II, Constantino II, e Constante, dividindo assim mais uma vez o Império Romano.

Ver também: Concílio de Nicéia.



Cruzada Albigense

Uma das cruzadas anti-heréticas executada pela Igreja Cristã é aquela que aconteceu no século XIII contra os Cátaros, também conhecidos como Albigenses, segundo o nome do reduto cátaro de Albi, uma cidade no Languedoc, na França. A história dos Cátaros é fundamental para as questões levantadas n'O *Código Da Vinci*. O principal "segredo" no âmago do romance - a teoria de que Jesus e Maria Madalena eram casados - é uma crença cátara. É a supressão, por parte da Igreja, destas teorias heréticas que forma a base da intriga de Dan Brown.

A Cruzada Albigense foi uma cruzada particularmente sangrenta e impiedosa, e calcula-se que desde o seu início em 1209 até 1255, mais de 100 000 citaras e languedocianos foram massacrados. As campanhas foram registradas sob a forma de crônica pelo monge cisterciense. Pierre des Vaux-de-Cemay no seu livro, *Historia Albigencis*.

Em Languedoc, a influência e autoridade dos Cátaros estava minando seriamente a Igreja Católica. O Papa Inocêncio III estava particularmente preocupado e exasperado pela atitude da nobreza languedociana, que pouco fazia para impedir os Cátaros de praticarem a sua religião ou de lidarem com a sua ameaça crescente. Em 1206, o Conde Raimundo VI de Toulouse recusou juntar-se a uma liga de cavaleiros que o núncio papal, o Abade Arnaud Amaury, quisera formar para livrar a região de Cátaros. Raimundo VI não tinha qualquer vontade de iniciar uma guerra contra os seus próprios súditos, e em Maio de 1207 foi por isso excomungado, segundo mandato do assistente de Amaury Pierre de Castelnau. Em Janeiro de 1208, enquanto visitava Raimundo VI, Castelnau foi assassinado por um dos cavaleiros do conde. Este ataque óbvio à autoridade papal enfureceu de tal forma Inocêncio III que este convocou uma cruzada contra o Languedoc e, sobretudo, contra os Cátaros. A convocação foi aceita pelos barões do norte, possivelmente tentados pela riqueza do Languedoc e pela autorização papal de tomarem terras cátaras com toda a impunidade. Um desses cavaleiros era Simão de Montfort, o qual teve um papel fundamental na Cruzada Albigense, e cujo nome espalhou o medo e o ódio nos habitantes da região.

A primeira grande baixa causada pela Cruzada foi a cidade de Béziers, onde chegaram as forças de Montfort, a 21 de Julho de 1209. Os cruzados ordenaram aos habitantes católicos da cidade que entregassem os cátaros que viviam entre eles, mas estes se recusaram. Foi-lhes então dito que poderiam deixar a cidade sem medo, de forma a que os cruzados pudessem entrar e prender os cátaros, Se não o fizessem, os habitantes seriam ameaçados com a excomunhão - uma intimidação real e convincente no tempo. Apesar deste aviso, os habitantes recusaram-se a deixar os cátaros e até juraram defendê-los. As forças de Montfort cercaram assim a cidade, com Amaury o núncio papal, recomendando-lhe para "não mostrar qualquer misericórdia quer quanto à ordem, idade ou sexo. Cátaro ou católico, matem-nos a todos. Deus reconhecerá os Seus". O massacre que se seguiu resultou na chacina de, aproximadamente, 15000 homens, mulheres e crianças, dos quais apenas 222 eram cátaros.

A cidade que se seguiu foi Narbonne, a qual se submeteu às forças, de Montfort, e em Agosto de 1209, Carcassonne também se rendeu após um cerco breve mas astucioso, após o qual foi permitido aos habitantes da cidade partir

levando consigo "apenas os seus pecados". As terras conquistadas foram concedidas a Montfort, e grande parte do exército foi disperso.

Contudo, na sua ausência, as cidades e os castelos recentemente derrotadas alinharam-se com Raimundo VI de Toulouse, apenas para serem de novo conquistadas por Montfort e os seus aliados numa data posterior. Quando a Cruzada recomeçou, muitas mais cidades e castelos caíram, e perto de 1213, todas as terras de Trencavel tinham sido conquistadas e Toulouse capturada.

Na época, o único poder capaz de derrotar os Cruzados pertencia a Pedro, rei de Aragão, o qual mantinha soberania sobre algumas terras da França, e procurava manter e aumentar aí a sua influência. Em Setembro de 1213, ele atacou Muret em Toulouse, mas foi derrotado e morto pelo exército de Montfort. Em 1215, Montfort tomou parte numa campanha ao longo do Dordogne, apoderando-se de muitos castelos cátaros abandonados, incluindo Domme e Castelnaudray. Nessa altura, o Príncipe Luís de Espanha e as suas forças juntaram-se ao exército de Montfort no cerco a Toulouse.

Entre 1215 e 1225, muitas cidades uniram-se contra os cruzados, incluindo Avignon, uma cidade importante que caiu sob o domínio do Conde da Provença. Em 1216, a cidade aquartelada de Beaucaire presenciou a primeira grande derrota de Montfort, mas as suas forças reagruparam-se e foram capazes de continuar para capturarem Toulouse e Bigerre, sendo derrotadas em Lourdes, o limite mais a ocidente da Cruzada Albigense.

Em Setembro de 1217, o filho de Raimundo VI, Raimundo VII, com o auxílio de Aragão, tomou Toulouse. Na Primavera do ano seguinte, Montfort cercou a cidade mas foi morto a 25 de Junho de 1218, por uma pedra disparada a partir de um instrumento de artilharia, operado por um grupo de mulheres. Com a perda de Montfort, a Cruzada tomou uma perspectiva diferente desse momento em diante, já que não existia um homem com as suas capacidades e energia para conduzir os cruzados. A falta de um líder coerente permitiu a Raimundo VII e ao Conde de Foix derrotarem os franceses, em Baziège. Grande parte da região do Midi estava agora nas mãos de Raimundo VII e dos seus aliados. Os triunfos de Raimundo VII conduziram ao reaparecimento do Catarismo, e em 1223, o status quo era tal que pouco fora obtido pela Cruzada e a posição era semelhante àquilo que fora em 1209.

Em 1226, Luís VIII de França conduziu uma nova Cruzada para o Languedoc, com a maioria das cidades e castelos rendendo-se sem luta, sinal do cansaço provocado pelas batalhas na população. Contudo, Avignon resistiu durante três meses antes de se render a 12 de Setembro de 1226. À morte do Rei Luís VIII em Auvergne, a 8 de Novembro de 1226, o seu senescal, Humbert de Beaujeu, conduziu a Cruzada cercando Labécède, onde chacinou toda a população.

O último bastião de resistência era Toulouse, a qual agüentou um cerco duro. Este apenas terminou quando se acordou que a filha de Raimundo VII casaria com o filho de Branca de Castela. A 12 de Abril de 1229, Raimundo VII aceitou os termos do Tratado de Paris, concordando também em lutar contra a heresia dos Cátaros, demolir as defesas de Toulouse, obedecer à Igreja, e pagar prejuízos no valor de 20000 marcos. Foi nesse momento que a Inquisição se estabeleceu em Toulouse, e a partir de 1233 em todo o Languedoc. Todos os

Cátaros eram perseguidos, torturados e queimados vivos, as atividades horrendas da Inquisição causaram um grande desassossego na região, provocando revoltas em Toulouse, Cordes, Albi e Narbonne. Em 1240, Raimundo-Rogério IV de Trencavel conduziu uma revolta derradeira em Carcassonne, mas foi derrotado e deixou a França com o seu exército.

A perseguição dos Cátaros fez com que muitos fugissem para as poucas fortalezas que lhes restavam, sendo a mais famosa Montségur nos Pirineus, uma fortaleza fortemente fortificada e empoleirada no alto de uma montanha íngreme. O cerco começou em Novembro de 1243 e, por fim, em Fevereiro de 1244, a população no seu interior rendeu-se. Em 16 de Março, os 210 cátaros no interior de Montségur marcharam pela encosta da montanha e foram queimados como heréticos no sopé desta. Em Agosto de 1255, o cerco a Quéribus, uma pequena fortaleza catara, assinalou o fim da Cruzada Albigense.

Ver também: Cátaros.



Culto da Deusa

Os personagens Jacques Saunière e Robert Langdon d'*O Código Da Vinci* são especialistas na deusa e no seu simbolismo. Torna-se claro no romance que Saunière expandiu a coleção de figuras da deusa no Louvre e que Robert Langdon estava preparando um manuscrito para um novo livro, intitulado *Symbols of the Lost Sacred Feminine*.

N'*O Código Da Vinci*, também se torna claro que a figura de Maria Madalena representa e simboliza a deusa original e a sua subsequente veneração.

O culto da deusa remonta a, pelo menos, 35 000 a. C. e dessa forma pode alegar-se que o culto da deusa é a mais amiga das religiões mundiais, tendo uma história e uma herança que se estende para além das brumas do próprio tempo. Com o surgimento do homem de Cro-Magnon, os primeiros humanos reconhecíveis, perto de 35000 a. C., começamos por ver imagens e trabalhos artísticos que parecem representar a figura da deusa. *The Language of the Goddess*, um livro de Marija Gimbutas, é um bom local para ver algumas destas figuras.

Vista originalmente como a mãe de todas as coisas, a evolução da figura da deusa pode ser registrada através do Oriente Médio, Europa e também da Índia, onde a religião Hindu levou o culto da deusa a uma plataforma espiritual mais elevada. Em tempos bíblicos, o culto da deusa foi praticado por toda Terra Santa, com a deusa Asherah sendo especialmente venerada e, em algumas tradições, vista como a consorte de Yahweh, ou o Próprio Deus. Asherah foi simbolizada em muitos locais pelas chamadas pedras Asherah, pedras colocadas verticalmente que não só representavam a deusa, mas que também parecem ter o simbolismo duplo do falo. Nessa época, foi empreendido um esforço combinado para suprimir

o culto ou veneração da deusa, com o aparecimento de uma sociedade mais patriarcal, o deus, rei, sacerdote, e pai substituindo a deusa, rainha, sacerdotisa, e mãe. Na verdade, foi apenas em anos recentes que a Igreja Cristã elegeu mulheres sacerdotes, mostrando quão completa fora a subjugação da mulher pela doutrina judaico-cristã. Também no Islã parece que a supressão do feminino teve lugar, com alguns investigadores teorizando que as origens da suprema divindade islâmica, Allah, reside na deusa Al-lat a qual foi associada com a Kaaba em Meca, um altar pré-muçulmano que foi usurpado para a fé islâmica pelo próprio Maomé.

No Egito, Ísis foi vista como a derradeira personificação do feminino, com um certo número de outras deusas fazendo também parte integrante da litania de divindades superiores - embora, no Egito, a deusa fosse vista como o ventre que permitia o nascimento do deus, neste caso de Hórus, o Novo, com o nome da deusa Hathor significando literalmente "Casa de Hórus".

No Concílio de Éfeso em 342 d. C., uma reunião de bispos cristãos decidiu que a Virgem Maria deveria ser conhecida como Theotokos, ou "Mãe de Deus", colocando-a assim no papel da deusa, embora fossem cuidadosos em não lhe conceder habituais atributos de fertilidade associados com as figuras da deusa. A veneração posterior das Madonas Negras por toda a Europa parece ser um reconhecimento da figura da Virgem Maria, como uma deusa por direito próprio - embora na Igreja Católica Romana, Maria seja vista como uma, mãe submissa e uma figura complacente, negando assim muitas das características que estão por norma associadas à deusa.

Na Europa medieval, muitos milhares de mulheres foram queimadas vivas por práticas de bruxaria. Esta cruzada contra o feminino reprimiu, mais uma vez, o desenvolvimento do poder e da independência femininos, e subjugou o culto da deusa que estava ganhando ímpeto.

Os cultos da deusa viram uma espécie de renascimento no século XIX, com o ressurgimento da religião Wicca no norte da Europa. Também conhecida como "magia branca", a religião Wicca mantém a deusa numa elevada estima, com uma crença subjacente em equilíbrio entre o deus e a deusa, uma espécie de dualidade. Muitos movimentos feministas modernos também elevaram a deusa a alturas recentemente encontradas, e hoje em dia, o culto da deusa está de novo gozando um renascimento.

Desde tempos antigos, a deusa foi associada com a Lua. Esta associação está ligada aos ciclos corporais da mulher e aos ciclos lunares, e também com o fato de que a Lua tem três fases - crescente, cheia, e minguante - correspondentes às três fases da deusa: donzela, mãe, e velha. Cada uma destas fases da deusa tinha um valor e um objetivo diferentes. A donzela representava juventude, sexualidade e vigor; a mãe representava a personificação do poder feminino, fertilidade e o impulso de criar; a velha representava experiência, compaixão e, acima de tudo, sabedoria.

Atualmente, a veneração e a compreensão da energia e da espiritualidade da deusa estão, de novo, em evidência. Nos milênios de existência dos modernos seres humanos, a figura da deusa tem sido onipresente. Suspeito que enquanto a humanidade se encontrar no planeta, será este o caso, A deusa pode, na verdade, reivindicar a sua posição como a divindade original e a mais antiga.

* Nome dado ao santuário no centro da Grande Mesquita de Meca, que contém uma pedra Sagrada negra, na direção da qual os muçulmanos devem se virar quando em oração. O santuário tem uma forma quadrada e é feito de granito e mármore pré-islâmico e diz-se que foi mandado construir por Abraão seguindo ordens divinas. É considerado pelos muçulmanos como o umbigo da Terra. A pedra sagrada é feita de basalto e está alojada no canto oriental do santuário, É segundo a tradição islâmica, no dia do Julgamento Final a pedra falará como testemunha dos pecados da humanidade. (N. da T.)

Ver também; Ísis; Madonas Negras; Maria Madalena.

Dossiês Secretos

Tanto Robert Langdon como Leigh Teabing são descritos n'O *Código Da Vinci* como sendo versados nos Dossiês Secretos. Quando a Polícia revista a casa de Teabing, encontra cópias de documentos e fotografias. Os quais recolhem como provas sem perceberem do que é que estes tratam.

Os Dossiês Secretos são, em geral, vistos como os arquivos secretos do Priorado de Sião. Na realidade, os Dossiês Secretos constituem um arquivo, datado de 1967, de textos alegadamente escritos por um homem chamado Henri Lobineau e compilados por Philippe Toscan du Planter. Estes contém recortes de jornal, cartas variadas, gráficos genealógicos e uma "tableau" datada de 1956, relacionando a história inicial do Priorado de Sião e incorporando as listas dos Grão-Mestres.

A coleção foi depositada na Bibliothèque Nationale na França. Foi tornada pública como parte de uma constante fuga de informação, que tem sido libertada anonimamente desde 1956, por alguém pertencente ao Priorado de Sião. À princípio, os Dossiês identificavam Henri Lobineau como o pseudônimo de um tal Leo Schidlof, cuja inspiração veio presumivelmente da Rue Lobineau, uma rua verdadeira perto da igreja de St. Sulpice. Contudo, depois dos autores de *Holy Blood, Holy Grail* terem contactado a filha do falecido Schidlof, a qual negou o envolvimento do seu pai em qualquer sociedade secreta, outro comunicado secreto foi emitido, afirmando este que Henri Lobineau era na verdade o pseudônimo de um aristocrata francês chamado Henri de Lénoncourt.

Embora o conteúdo dos Dossiês Secretos esteja polvilhado por uma diversidade de pistas atormentadoras sobre o Priorado de Sião, sem dúvida que o item mais intrigante é a página intitulada Planche Número 4, a qual resume a história e estrutura da ordem. Como suplemento à lista do Grão-Mestre (ver entrada separada), esta revela que existiam 27 commandaries e uma arch, chamada "Bet-ânia", a qual presumivelmente supervisionaria as commandaries. A arch estava localizada em Rennes-le-Château, na região do Aude no sul da França, e os commandaries mais importantes poderiam ser encontrados em Burges, Gisors, Jarnac, Mont-St-Michel, Montrevel e Paris.

Além disso, e de acordo com os Dossiês Secretos, dizia-se que o Priorado de Sião abrangia 1093 membros, estruturados à volta de sete níveis cujos números de membros de cada nível era determinado por múltiplos de três:

1. Preux (729 membros)
2. Ecuyers (243 membros)
3. Chevaliers (81 membros)
4. Commandeurs (27 membros)
5. Croisés de St-John (9 membros)
6. Princes Noachites de Notre-Dame (3 membros)
7. Nautonnier (1 Grão-Mestre)

N'O *Código Da Vinci* são os quatro membros principais, ou seja, dos graus seis e sete, os três Princes e o Nautonnier, que são assassinados.

As genealogias contidas nos Dossiês Secretos pormenorizam as linhagens daquilo que foi considerado como as famílias "descendentes" – em outras palavras, as famílias que se diz serem descendentes da suposta união entre Jesus e Maria Madalena. Nestas incluem-se os St. Clairs, os Blancheforts, os Merovíngios e a Casa de Plantard. Também contém as genealogias dos Reis de Jerusalém e de Godofredo de Bulhão, o qual fundou a original Ordem de Sião em 1090 na Terra Santa.

Ver também: Grão-Mestres do Priorado de Sião; Merovíngios; Plantard, Pierre; Priorado de Sião.

Fache, Bezu

O nome do personagem d'O *Código Da Vinci* que, como capitão da polícia francesa, é responsável pela investigação da morte de Jacques Saunière, o conservador do museu do Louvre, o seu apelido, "Fache" significa "cruz" ou "zangado" em francês, o que é consistente com os seus modos bruscos e rudes. Quando Robert Langdon se encontra com Fache, ele repara que o polícia está usando uma *crux gemmata*, um crucifixo ou cruz representando Cristo e os Seus Apóstolos. O seu primeiro nome, Bezu, é o nome de uma localidade no sul de França com associações próximas a duas organizações repetidamente discutidas no livro. Os Cavaleiros do Templo possuíam uma fortaleza na montanha de Bezu, onde se acreditava que guardavam um tesouro. O pico em Bezu fica a sudeste de Rennes-le-Château, a vila onde Bêrenger Saunière, um padre, chegou em 1855. As atividades deste padre, e o mistério que as rodeia, são debatidas no livro *Holy Blood, Holy Grail*. Teabing descreve o livro como "o tomo mais conhecido" sobre a descendência de Cristo, quando ele e Langdon estão contando a Sophie o mistério do Santo Graal.

Ver também: Cavaleiros do Templo; Holy Blood, Holy Grail; Priorado de Sião.

Geometria Sagrada

A arte de passar a sabedoria divina através da utilização de formas geométricas como símbolos. A geometria sagrada é uma forma de arte que tem sido utilizada durante séculos, quase como uma linguagem privada entre iniciados e aqueles na posse do conhecimento. A geometria sagrada foi considerada acima da compreensão do homem mortal, sendo uma aproximação do sagrado e do profano.

Esta linguagem secreta tem sido usada há milênios e foi especialmente favorecida pelos filósofos e matemáticos gregos, nomeadamente Platão e Pitágoras. Grande parte do diálogo de Platão, *O Timeu*, é dedicado a um tratado sobre a geometria sagrada, e a sua descrição da mítica ilha de Atlântida parece mostrar uma utilização da geometria sagrada e do simbolismo que é inerente à história. Na verdade, os antigos gregos atribuíam, valores e qualidades aos chamados sólidos platônicos, investindo-lhes significado, e definindo dentro deste significado a sua relação com o divino e com o mundo do além.

Um exemplo clássico de geometria sagrada ainda em uso é a Cabala, um sistema religioso e filosófico que diz possuir o conhecimento do divino. Cabala é a palavra hebraica que significa "receber" e se diz que foi originalmente "recebida" por alguns escolhidos, uma espécie de linguagem secreta ou escondida conhecida apenas por iniciados.

A ideia de geometria sagrada surge em todo *O Código Da Vinci*, quer quando Langdon fala a Sophie do Templo de Salomão, o qual foi construído utilizando conhecimentos de geometria sagrada, quer no momento em que Jacques Saunière coloca o seu corpo moribundo em uma posição com a forma de um pentagrama, um antigo símbolo divino. Como "simbologista", Langdon é um perito na matéria.

Ver também: Pentagrama; Proporção Dourada; Retângulo Dourado: Seqüência Fibonacci.

Gnómon em St. Sulpice

O gnómon, ou relógio solar, na Igreja de St. Sulpice em Paris, ou mais especificamente na base do obelisco que forma parte deste, é o esconderijo da chave da abobada que Silas procura. Este esmaga uma laje do chão que cobre um espaço oco para descobrir não o mapa que espera encontrar, mas uma citação bíblica de Jó.

Foi o clérigo de St. Sulpice, Jean-Baptiste Languet de Gergy (1675-1750), o responsável pela angariação de fundos para a construção do gnómon em 1737. Este clérigo queria definir o momento exato dos equinócios, de forma a poder calcular a data na qual a Páscoa recairia no ano seguinte. A Páscoa é, literalmente, uma festa móvel que deve ser celebrada na lua cheia que se segue ao equinócio de Primavera. Existem, sim, motivos teológicos concretos para a construção deste dispositivo astronômico na igreja. Os relógios solares têm sido usados para calcular o tempo há milênios: os antigos egípcios sabiam que se uma e taça fosse verticalmente enfiada no chão, a sombra lançada pelo sol ao meio-dia

variaria de comprimento com o passar do tempo. Neste caso, o gnómon consiste numa linha de latão que corre de norte para sul, colocada no chão do transepto da igreja. Um obelisco de mármore branco com a linha de latão continuando para o seu centro, tem uma marca (do signo Capricórnio), onde o sol bate no solstício de Inverno, a 21 de Dezembro. À medida que as estações passam, o sol, que entra por m Orifício numa janela do transepto sul, move-se ao longo da linha. Este orifício, o qual já conteve uma lente, encontra-se a cerca de 25 metros acima do solo. Uma placa de mármore gravada, embutida no pavimento do transepto sul, indica a posição do sol a 21 de Junho, o solstício de Verão. Os equinócios de 21 de Março e de 21 de Setembro têm uma placa de cobre oval, e estão aninhadas atrás do anteparo do altar para registrar a sua passagem.

O obelisco tem uma inscrição na sua base, solenizando o objetivo da construção do relógio solar. Já que esta inscrição real continha os nomes do rei e dos ministros, foi vítima da Revolução Francesa e está agora desfigurada. No obelisco, também estão marcados os signos de Aquário e de Sagitário, no ponto em que o sol bate em 21 de Janeiro e em 21 de Novembro.

Outra observação pode ser feita quanto às medições tiradas em St. Sulpice. Astrónomos do Observatório de Paris, em especial Giovanni Cassini, usaram as medições para estudar a rotação da Terra. À medida que a Terra roda na sua órbita á volta do sol, o eixo na qual se vira, gira lentamente com o passar do tempo. A partir de resultados que Cassini obteve, os astrónomos calcularam que o eixo da Terra diminui 45 segundos por grau de 100 em 100 anos. Este valor está muito próximo do valor aceito, hoje em dia, de 46.85 segundos obtido através de modernos instrumentos de precisão.

Ver também; Bieil, Irmã Sandrine; St. Sulpice.

Gnósticos

O gnosticismo é um termo utilizado para aludir a um sistema de crença bíblica que foi dominante no século II a. C, o qual a primitiva Igreja Cristã atacou. O termo deriva da palavra grega gnosis que significa "conhecimento", e o conceito de que eles estavam na posse de conhecimentos secretos corre através de várias seitas gnósticas.

Até ao século XX, a maior parte da informação referente às seitas ou líderes gnósticos chegou-nos de escritores cristãos que os denunciaram, o que lança dúvida sobre a veracidade destas fontes. Quando alguns antigos textos gnósticos foram descobertos no Egito em 1945, importantes registros em primeira mão destas crenças antigas foram vistos pela primeira vez. Estes se tornaram conhecidos como os textos de Nag Hammadi, batizados com o nome da aldeia perto da qual foram encontrados. O mais famoso é o Evangelho de Tomás. Os textos de Nag Hammadi foram originalmente escritos em grego no século I ou II d. C., e traduzidos para copta nos séculos III e IV.

N'O *Código Da Vinci*, os Evangelhos Gnósticos são mencionados no contexto das ações do Imperador Romano, Constantino, o Grande, o qual supostamente selecionou as versões "aprovadas" dos Evangelhos, que acabaram por se transformar na Bíblia tal como a conhecemos. Este processo foi o resultado do Concílio de Nicéia, reunido em 325 d. C, e no qual as doutrinas da Igreja Cristã

foram estabelecidas. Assim que os principais dogmas da Igreja foram regulamentados, aqueles que mantinham crenças alternativas foram condenados como heréticos.

As origens do gnosticismo são debatidas por eruditos, cujas opiniões quanto às suas raízes variam, referindo alguns que estas seriam pagãs com elementos de platonismo ou, em alternativa, derivariam do Judaísmo. A crença base gnóstica é a de que existe um Deus verdadeiro e bom, mas que este mundo e a matéria que o compõe foi criada por um deus menor e maléfico, chamado o Demiurgo. O verdadeiro Deus é referido como o primeiro Aeon, e deste derivam 30 pares de outros Aeons, numa seqüência de significado menor. Os Aeons combinados perfazem o conceito do Deus completo, conhecido como Pleroma. Curiosamente, o último par de Aeons são Cristo e Sofia, Sophie Neveu é a personagem *d'O Código Da Vinci* que descobre informações enquanto investiga o assassinato do seu avô – em outras palavras, ela está obtendo gnosis.

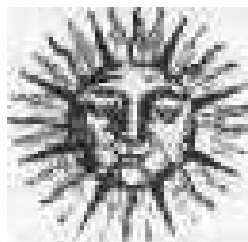
Quando Cristo é enviado para a Terra como o humano Jesus, o Seu objetivo é o de dar à humanidade gnosis, de forma a que esta possa escapar ao imperfeito mundo físico e regressar à Pleroma. Existem então três tipos de humanos: hílicos, que estão unidos à matéria maléfica e não podem ser salvos; psíquicos, os quais podem ser em parte salvos já que possuem uma alma; e pneumáticos, os quais podem regressar à Pleroma se conseguirem obter gnosis.

Dois dos mais notáveis gnósticos são Basílides e Valêncio, ambos atraindo seguidores no século II d. C. Basílides, de Alexandria, Egito, ativo entre 120 a 145, escreveu *Exegética* e clamou possuir uma tradição secreta passada de São Pedro e São Mateus. Valêncio foi educado em Alexandria e, posteriormente, em Roma a partir de 135, acredita-se que ele foi o autor do Evangelho Gnóstico da Verdade, um dos textos dos Nag Hammadi.

A acrescentar aos seguidores de Basilides e Valêncio, houve numerosas outras seitas Gnósticas. Na tradição persa, houve o Maniqueísmo, o qual está agora extinto, e o Mandaenismo, o qual sobrevive em áreas isoladas do Irã e do Iraque.

Na Europa, os Bogomilos espalharam-se vastamente pela região da atual Bulgária, nos séculos X ao XIII, mas talvez a seita gnóstica mais famosa tenha sido a dos Cátaros, também conhecidos como os Albigenses.

Ver também: Cátaros; Concílio de Nicéia; Constantino, o Grande; Cruzada Albigense.



Grão-Mestres do Priorado de Silo

Jacques Saunière é o conservador do Louvre em Paris, o qual é assassinado no início de O Código Da Vinci, mas que deixa um rastro de pistas para a sua neta, Sophie Neveu, seguir. Enquanto esta explora as circunstâncias da sua morte, auxiliada por Robert Langdon, fica a saber que Jacques Saunière era o suposto Grão-Mestre do Priorado de Sião.

Os documentos do Priorado, conhecidos como Dossiês Secretos, referem as seguintes pessoas como Grão-Mestres do Priorado de Sião:

Jean de Gisors	(1188-1220)
Marie de St.Clair	(1220-66)
Guillaume de Cisors	(1266-1307)
Édouard de Bar	(1307-36)
Jeanne de Bar	(1336-51)
Jean de St- Clair	(1351-66)
Blanche d'Evereux	(1366-98)
Nicolas Flamel*	(1398-1418)
René d'Anjou	(1418-80)
Iolande de Bar	(1480-83)
Sandro Filipepi	(1483-1510)
Leonardo Da Vinci	(1510-19)
Connétable de Bourbon	(1519-27)
Ferdinand de Gonzague	(1527-75)
Louis de Nevers	(1575-95)
Robert Fludd	(1595-1637)
J. Valentin Andrea	(1637-54)
Robert Boyle	(1654-91)
Isaac Newton	(1691-1727)
Charles Radclyffe	(1727-46)
Charles de Lorraine	(1746-80)
Maximilian de Lorraine	(1780-1801)
Charles Nodier	(1801 - 44)
Victor Hugo	(1844-85)
Claude Debussy	(1885-1918)
Jean Cocteau	(1918-63)

Ver também: Dossiês Secretos; Langdon, Robert; Neveu, Sophie; Newton, Sir Isaac; Priorado de Sião; Saunière, Jacques.

* Segundo alguns, Nicolas Flamel foi o único homem que descobriu a pedra filosofal, e com o auxílio desta transformou metais em ouro. Também é atribuído a Nicolas Flamel a descoberta do Elixir da Vida, que concedia a imortalidade a quem o ingerir, (N. da T.)

Heréticos

A teoria de que existe uma linhagem de Cristo, que termina nos tempos modernos, é a base da intriga d'*O Código Da Vinci*, uma teoria que foi postulada em livros como *Holy Blood*, *Holy Grail* e *O Segredo dos Templários: O Destino de Cristo*. A teoria em si mesma pode ser vista como uma heresia dos dias modernos à luz dos tradicionais ensinamentos cristãos.

Sendo um assunto específico do romance, os heréticos são descritos a Sophie como aqueles que escolheram seguir a história original de Cristo, enquanto homem mortal, em vez da figura divina esboçada no Concílio de Nicéia.

Pelos padrões do Cristianismo, um herético é alguém que possui opiniões que contradizem a ortodoxia ou valores inerentes e doutrinas da Igreja. A heresia é diferenciada da apostasia, o abandono total da fé, tal como o é para o cisma, a separação da Igreja, normalmente causada por disputas e debates sobre hierarquia e disciplina, e não por motivos de doutrina.

Hoje em dia, os heréticos consideram-se a si mesmos como membros da Igreja e, seguindo uma doutrina controversa, como verdadeiros crentes. O Arianismo foi uma dessas heresias que ameaçou a igreja primitiva. Ário foi um sacerdote de Alexandria, do século IV, cuja opinião era a de que Deus criou um filho antes de todas as coisas, sendo este a primeira criatura viva, mas sem ser igual ou co-eterno com o Pai. Nesta heresia, de acordo com Ário, Jesus era uma criatura sobrenatural - não totalmente humana nem totalmente divina.

Por norma, lidava-se com a heresia através da excomunhão, sobretudo no que se referia a indivíduos e a pequenos grupos heréticos - embora na Idade Média, a Igreja também tenha utilizado campanhas militares. Uma das mais famosas dessas campanhas foi a utilizada contra os Cátaros (1208), a seita religiosa baseada no sul de França. A Inquisição foi uma campanha particularmente punitiva e ameaçadora contra a heresia, na época medieval.

Ver também: Cátaros; Concílio de Nicéia; Cruzada Albigense; *Holy Blood*, *Holy Grail*; Neveu, Sophie.

Hieros Gamos

O ritual sexual secreto que Sophie testemunha por acidente, e no qual o seu avô, Jacques Saunière, participa enquanto é observado por um grupo de iniciados, sendo esta situação que provoca a interrupção do contato entre ambos durante 10 anos.

O termo "Hieros Gamos" deriva das palavras gregas que significam "casamento sagrado". Tendo as suas raízes em antigos cultos da fertilidade, o ritual Hieros Gamos evoluiu até se tornar uma atividade espiritual altamente desenvolvida, a qual permitia ao homem obter "gnosis", ou conhecimento direto do divino, através da união sexual ritualizada com uma mulher treinada como sacerdotisa. Esta teoria é baseada na filosofia de que o homem é, na sua essência, incompleto e apenas pode atingir a divindade ao "casar" com os princípios femininos de um modo espiritual e físico, o que desperta um estado alterado da consciência no momento do clímax. Este estado também é simbolizado por Hermafrodite. Uma dualidade masculina/feminina vista como a

fusão do deus Hermes e da deusa Afrodite. Além disso, e segundo alguns, referências críticas em textos medievais relacionados com a alquimia (a arte da transformação) estão, na verdade, relacionadas com o ritual sexual a um nível mais elevado. Os heréticos medievais tornaram-se peritos ao desenvolverem uma linguagem simbólica através da qual podiam debater estas questões, sendo a rosa, por exemplo, vista como a representação dos órgãos genitais femininos.

Em *Holy Blood, Holy Grail*, os autores Baigent, Leigh e Lincoln reparam que o Priorado de Sião parece ser devotado ao culto de Maria Madalena em vez da tradicional devoção católica à Virgem Maria, esta observação leva-os a desenvolver a teoria de que o objetivo principal do Priorado de Sião é o de proteger a descendência da união sagrada entre Jesus e Maria Madalena, a qual é vista como uma sacerdotisa altamente especializada e de linhagem real por direito próprio.

Margaret Starbird, cujas teorias do seu livro *The Woman with the Alabaster* também surgem n'*O Código Da Vinci*, passou mais de 10 anos pesquisando e desenvolvendo o tema do Casamento Sagrado, ou Hieros Gamos. Através de um estudo cuidadoso de passagens bíblicas e a análise sistemática do simbolismo herético medieval, Margaret chegou à conclusão que não é especificamente a possibilidade da existência de uma verdadeira descendência de Jesus Cristo e Maria Madalena que é importante, mas o reconhecimento que o Próprio Jesus possa ter celebrado o sacramento do matrimônio sagrado numa união sacra com Madalena. Ironicamente, a revelação de que o Casamento de Canaã poderia ter sido um relato do próprio casamento de Jesus viria, na verdade, sublinhar os verdadeiros princípios da família e fidelidade que a Igreja está tentando manter dentro das pressões do estilo de vida do século XXI.

Tentativas genuínas para obter um ramo mais "gnóstico" do Catolicismo, incorporando rituais sexuais sagrados e a restauração da monarquia francesa de uma forma muito semelhante à dos dogmas do Priorado de Sião, podem ser encontradas num movimento chamado a Igreja de Carmelo, a qual se estabeleceu na França no início dos anos de 1840 por Eugene Vintras. A crença de que o sexo deveria ser visto como um "sacramento" conduziu a acusações de satanismo contra a Igreja de Carmelo e, por fim, Vintras foi preso sob falsas acusações de fraude. Depois da sua libertação, um antigo padre da ordem acusou Vintras de promover orgias sexuais, e por fim, em 1948, o papa declarou a ordem como herética e excomungou todos os seus membros.

Uma ligação ainda mais direta com os rituais do Hieros Gamos e do Priorado de Sião pode ser encontrada num movimento conhecido como os Irmãos da Doutrina Cristã, movimento esse fundado em 1838 por três padres, os quais eram também irmãos, com o apelido de Baillard. Os Irmãos estabeleceram um importante centro num antigo local pagão, em Sion-Vaudémont na Lorena, onde a deusa pagã do amor, Rosmerta, fora cristianizada como uma Madona Negra em 994.

Também conhecidos como os Irmãos de Notre-Dame de Sion, este movimento moderno parece ter sido inspirado pela genuína ordem de cavalaria, a Ordem de Notre-Dame de Sion, fundada em 1393 por Ferri I de Vaudémont. O filho de Ferri, Ferri II, casou com Iolande de Bar, a filha do Bom Rei René d'Anjou, sendo ambos citados como Grão Mestres do Priorado de Sião, nos Dossiês

Secretos. Pensa-se que foi devido a este casamento que o Priorado de Sião e a Ordem, de Notre-Dame de Sion se fundiram.

Quinhentos anos mais tarde, a versão de Catolicismo dos Irmãos Baillard, realçando o Espírito Santo e a sexualidade sagrada, atraiu um grande número de apoios, especialmente entre a aristocracia, mas também esta foi suprimida em 1852, entre previsíveis acusações de que o movimento estava celebrando Missas Negras. Depois disso, qualquer tentativa de incorporar a sexualidade sagrada no Catolicismo tornou-se clandestina, onde uma variedade de ordens esotéricas genuínas - e algumas não muito genuínas - proliferou.

Hoje em dia, estão sendo feitas tentativas para averiguar, se na verdade, Jesus casou ou não com Maria Madalena. Se puder se provar que o casamento de Jesus foi um fato histórico, ou se estas tentativas são inspiradas por uma profunda necessidade primitiva de restaurar o Sagrado Feminino numa das mais antigas religiões patriarcais mundiais, é algo que ainda nos resta ver.

Ver também: Dossiês Secretos; Madonas Negras; Priorado de Sião.

Holy Blood, Holy Grail

O best-seller internacional, do qual uma grande parte do plano de fundo d"O *Código Da Vinci* foi retirado. Escrito por Michael Baigent Richard Leigh e Henry Lincoln, e originalmente publicado em 1982, HBHG, como é afetuosamente chamado, é por norma considerado como sendo a "bíblia" do Priorado de Sião.

Embora hoje em dia, investigadores do Priorado de Sião continuem a debater a veracidade da informação histórica contida no livro, existe um acordo geral global de que *Holy Blood, Holy Grail* tem, para o melhor ou para o pior, sido o grande responsável pela libertação de conceitos históricos e religiosos revolucionários, que nunca foram publicamente examinados antes. Além disso, HBHG é o único livro em língua inglesa entre a diversificada indústria de obras sobre o Priorado de Sião que foi escrito por autores que, na verdade, tiveram acesso em primeira mão a um suposto Grão-Mestre desta sociedade secreta.

Apesar da controvérsia, HBHG fornece uma inestimável introdução laica ao desenvolvimento histórico envolvido por trás do esotérico, do gnóstico, e do espírito cavalheiresco. Despertando o nosso interesse com a história de um tesouro misterioso em Rennes-le-Château no sul de França, Baigent, Leigh e Lincoln expandem a demanda através do livro incluindo até um exame romântico do Catarisma, uma primitiva versão herética do Cristianismo, antes de continuarem para a história dos Cavaleiros do Templo. Como os arquivos secretos do priorado, os Dossiês Secretos, reivindicam que o Priorado de Sião foi a força escondida por trás da formação dos Cavaleiros do Templo, uma grande parte do *Holy Blood, Holy Grail* reporta-se à versão do Grão-Mestre, Pierre Plantard, do desenvolvimento da ordem depois da separação dos Templários, tecendo um relato colorido de como reis e cientistas, intelectuais e artistas de renome internacional, incluindo Leonardo Da Vinci, Sir Isaac Newton, Victor Hugo, Claude Debussy e Jean Cocteau, conduziram gentilmente o curso da humanidade durante os últimos 1000 anos.

Contudo, o aspecto mais intrigante do desenrolar da história do Priorado de Sião é a interação pessoal dos autores com o enigmático Grão-Mestre, Pierre Plantard. Este conduz os autores em uma corrida inútil e disparatada através de documentos e locais obscuros por toda a França, de forma a verificarem pormenores minuciosos, e por vezes sem qualquer significado, numa tentativa para confirmar se o Priorado de Sião é, na verdade, genuíno ou simplesmente o produto de um embuste engenhoso e elaborado. Enquanto Baigent, Leigh e Lincoln se debatem com uma numerosa miríade de códigos históricos e esotéricos, a demanda é transformada num jogo de xadrez psicológico multidimensional que é exatamente o aspecto das buscas que continuam, com sucesso, a prender cada um dos investigadores do Priorado de Sião até aos dias de hoje.

Por fim, numa tentativa para sintetizar a sobrecarga de dados históricos e críticos, Baigent, Leigh e Lincoln embarcam num salto quântico de cortar a respiração que é a raiz da reputação de *Holy Blood, Holy Grail* como um "explosivamente controverso" best-seller - a descendência de Jesus e Maria Madalena.

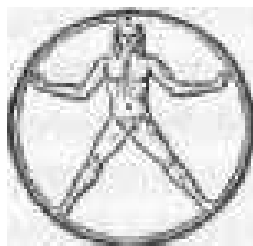
A semente germinada por Pierre Plantard durante o seu primeiro encontro com os autores. Durante este encontro, Plantard afirmou definitivamente que o Priorado de Sião continha o tesouro perdido do Templo de Jerusalém e que este seria devolvido a Israel quando chegasse o momento certo. Mas depois ele refere que o valor histórico, financeiro e até mesmo político deste tesouro era fortuito, enfatizando que o significado real do tesouro era "espiritual", e que parte do aspecto espiritual do tesouro consistia de um segredo, uma revelação que causaria uma enorme alteração social no mundo ocidental.

Com apenas estas pequenas e torturantes pistas na mão, conjugadas com a própria obsessão pessoal de Plantard com genealogias intrincadas e a sua alegada descendência de reis merovíngios, Baigent, Leigh e Lincoln dedicam a terceira e última parte de *Holy Blood, Holy Grail* a delinearem a sua teoria de que o verdadeiro objetivo secreto do Priorado de Sião era o de guardar a sagrada linhagem, que descenderia dos filhos de Jesus e de Maria Madalena. O seu processo lógico também é minucioso e tão convincente que muitos leitores presumem automaticamente que isto é na verdade o caso, mas na realidade, Pierre Plantard nunca confirmou esta hipótese, a qual foi inteiramente desenvolvida pelos autores de HBHG como resultado do seu intenso trabalho detetivesco. A ironia deste enigma revela-se na obra de Baigent, Leigh e Lincoln que se seguiu, *The Messianic Legacy*, enquanto o trio continua a relatar o avanço da saga das suas experiências pessoais com o Priorado de Sião. O dilema dos autores é sublinhado enquanto esperam, de respiração suspensa, pela reação de Plantard ao manuscrito francês de *Holy Blood, Holy Grail*, o qual eles lhe enviam como agradecimento pelas suas informações. A resposta de Plantard à sua teoria da descendência de Cristo é desanimadoramente ambivalente, observando, por um lado e sem se comprometer, que não existia nenhuma evidência fiável que provasse que a linhagem merovíngia descendia de Jesus, enquanto por outro lado reconhece que os Merovíngios descendiam, na verdade, da linha real de David. Mais, os comentários de Plantard em relação ao papel de Maria Madalena na linhagem dinástica eram conspícuos pela sua ausência.

Todavia, e apesar da relutância de Plantard em ativamente sancionar o papel do Priorado de Sião na teoria da descendência de Jesus e Maria Madalena, tão sedutora é a pesquisa de Baigent, Leigh e Lincoln que, durante o decorrer dos últimos 20 anos, *Holy Blood, Holy Grail*, tem sido a inspiração por trás de uma enorme quantidade de obras, incluindo *O Código Da Vinci*, as quais tem sido produzidas para examinar as histórias alternativas de uma corrente interminável de mistérios esotéricos, sociedades secretas e ordens de cavalaria que, inevitavelmente, reivindicam a sua própria linhagem como partindo da descendência de Jesus e de Maria Madalena. O próprio Dan Brown presta uma homenagem específica a *Holy Blood, Holy Grail* quando o seu personagem Leigh Teabing, uma amálgama dos nomes de Richard Leigh e de Michael Baigent, cita o livro durante a sua explicação do Priorado de Sião a Sophie, no Château Viliette: "...Este [livro] causou uma enorme polémica nos anos de 1980. Na minha opinião, os autores fizeram uma análise baseada em conjecturas um tanto dúbias, mas a premissa fundamental, e que isso lhes seja reconhecido, foi o de terem trazido para a ribalta a idéia da descendência de Cristo."

No entanto, investigadores experientes do Priorado de Sião estão conscientes de que *Holy Blood, Holy Grail* não é na verdade a primeira obra a juntar a história de Plantard do Priorado de Sião com o Sagrado Feminino e a linhagem de Jesus e Maria Madalena. Uns dois anos antes de HBHG ser publicado, a bem conhecida astróloga Liz Greene lançou um romance sobre Nostradamus chamado *The Dreamer of the Vine*, o qual entrelaça os agora familiares elementos da historiado Priorado na história da vida de Nostradamus. Em retrospectiva, *The Dreamer in the Vine* parece ser uma premonição espantosa e presciente dos mesmos elementos que causaram tanta controvérsia quando *Holy Blood, Holy Grail* irrompeu em cena em 1982. Mas quando se começa a escavar um pouco mais fundo, até se descobrir que Liz Greene é na verdade irmã de Richard Leigh e que era na altura a namorada de Michael Baigent, um padrão astucioso começa a emergir...

Assim, será que os autores de *Holy Blood, Holy Grail* apenas se envolveram "por acaso" com o conceito da linhagem de Jesus e de Maria Madalena durante o decurso das suas discussões com Pierre Plantard, ou era este o destino do livro desde o início? Se for este o caso, estariam Baigent e Leigh na posse de algumas há muito suprimidas informações internas, antes das primeiras palavras de *Holy Blood, Holy Grail* terem sido colocadas numa folha? E se assim foi, quem estava realmente a manobrar quem... e estaremos nós ainda em viagem?



Homem de Vitruvius

Vitruvius, o arquiteto, diz na sua obra sobre arquitetura que as medidas do corpo humano são distribuídas pela natureza, como se segue; que 4 dedos fazem 1 palmo, e 4 palmos fazem 1 pé, 6 palmos fazem 1 cúbito, 4 cúbitos fazem a altura de um homem, 4 cúbitos fazem 1 passo e 24 palmos fazem um homem; e foram estas medidas que ele usou nos seus edifícios. Se abrir as suas pernas tanto que diminua $\frac{1}{14}$ da sua altura e esticar e erguer os seus braços até que os seus dedos do meio toquem o alto da sua cabeça, deve saber que o centro dos membros entendidos será no umbigo e que o espaço entre as pernas será um triângulo equilátero. O comprimento dos braços estendidos de um homem é igual à sua altura. Desde a raiz do cabelo até à extremidade do queixo é um décimo da altura de um homem, desde a extremidade do seu queixo até ao alto da sua cabeça é um oitavo da sua altura; desde o alto do seu peito até ao cimo da sua cabeça será um sexto do homem. Desde o alto do peito até à raiz do cabelo será um sétimo de todo o homem. Desde os mamilos até ao alto da sua cabeça será o quarto de um homem. A maior extensão dos ombros contém em si a quarta parte de um homem. Desde o cotovelo até à ponta da mão será a quinta parte de um homem; e desde o cotovelo até ao ângulo do sovaco será a oitava parte de um homem. Toda a mão será a décima parte de um homem; o início dos genitais marcam o centro do homem. O pé é a sétima parte do homem. Desde a planta do pé até abaixo do joelho será a quarta parte de um homem. Desde abaixo do joelho até ao início dos genitais será a quarta parte de um homem. A distância entre o fim do queixo até ao nariz e desde a raiz do cabelo até às sobrancelhas é, em cada caso, a mesma, e tal como a orelha, um terço do rosto.

O texto anterior é a tradução completa do texto que acompanha *O Homem de Vitruvius* de Leonardo Da Vinci, É, na verdade, uma tradução de Vitruvius, tal como o desenho de Leonardo foi originalmente uma ilustração para um livro sobre as obras de Vitruvius.

O Homem de Vitruvius é talvez uma das imagens mais famosas e reconhecíveis de Leonardo. N' *O Código Da Vinci*, é também de entre todas as obras de Da Vinci, a favorita de Sophie Neveu, e é a posição em que o seu avô, Jacques Saunière, coloca o seu corpo antes de morrer.

A imagem de um homem com dois pares de braços e dois pares de pernas estendidos tem enfeitado paredes, pelo menos, durante duas gerações. Vitruvius foi um engenheiro, escritor, e arquiteto romano do final do século I a. C e do início do século I d. C. O seu único e extenso livro de arquitetura, contém dez enormes capítulos enciclopédicos nos quais ele discute aspectos do planeamento, engenharia e arquitetura de uma cidade romana - mas também inclui uma seção sobre as proporções humanas. A sua redescoberta e importância no Renascimento auxiliaram o crescimento do classicismo durante esse período - e, na verdade, em períodos subsequentes.

A composição *O Homem de Vitruvius*, tal como ilustrada por Leonardo Da Vinci, é na íntegra, baseada no tratado acima citado, escrito por Vitruvius, sobre as dimensões do corpo humano, as quais se vieram a mostrar estarem grandemente conectadas, sendo a ênfase dada à racionalização da geometria, por meio de pequenos números inteiros, para construir uma composição.

Ver também, Leonardo Da Vinci, Neveu, Sophie; Saunière, Jacques.

Igreja Copta

Os textos Nag Hammadi, descobertos em 1945 no Egito, e por vezes chamados de Evangelhos Perdidos, são textos escritos na língua copta, uma antiga língua que é ainda hoje utilizada pelos Cristãos Coptas, no Egito. N'O *Código Da Vinci*, faz-se menção a estes chamados Evangelhos Perdidos, com a insinuação de que estes foram deliberadamente deixados fora do Novo Testamento, devido ao seu conteúdo gnóstico, Estes textos foram, sem dúvida, um produto da primitiva Igreja Copta.

A Igreja Copta é o nome dado à Igreja Cristã no Egito. A Igreja Capta baseia-se nos ensinamentos de São Marcos, o qual levou o Cristianismo para o Egito no início do século I. Desde essa época, a Igreja Capta tem o seu próprio papa, com o presente possuidor do cargo, o Papa Shenouda III, sendo o 117º patriarca de Alexandria desde São Marcos,

A Sé de Alexandria, que se encontra em segundo lugar depois de Roma, tem representado um papel integrante na teologia cristã. Contudo, em 451, a seguir ao Concílio de Calcedônia, ocorreu uma divisão entre os Coptas e o resto do Cristianismo, cujo resultado foi o da Igreja Copta seguir o seu Papa Dióscoro e considerar-se a si mesma como ortodoxa. Foram procuradas medidas para reunificar as duas Igrejas, mas só no Concílio de Florença em 1443 é que foi assinada uma concordata (embora não a tenham seguido). Em 1582 e 1814, tentaram-se outras concordatas, mas sem resultado.

A Igreja Copta sofreu muito devido a perseguições no seu passado, em especial sob o Imperador Romano Diocleciano. Para recordar os fiéis que morreram, a Igreja Copta introduziu o Calendário dos Mártires, em 29 de Agosto de 284. Sob governo árabe, os Coptas eram livres para executar suas práticas religiosas, mas para o poderem fazer tinham de pagar um imposto especial chamado gezya o qual foi, por fim, abolido em 1855. Embora a Igreja Copta possa ser encontrada por todo o Egito, os seus seguidores são uma pequena percentagem da população egípcia. Contudo, a Igreja Copta não está apenas confinada ao Egito, tendo muitas ramificações espalhadas pelo mundo.

Tal como na Igreja Católica, a Igreja Copta tem sete sacramentos (batismo, comunhão, confirmação, penitência, ordens sacras, matrimônio e extrema unção). A Igreja Copta proíbe a veneração de santos, embora pedir o seu auxílio através da oração seja encorajado. O santo mais considerado é a Virgem Maria.

São observados sete feriados principais pela Igreja Copta (a Anunciação, o Natal, o Batismo de Cristo, o Domingo de Ramos, a Páscoa, a Ascensão, e o Pentecostes) e sete feriados menores (a Circuncisão de Cristo, a Entrada de Cristo no Templo, a Fuga da Sagrada Família para o Egito, o Milagre de Canaã, a Transfiguração de Cristo, a Quinta-feira Santa, e o Domingo de Tomás). Como suplemento, também existem feriados mensais, feriados semanais, e os feriados dos santos, os quais por norma comemoram o seu martírio. Tal como nos Dias Feriados, o jejum é uma parte integrante da Igreja Copta, com 210 dias por ano reservados para esta prática. Nesses dias, é proibido comer qualquer produto animal e nada pode ser ingerido entre o nascer e o pôr do sol.

A Igreja Copta tem um papa à sua cabeça, e sob o papa, existem mais de 60 bispos. O papa e o bispos têm de ser monges. O papa copta não é

considerado infalível, e questões referentes à fé e a outros assuntos são discutidas no Sacro Sínodo Ortodoxo Copta pelo papa e os seus bispos. Os sacerdotes coptas são responsáveis por assuntos congregacionais e, ao contrário da Igreja Católica, espera-se que estes

Os mosteiros coptas de Santo António, Santa Catarina e São Samuel são os estabelecimentos religiosos mais antigos da Cristandade.

Ver também: Constantino, o Grande; Concílio de Nicéia.



Igreja do Templo

O local para onde Langdon, Sophie e Teabing são conduzidos por uma das pistas n'O *Código Da Vinci*, embora esta seja uma pista falsa.

Localizada entre Fleet Street e o rio Tamisa, em Londres, a Igreja do Templo é um edifício do século XII. Atualmente, a Igreja ainda é utilizada como local de veneração, com serviços aos domingos e horas de visita de quarta a domingo.

A Igreja do Templo foi construída pelos Cavaleiros do Templo, que antes do presente edifício ter sido erigido reuniam-se num local na área de High Holbom em Londres escolhido por Hughes de Payens, o primeiro Grão-Mestre da ordem e um dos originais nove Cavaleiros. Como a ordem estava ultrapassando em tamanho este local, decidiu-se comprar o terreno que o local atual ocupa e construir instalações muito maiores. Esta área continha, originariamente, não apenas a presente igreja, mas também alojamentos para os Cavaleiros, terrenos recreativos e instalações para treino militar. Aos membros júnior da ordem, os noviços, não era permitida a entrada na Cidade de Londres, sem a permissão estrita do Mestre do Templo.

Compreendendo duas seções separadas, o edifício é formado por uma área conhecida como a igreja circular e uma seção retangular adjacente, chamada o coro. O coro foi acrescentado cerca de 50 anos depois da construção da igreja circular original.

A igreja circular foi baseada no desenho da Igreja do Santo Sepulcro em Jerusalém, tal como mandavam as tradições da ordem dos Templários. Alberga as primeiras colunas, sem suporte, de mármore Purbeck que rodeiam a nave de 16 metros de diâmetro. As paredes eram originalmente pintadas de cores vivas.

A igreja circular foi consagrada a 10 de Fevereiro de 1185, por Heráclio, Patriarca de Jerusalém. Também se especula que Henrique II, Rei de Inglaterra, esteve presente nesta cerimônia. É na igreja circular que se encontram algumas das características mais interessantes do edifício. Tal como referido n'O *Código Da Vinci*, a igreja é conhecida pelas efígies de mármore de nove cavaleiros, colocadas no centro do chão da igreja circular. Os principais personagens do romance vêm ver "... um cavaleiro que um papa enterrou...", o que é parte de uma

pista que eles crêem os conduzirá ao Santo Graal. O mais famoso destes Cavaleiros é William Marshal, o qual queria ser sepultado como um Cavaleiro do Templo, e assim foi ordenado cavaleiro da ordem, antes da sua morte. Marshal foi ordenado em 1167 e foi um consumado campeão de justas, vencendo torneios por todo o país e sendo vencedor em perto de 500 assaltos - nunca foi derrotado. Marshal teve, também, um papel essencial ao lidar com os barões revoltosos, os quais fizeram o Rei João assinar a Magna Carta (a "Grande Carta" destinada a restringir os poderes do rei) em Runnymede em 1215, sendo a Igreja do Templo um importante local de negociações. Na verdade, Marshal iria tornar-se regente durante o reinado do filho do Rei João, Henrique III, o qual também expressou o desejo de ser colocado em repouso na igreja, após a sua morte.

Devido ao desejo de Henrique de ser enterrado na Igreja, decidiu-se deitar abaixo o coro original e construir uma estrutura mais larga, conhecida agora como o coro, consagrada em 1240, no Dia da Ascensão. Contudo, tudo isto acabou por ser em vão, já que Henrique III alterou o seu testamento dizendo que queria ser sepultado na Abadia de Westminster, embora um dos seus filhos que morreu muito jovem esteja sepultado na Igreja do Templo,

O Mestre do Templo, tal como convinha a uma ordem poderosa, sentava-se no Parlamento como o Primus Baro – o primeiro barão do reino. O complexo da Igreja do Templo era utilizado como local de alojamento para os núncios papais, reis e dignitários de toda a Europa, funcionando também como um banco primitivo, onde nobres e cavaleiros de todo o reino depositávamos seus fundos, confiando a sua fortuna aos cuidados da ordem.

Depois de 1307, quando os Cavaleiros do Templo foram destruídos como ordem, Eduardo III tomou o controle da igreja e fez desta uma possessão da Coroa. Mais tarde, foi dada à ordem dos Cavaleiros Hospitalários, os quais por sua vez alugaram o complexo da Igreja do Templo a duas universidades de advogados. Estas universidades eram coletivamente conhecidas como os Colégios de Jurisconsultos da Corte e, individualmente, como Os Templos Interior e Central. Estas partilhavam a utilização da igreja e foi-lhes garantida a sua utilização vitalícia por James I em 1608. Até ao presente dia, continuam a fazê-lo.

A Igreja do Templo assistiu ao desenrolar de muitos episódios históricos no interior das suas paredes: desde as negociações que conduziram à Magna Carta, a abolição dos Cavaleiros do Templo, a batalha dos púlpitos nos anos de 1580 entre calvinistas e a Igreja da Inglaterra, uma renovação executada por Sir Christophur Wren - o qual, pela primeira vez, adicionou um órgão à igreja - até um bombardeamento alemão em 1941, o qual incendiou o telhado da igreja circular e destruiu o órgão, bem como muita restauração vitoriana da igreja. Foi durante este ataque que as colunas de mármore Purbeck da nave ficaram irreparavelmente danificadas, rachando durante o calor intenso, o que conduziu à sua subsequente substituição. Algo interessante de se referir é que as colunas de mármore originais tinham uma ligeira inclinação para fora, o que foi replicado nas colunas de substituição. A igreja foi reconsagrada em Novembro de 1958. William Shakespeare, na sua peça Henrique IV Parte 1, descreve o colher de duas rosas, no jardim do Templo, na sua cena sobre o início da Guerra das Rosas, uma série de rosas vermelhas e brancas foram plantadas em 2002 para comemorar esta cena.

Ver também; Cavaleiros do Templo.

Ísis

Jacques Saunière, o personagem d'O *Código Da Vinci*, que é o conservador do Museu do Louvre, em Paris, é retratado como um especialista no culto da deusa. Nesta capacidade, ele aumenta a coleção do museu com a aquisição de muitas estátuas de Ísis com o seu filho Hórus. Quando nos é dada uma descrição da casa de Teabing, ficamos sabendo que este tem uma estatueta de Ísis sobre a sua lareira.

Ísis é a mais poderosa e antiga deusa egípcia - a deusa universal. Ísis é a mãe do deus Hórus, e assim a mãe simbólica do rei, e mulher e irmã de Osíris, o deus do mundo inferior. Chamam-lhe a "Grande em Magia" e é venerada pelas suas capacidades de curar e promover a fertilidade. O seu elevado estatuto e o seu papel como mãe do rei é realçado pelo hieróglifo do trono usado para indicar o seu nome, com o qual ela é freqüentemente representada usando-o sobre a sua cabeça. Nos seus diversos papéis, Ísis foi vista num diferente número de manifestações, como mãe, ela era por vezes representada como a "grande porca de Heliópolis", ou a vaca Ísis, a mãe do sagrado touro Ápis em Mênfis. Como Hathor que significa "Casa de Horus" (i.e., o ventre de Ísis), ela é representada usando um disco solar que repousa entre um par de enormes chifres de vaca. O símbolo de Ísis é o tyet, ou "nó de Ísis", o qual se assemelha a um símbolo ankh, mas com as barras transversais viradas para baixo em vez de horizontalmente estendias. Pensa-se que o tyet representa os panos utilizados no período menstrual e, na verdade, um encantamento d'O *Livro das Mortos* afirma que os amuletos tyet deviam ser feitos de jaspe vermelho, uma espécie de quartzo. As origens de Ísis são obscuras.

As origens de Ísis são obscuras. A primeira menção chega-nos da IV e V dinastias (2492-2181 a. C) dos Textos das Pirâmides, a mais antiga coletânea escrita de literatura egípcia religiosa, funerária e mágica. Contudo, a sua óbvia natureza oral e linguagem arcaica sugere que estes são Originários de um período muito mais antigo e talvez sejam datados das II e III dinastias (2890-2613 a. C). Na teologia, Ísis era a filha de Geb e Nut e irmã de Osíris, Set, Néftis e Tot. A tradição afirma que Set, invejoso de reinado do seu irmão sobre o Egito, assassinou Osíris nas margens do Nilo, no norte do Egito. Quando Ísis descobre que o seu amado irmão está morto, fica inconsolável e procura por todo o Egito pelo seu corpo. Por fim, Ísis consegue recuperar o seu corpo, e através das suas excepcionais capacidades mágicas e de cura, ela é capaz de ressuscitar o seu irmão durante o tempo suficiente para manter com ele relações sexuais e conceber um filho, Hórus. Ela faz isto para que Hórus possa vingar o assassinio de Osíris. O principal objetivo de Ísis é agora o de proteger o seu filho, para que este possa reclamar o seu direito de nascença: o trono do Egito que foi usurpado por Set.

Ísis consegue o seu objetivo através de procedimento legal, levando o caso do seu filho aos tribunais dos deuses - o Grande Átrio de Geb - onde ela é "rápida de Língua" no seu pleito pelo filho. Para que o próprio Set se declare a favor de Hórus, Ísis consegue enganar o seu irmão. Disfarçada como uma bela estranha,

Ísis encontra-se com Set e conta-lhe como o seu marido foi assassinado, e a sua terra e gado roubados, deixando o seu filho órfão de pai, sem casa, e sem forma de subsistência. Ela pede a Set para a ajudar a recuperar as propriedades, que pertencem por direito ao seu filho. Set fica indignado pela forma injusta como o seu filho foi tratado, e quando Ísis revela a sua verdadeira identidade, Set é humilhado perante os deuses. Após um certo número de encontros semelhantes, os deuses decidem-se por fim contra Set, afirmando que Hórus deve ser o governante dos vivos e que Osíris deve governar sobre os mortos. Assim, o papel de Ísis é essencial ao assegurar que Hórus se torne no governador por direito do Egito, e neste papel, ela é vista como a protetora da realeza, com cada faraó descrito como o Hórus

A proteção que Ísis dá ao seu filho Hórus enquanto ele cresce é o motivo para a sua associação com a proteção de crianças relativamente ao mal. De acordo com isto, existem muitos encantamentos mágicos e medicinais no seu nome que podem ser usados para curar e proteger crianças de coisas como queimaduras ou picadas de escorpião ou cobra.

Ísis é reconhecida pela sua sabedoria e astúcia, e foi considerada "mais esperta que um milhão de deusas". Através das suas capacidades e artimanhas, ela é capaz de obter o nome secreto do deus Rá e, além disso, de obter a permissão deste para transmitir este conhecimento a Hórus e daí aos próprios faraós vivos. O descobrir do nome secreto de alguém era um instrumento muito poderoso para os antigos egípcios, já que significava ter um poder mágico sobre essa pessoa. Saber o nome secreto de um deus significava um poder indescritível.

Existem muitas histórias ligadas ao realce dado ao poderes de cura, fertilidade, sabedoria e proteção de Ísis, e estes fatores, em conjunto com a sua associação próxima com o reino egípcio, significa que os seus centros de culto e templos podem ser encontrados por todo o Egito. O mais famoso dos templos de Ísis estava situado na ilha de Fila, no sul do Egito, e data do período greco-romano (380 a. C. -30 a. C.). Na época de Cleópatra (51-30 a.C.), o culto de Ísis era a religião oficial do Egito.

A sua atração universal permitiu ao seu culto um alcance para além dos limites do Egito, espalhando-se pelo mundo mediterrânico e para além deste. Foram localizados templos a Ísis em locais tão longínquos quanto Atenas, Pompéia, Paris, e até mesmo Londres. O seu culto, o qual se alterara ligeiramente quando deixou o Egito, tornou-se tão popular com o povo de Roma que o Senado, temendo um levantamento de massas, ordenou que o templo de Ísis e de Serápis (Osíris) fosse destruído, embora a ameaça nunca fosse executada. Apesar de Júlio César ter abolido o culto, este continuou a florescer. Não obstante perseguições posteriores e expulsões, Ísis tornou-se o centro de um culto de mistério que era extremamente popular e se espalhou através do mundo helenístico e do Império Romano.

A popularidade de Ísis floresceu devido à sua atração universal como mãe, mulher, curadora, protetora e salvadora. Esta atração estava tão disseminada que em períodos posteriores chegou mesmo a rivalizar por dominância com o Cristianismo. Perto de 140 d. C, Apuleio escreveu sobre a cerimônia de iniciação no culto de Ísis no seu livro *Metamorphoses*. Ele também descreveu Ísis como a salvadora eterna, termos remanescentes do Cristianismo. De fato, muitos

aspectos da primitiva Igreja Cristã têm a sua origem no culto de Ísis, tal como a iconografia da Madona e do Menino, certos atributos e títulos da Virgem Maria, o perdão dos pecados através do arrependimento, o batismo pela água, a redenção e salvação através do divino, e o pós vida eterno.

Ver também: Culto da Deusa; Louvre; Osíris; Saunière, Jacques.

José de Arimateia

Assim que Sophie Neveu descobre que a suposta descendência de Cristo e de Maria Madalena está ligada à própria história da sua família, ela tem muito para absorver. Teabing, o erudito do Graal, explica-lhe a teoria de que José de Arimateia ajudou Maria a fugir para a França, depois da Crucificação.

José de Arimateia é descrito nos quatro Evangelhos como o homem que obteve o corpo de Cristo para ser sepultado, após a Sua Crucificação (Mateus 27: 59, 60; Marcos 15: 46; Lucas 23: 53; João 19- 38-40). Às custas de José de Arimateia, o Corpo de Cristo foi sepultado no túmulo de pedra de José onde, auxiliado pelo sacerdote fariseu, Nicodemo, foi embrulhado em linho requintado e especarias.

Os Evangelhos fornecem-nos apenas uma descrição breve de José de Arimateia, e assim pouco sabemos do homem, além do fato de que ele era rico e um discípulo secreto de Cristo (João 19: 38), Lucas (23; 50) acrescenta que José de Arimateia era um membro do Conselho do Sinédrio, o que sugere que tinha uma posição de alguma autoridade. Parece que José de Arimateia, que era considerado "um homem bom e íntegro" (Lucas 23: 50), não concordara com a sentença de Jesus pelo Conselho do Sinédrio. De acordo com Mateus (27: 57-60) e Marcos (15: 43-50), José de Arimateia pediu pessoalmente a Pôncio Pilatos o corpo de Cristo, o que sugere que José era suficientemente poderoso para lhe ser concedida uma audiência com o governador romano da Judéia. Segundo a tradição judaica, era dever do parente mais próximo do sexo masculino o de arranjar o enterro, e assim tem sido sugerido que José de Arimateia é o irmão de Jesus (ver Graham Phillips, *The Marian Conspiracy* embora a tradição ocidental acredite que ele fosse o tio da Virgem Maria).

Alguns textos não canônicos lançam um pouco mais de luz sobre José. O Evangelho de Pedro menciona que ele era, na verdade, um amigo pessoal de Pôncio Pilatos, e o Evangelho de Nicodemos refere-se ao enterro de Jesus e afirma que após este, os anciãos judeus prenderam José de Arimateia. Enquanto José estava na prisão, o Jesus ressuscitado surgiu-lhe e transportou-o miraculosamente para sua casa, onde Jesus lhe disse que ele deveria permanecer durante 40 dias. Os anciãos judeus ficaram espantados por descobrir que José escapara, e que as trancas e selo da sua cela não tinham sido nem mexidas nem quebradas. Percebendo que estavam lidando com uma pessoa elevada, escreveram a José uma carta de desculpas e pediram-lhe que se encontrasse com eles em Jerusalém. No encontro, José explicou exatamente aquilo que acontecera e informou os anciãos judeus de que outros também se tinham erguido na mesma altura de Jesus. A Narrativa de José também confirma a história da prisão de José. O falecimento de Maria é supostamente um Evangelho escrito

pelo próprio José de Arimateia, o qual após a Crucificação cuidou da Virgem Maria.

Comparadas com a escassez de informação encontrada nos Evangelhos sobre José de Arimateia, ele surge freqüentemente nos textos apócrifos, lendas posteriores e romances arturianos. Nestes relatos, diz-se que José era um comerciante de estanho, que levou Jesus a Inglaterra na Sua infância, que ele foi o fundador do Cristianismo na Grã-Bretanha, e que ele era o guardião do Santo Graal. Que José de Arimateia, com um tão pequeno papel no Novo Testamento, esteja ligada a Grã-Bretanha é um tanto surpreendente, mas uma longa tradição associa-o à Cornualha e a Somerset. Estas tradições afirmam que uma vez José trouxe o jovem Jesus com ele numa viagem comercial relacionada com o estanho. Se José estava familiarizado com a Grã-Bretanha nesta época, então é compreensível porque Filipe, o Apóstolo, mais tarde o enviou da Gália para lá.

Embora o fundador oficial do Cristianismo na Grã-Bretanha seja Santo Agostinho em 597 d. C., fontes não canônicas e relatos posteriores referem que José de Arimateia tinha, na verdade, chegado à Grã-Bretanha ou no ano 37 ou 63 d. C. As narrativas afirmam que José fugiu da Judéia com um número de outros, sendo por norma citados os apóstolos Filipe, Lázaro, Maria Madalena, Marta, Maria de Betânia e outros. Em Marselha, Lázaro e Maria Madalena ficaram para trás, enquanto o resto do grupo viajava para a Gália, mais para norte na França atual. Filipe, o Apóstolo, enviou então José de Arimateia e mais 11 ou 12 (dependendo do texto) para a Grã-Bretanha de forma a pregarem. A viagem por mar levou José para o País Ocidental, onde o rei local Arviragus, concedeu a José e aos seus companheiros algumas terras na Ilha Branca. Foi aí que José e os seus companheiros construíram uma igreja de ramos, a *Vetusta Ecclesia*, dedicada à Virgem Maria. Acredita-se, por norma, que este é o local atual de Glastonbury (compare-se com Graham Phillips, que crê que é Anglesey) e que o mosteiro beneditino de Glastonbury ocupa agora o local onde se erguia a igreja. Muitos destes pormenores podem ser encontrados em *The Antiquity of the Church in Glastonbury*, escrito no século XII por William de Malmesbury, bem como no *Chronicle of the Antiquities of the Church in Glastonbury* também do século XII, da autoria de John de Glastonbury. No entanto, um relato mais antigo do papel de José ao trazer o Cristianismo para a Grã-Bretanha foi-nos fornecido no século VI no *A História dos Francos*, de Gregório de Tura.

Outra parte da história que relaciona José e a primitiva comunidade cristã de Glastonbury refere-se ao espinheiro-alvar, supostamente plantado por José. Enquanto parava para descansar em Wearyway Hill, José enfiou o seu bordão no chão, e nesse momento, cresceu um espinheiro-alvar. O bordão que José transportava com ele fora plantado da coroa de espinhos que Jesus usava na sua Crucificação. O espinheiro-alvar, o qual ainda se encontra em Glastonbury, floresce em Maio e no Natal, e chama-se o Espinheiro Sagrado. Contudo, a menção mais antiga em relação a este vem do *The Lyfe of Joseph of Arimathia*, escrito em 1520, com adições posteriores ao conto surgindo em 1677 e 1716.

Provavelmente o mito mais famoso que rodeia José de Arimateia refere-se à proteção do Santo Graal. Nestas histórias, o Santo Graal é habitualmente associado com a taça usada por Jesus na Última Ceia, e na qual José apanhou algumas gotas do sangue de Jesus durante a Crucificação. A primeira referência a

isto, embora rudimentar, vem no *A Vida de Santa Maria Madalena* de Rabanus Maurus (776-856). Nesta, José de Arimateia tem uma ligação direta com a lendária ilha de Avalon supostamente em Somerset onde está sepultado sob a igreja que ele fundou. Também está referido que foram sepultados com ele dois vasos de prata que continham o sangue e o suor de Jesus.

Na época medieval, muitas histórias do Graal andavam em circulação, nomeadamente a de Robert de Boron, Joseph d' Arimathie. Nesta, Robert de Boron relata como Jesus é espetado por uma lança num dos flancos enquanto na cruz, com José apanhando algum do seu sangue na taça que Cristo usara durante a Última Ceia. Pela sua associação com Jesus, as autoridades judaicas aprisionam José, durante o qual Jesus surge miraculosamente a José e ensina-lhe os "mistérios do Graal", embora não seja claro no que consistirão estes mistérios. Após 42 anos de prisão, José é libertado, e em conjunto com um grupo de cristãos viaja para um país estrangeiro, onde uma mesa redonda é construída para simbolizar a Última Ceia. Contudo, um lugar nunca é utilizado: o lugar de Judas. Subseqüentemente, procura-se um local para albergar o Santo Graal, e este é encontrado no vale de Avalon (Glastonbury), onde é erigida uma igreja com esse propósito.

Outras histórias deste gênero eram muito populares na época medieval, tais como *Grand St Grail* (1200), *Parzival* (1207) de Wolfram von Eschenbach, *Queste del St Graal* (1210), *Perlesvaus* (1225), e o mais importante, *Le Morte d' Arthur* (1485) de Sir Thomas Malory. Na história de Malory, José de Arimateia é o verdadeiro guardião do Santo Graal e o antecessor de Artur, Lancelote e de Galahad.

Ver também: Maria Madalena; Santo Graal; Teabing, Leigh.

Langdon, Robert

O principal personagem d'O *Código Da Vinci* Langdon também surge no livro *Angels and Demons* de Dan Brown. Robert Langdon é, supostamente, Professor de Simbologia Religiosa na Universidade de Harvard e autor de mais de uma dúzia de livros. A personagem fictícia de Langdon também tem um título fictício - "simbologia" parece ser uma palavra amalgamada, feita a partir de "simbolismo" e "criptologia", sendo que a Universidade de Harvard não tem um tal posto de Professor de Simbologia Religiosa. No entanto, o trabalho levado a cabo por Robert Longdon é quase semelhante ao de dois professores da vida real de Harvard, Nicholas F. Constatas, o qual trabalha no estudo teológico de ícones e iconografia, e Kimberley C. Patton, cujos interesses se encontram no estudo da interpretação de sonhos e na iconografia do sacrifício, bem como em cultos funerários.

O Robert Langdon fictício tem um web site real: www.robertlangdon.com

Leonardo Da Vinci

A presença de Leonardo Da Vinci é sentida por todo o romance como uma influência poderosa sobre Jacques Saunière, o homem cujo assassinato inicia a história. Diversos trabalhos do artista são utilizados como pistas para que a sua neta, Sophie Neveu, as siga, e o criptex, ou puzzle físico, que ela usa diz-se que é utilizado por um desenho de Da Vinci.

Nascido em 1452 perto da pequena aldeia de Vinci no monte da Toscana, Leonardo iria tornar-se um verdadeiro homem do Renascimento. Reconhecido como pintor escultor, arquiteto, músico, engenheiro e cientista, Leonardo era um homem com um gênio e capacidades raras, o qual apresentava nos seus desenhos objetos como maquinas voadoras e estudos anatômicos, todos executados com uma precisão e arte consumada e científica.

Sendo filho ilegítimo de um notário florentino e de uma camponesa, presume-se que Leonardo tenha passado grande parte da sua infância com a família do seu pai, em Vinci. Crê-se que foi aqui que começou o seu interesse e fascínio duradouro pela natureza e pelo mundo natural. Desde uma idade muito tenra que ele mostrou um grande talento artístico e diz-se que era uma criança precoce e encantadora.

Em 1466, Leonardo mudou-se para Florença e entrou no atelier de Verrocchio, o escultor e pintor florentino (nome verdadeiro, Andrea di Michele di Francesco di Cioni), o qual era uma figura de proa no início do Renascimento, sendo o seu atelier um imã para jovens artistas aspirantes e escultores, em Florença. Enquanto no atelier de Verrocchio, Leonardo entrou em contato com artistas como Ghirlandaio e Botticelli. O primeiro era um artista de uma excelente capacidade artística, o qual costumava representar muitas personalidades florentinas, proeminentes dentro de uma narrativa religiosa, e o último um pintor que se tomou um dos maiores coloristas de Florença, e também um dos pintores favoritos da família Médici, sendo um dos auxiliares da decoração da Capela Sistina no Vaticano sob o Papa Sexto IV. Sem dúvida que Leonardo foi influenciado por estes dois brilhantes pintores e pelo seu trabalho durante o decorrer da sua estada no atelier. Em 1472, Leonardo foi registrado na guilda dos pintores, e em 1482, foi-lhe comissionado pelos monges de São Donato a Scopeto a execução de um quadro, A Adoração dos Magos (agora nas Galerias Uffizi), a magnífica mas incompleta obra prima, que mostra sinais de um estilo maduro em florescimento, o qual iria permear os seus trabalhos posteriores.

Em 1482, Leonardo entrou para a corte de Ludovico Sforza em Milão, permanecendo aí durante os 16 anos que se seguiriam. Sforza, Duque de Milão, era conhecido como "O Mouro" devido à sua compleição morena. Juntamente com a sua mulher, este, mantinha uma corte suntuosa, gastando enormes montantes de dinheiro patrocinando as artes. Foi nesta atmosfera que Leonardo começou a desenvolver totalmente o seu gênio. Interessou-se pelo planeamento urbano durante as severas pragas de 1484 e 1485, um interesse que iria reviver em anos posteriores, na França. Também durante esse tempo, Leonardo teve contatos com o brilhante arquiteto Bramante, cujo trabalho parece ter inspirado os desenhos e esboços de Leonardo quanto às elevações de igrejas abobadadas e edifícios em geral. Em 1490, Leonardo foi empregado como engenheiro consultor na restauração da Catedral de Pavia.

Em 1483, Leonardo, em conjunto com o seu aluno da época, Ambrogio de Predis, foi contratado para pintar a famosa Madona dos Rochedos. O contrato veio de uma organização conhecida como a Confraria da Imaculada Conceção, a qual queria originalmente um único quadro para ornamentar o painel central de um retábulo, para um altar da capela da sua igreja, San Francesco Grande, em Milão. No entanto, a primeira versão do quadro (Madona dos Rochedos), o qual se encontra atualmente no Louvre em Paris, foi substituída por uma segunda versão (A Virgem dos Rochedos), em exposição na National Gallery em Londres, a qual foi pintada perto de 1503. Em 1495, Leonardo começou um dos seus mais famosos trabalhos, o fresco A Última Ceia. Este ficou severamente danificado com o tempo, devido às experiências de Leonardo com as substâncias utilizadas no fresco, mas numa datação recente quanto 1999, o fresco foi por fim e, após grande controvérsia, restaurado até à sua quase anterior glória.

Após a queda de Sforza, Leonardo deixou Milão durante estadas curtas em Mântua e Veneza, antes de regressar a Florença em 1500. Enquanto aí, entregou-se a estudos matemáticos e teorias anatômicas no hospital de Santa Maria Nuova. Em 1502, Leonardo entrou ao serviço de Cesare Bórgia como engenheiro militar, e foi nessa altura que conheceu e se tornou amigo próximo de Maquiavel, o autor e político italiano. Em 1503, ou perto dessa data, Leonardo aceitou pintar a célebre e talvez a mais famosa das suas obras, a Mona Lisa, que hoje se encontra no Louvre, em Paris.

Regressando a Milão em 1506, Leonardo foi contratado por Charles d' Amboise, em nome de Luís XII, Rei da França, como arquiteto e engenheiro. Neste ponto, Leonardo tomou um grande interesse pela botânica, mecânica, hidráulica e geologia. Nessa época, Leonardo tinha um vasto número de pupilos e era extremamente ativo como pintor e escultor, pintando Santa Ana, Maria e o Menino, que se encontra agora no Louvre,

Em 1513, Leonardo viajou para Roma, sob o mecenato do recentemente eleito Papa Médici, Leão X, por essa altura, Leonardo era um homem idoso de 61 anos e se encontrou partilhando a ribalta com Miguel Angelo e Rafael, os dois novos mestres que dominavam agora a arena artística. Enquanto em Roma, Leonardo encarregou-se de diversos projetos arquitetónicos e de engenharia no Vaticano, bem como recebeu diversas comissões de pintura. Foi neste período que o maravilhosamente enigmático São João Batista, que se encontra no Louvre, foi pintado.

Em 1515, Giuliano de Médici, o irmão do papa, deixou Roma e conjetura-se que, nesta altura, Leonardo deixou Roma com ele. Aceitando um convite de Francisco I de França, Leonardo estabeleceu-se no castelo de Cloux, perto de Maboise, nos seus derradeiros anos, onde continuou com o seu grande interesse em filosofia e ciência até à sua morte em 1519.

De acordo com os Dossiês Secretos, em conjunto com muitas das suas realizações, Leonardo foi também um das Grão Mestres do Priorado de Sião. A incontestável utilização do simbolismo nos seus quadros e grandes obras é uma área que requer muita pesquisa e atenção. Alguns investigadores afirmam que Leonardo tinha um enorme interesse pela alquimia, especialmente na idéia alquimista de uma fusão entre macho e fêmea como sendo o estado perfeito. Isto bem pode ser confirmado pela utilização de figuras andróginas em muitos dos

seus quadros, sendo um bom exemplo disto o quadro de João Batista, no qual a figura de João é estranhamente hermafrodita na sua natureza.

Em 1965, dois livros de notas previamente perdidos de Leonardo foram encontrados na Biblioteca Nacional de Madrid, Espanha. Estes livros de notas continham tanto um diário como um vasto trabalho sobre princípios teológicos, e foram publicados em 1974 como Os Códices de Madrid.

Ver também: Grão Mestres da Priorado de Sião; Madona dos Rochedos; Mona Lisa; O Homem de Vitruvius; Última Ceia, A-



Linha da Rosa

O termo "meridiano primário" oficialmente reconhecido como científico. O termo também tem sido utilizado como referência à alegada descendência de Jesus e Maria Madalena. Este termo é explicado a Sophie Neveu por Leigh Teabing e Robert Langdon, Enquanto se encontram no Château Villette.

Os locais visitados no romance recaem em duas diferentes Linhas da Rosa, uma na Grã-Bretanha e outra na França, em Paris, a linha corre através do Louvre e depois, pelo gnómon da Igreja de St. Sulpice. Quando Robert Langdon e Sophie viajam até à Capela Rosslyn, eles acreditam que estão em outra linha e que o nome da capela é uma abreviatura de Linha da Rosa.

Nos códigos do Priorado de Sião, somos levados a imaginar a Terra como um ponto central rodeado pelos 12 signos zodiacais, do mesmo modo que as casas zodiacais rodeiam a elíptica da Terra no espaço. Segue-se uma série bastante complexa de instruções e códigos, revelando eventualmente que é construída uma linha norte- sul fixa, chamada a Linha da Rosa, sendo este padrão fixo tanto um mapa navegacional como um calendário solar.

É este princípio que sublinha o famoso meridiano solar, ou gnómon, em St. Sulpice de Paris, onde Silas foi enviado para procurar a chave da abóbada. Em St. Sulpice, um raio de luz converge através de uma lente no transepto sul da janela da igreja, ao meio dia, e o movimento da Terra à volta do Sol é delineado através do ano enquanto o raio solar se move ao longo de uma faixa de latão, pontuada por placas, através do chão da igreja até que culmina num obelisco de mármore no transepto norte do solstício de Inverno (ver St. Sulpice).

A idéia de uma rosa bússola foi desenvolvida como um auxiliar da navegação, com os braços principais da rosa marcando o norte, o sul, o este e o oeste, e direções cardinais, com braços menores marcando as direções incrementais entre estas. A posição norte da bússola é tradicionalmente desenhada com o símbolo da flor de lis, o qual também é usado como um símbolo de heráldica para demonstrar realeza. Nos tempos medievais, a direção norte também era conhecida como Septentriones, segundo as sete estrelas da Ursa

Maior, ou da Grande Ursa, a qual atua como um indicador-guia para a estrela polar. Assim, o simbolismo da urso é representado tanto na mitologia arturiana do Graal bem como nos códigos do Priorado de Sião, como um símbolo "guardião", e um dos nomes da estrela polar, Stella Maris ou Estrela do Mar, é atribuído a Nossa Senhora, ou Notre Dame.

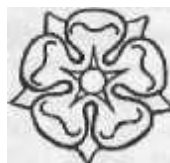
Assim sendo, talvez não seja uma coincidência que o caminho da Linha da Rosa bissecte França, desde Dunquerque no norte, através de Amiens, St. Sulpice em Paris, Bruges no epicentro através de Carcassonne, terminando em Barcelona, Espanha no sul, e seja marcado por uma intrincada mistura de catedrais e igrejas a Nossa Senhora com meridianos solares.

Estes mesmos conceitos estão incorporados num poema crítico do Priorado de Sião intitulado *Le Serpent Rouge*, ou a Serpente Vermelha, o qual codifica pistas sobre como o meridiano solar foi incorporado na estrutura da Igreja de St. Sulpice em Paris.

No final do século XVII, a invenção de novos instrumentos e técnicas científicas permitiu aos astrónomos calcular um meridiano primário muito mais exato, e os antigos métodos "orgânicos" foram abandonados. Para este fim, o Observatório de Paris foi concluído em 1672 para marcar a localização do novo meridiano zero de Paris, o qual tornou o gnómon solar de St. Sulpice redundante.

Por fim, em 1884, os poderes mundiais votaram para mover o meridiano primário da Terra para Greenwich na Inglaterra, mas a Linha da Rosa continua viva nos corações dos seguidores das curiosidades esotéricas.

Ver também: Gnómon em St. Sulpice) Priorado de Sião; St. Sulpice.



Louvre

Nos capítulos iniciais d'*O Código Da Vinci*, o Museu do Louvre em Paris surge proeminentemente como cenário de muita da ação. É o cenário do assassinato de Jacques Saunière, o local de encontro entre Robert Langdon e Sophie Neveu e, devido às suspeitas de Bezu Fache, o ponto de partida da perseguição que acaba por conduzi-los a Londres e, daí para a Escócia.

Embora sendo agora o lar de algumas das melhores obras de arte do mundo, o Louvre começou a sua existência como uma fortaleza, construída para defender o acesso ocidental de Paris. O Rei Filipe Augusto, que reinou entre 1180 e 1223, mandou erigir torres em cada esquina da fortaleza, as quais se encontravam fora das muralhas da cidade. Nessa época, o palácio real ficava na Ile de la Cité, e agora é difícil imaginar que o local do Louvre já se encontrou fora dos limites da cidade. Da estrutura original, iniciada, perto de 1190, apenas restam, as fundações, que foram, descobertas em 1985 durante restaurações à Cooper Caberei.

Com o passar do tempo, o edifício foi expandido, especialmente pela mão de Carlos V, que lhe acrescentou duas novas alas e contratou muitos artistas para modernizar o Louvre. Os muros da cidade de Paris tinham se movido para o exterior e agora estavam além do Louvre, de forma que este perdera o seu significado militar e era usado como residência real, prisão e arsenal. Em 1415, os ingleses, ocupando vastas regiões de França, pilharam o Louvre e os tesouros originais foram dispersos. O edifício deteriorou-se e foi negligenciado até que Francisco I ordenou a demolição da estrutura que restava, em 1528.

Em 1546, sob a supervisão de Pierre Lescot, iniciaram-se as obras de um palácio substituto, projetado para refletir a riqueza e cultura da corte, a qual possuía uma coleção de arte real que foi alargada com a aquisição da Mona Lisa. Depois da morte de Francisco I, o seu filho, Henrique II, continuou entusiasticamente o trabalho, e monarcas subseqüentes acrescentaram as suas próprias contribuições.

Um palácio erigido nas Tolherias vizinhas por Catarina de Médicis estava ligado ao Louvre pela Grande Galeria, concluída em 1606 sob Henrique IV. A coleção de arte foi continuada sob Luís XIII e Luís XIV. Contudo, Paris estava a perder a sua atração como residência real, e em 1678, a corte mudou-se para Versalhes e o Louvre perdeu a sua posição no centro da vida política.

Apenas membros da corte usufruíam da extensa coleção da arte e outros objetos, que atingiam números próximos dos 2500 em 1715, quando Luís XIV morreu. Alguns artigos foram colocados em exibição no Palácio de Luxemburgo em 1750, mas foi a sublevação da Revolução Francesa que marcou a fase seguinte da história do Louvre.

Em 1793, o Louvre tornou-se um museu público e a Grande Galeria foi aberta ao público para que este pudesse apreciar a coleção de arte. Napoleão Bonaparte aumentou a coleção durante a sua campanha de conquista pela Europa, embora muitos artigos tenham sido devolvidos após a sua derrota em Waterloo. Um dos seus sucessores, Napoleão III, o qual fez muitas alterações à arquitetura de Paris, também colocou a sua marca no Louvre com a construção da ala Richelieu, entre 1852 e 1857.

Hoje em dia, o museu alberga quadros de Leonardo Da Vinci, Rembrandt, Ticiano e Rubens, bem como esculturas como a Vênus de Milo. Existe uma coleção de antiguidades gregas e romanas, e um departamento egípcio que foi criado em 1826 sob a direção de Jean-François Champollion, na mesma década em que decifrou os hieróglifos. Pela altura da sua morte em 1832, o departamento possuía 9000 objetos, e pela aquisição e legados, as coleções continuaram a aumentar.

No século XX, o presidente Mitterrand embarcou no projeto ambicioso de expandir o museu, criar instalações modernas, e engrandecer os espaços públicos. A fase I do Grand Louvre, concluída em 1989, inclui a famosa entrada da pirâmide de vidro e um espaço subterrâneo com áreas para cerimônias públicas. Concluída em 1993, a fase II envolveu a remoção do Ministério das Finanças da ala Richelieu e a conversão desta ala em espaço de exposição. O Carrousel du Louvre foi criado, um complexo subterrâneo de lojas e outras instalações, iluminadas pela Pirâmide Invertida, uma estrutura de vidro que atua como luz noturna. É esta estrutura que surge no clímax d'*O Código Da Vinci*. No aniversário

dos seus 200 anos como museu público, o Louvre emergiu como uma estrutura moderna destinada a exibir maravilhosos objetos da sua coleção de mais de 300000 peças.

Ver também: Leonardo Da Vinci; Pyramide Inversée; Sauniere, Jacques.

Madonas Negras

As Madonas Negras são estátuas religiosas da Madona e do Menino, embora tal como o nome o sugere, a Madona seja representada com a pele negra. Embora Dan Brown não se refira diretamente a elas n'*O Código Da Vinci*, estas estão intimamente ligadas com muitos temas que ocorrem ao longo do livro, tal como o culto da deusa, Maria Madalena e os Cavaleiros do Templo. As estátuas podem ser encontradas por toda a Europa, com a vasta maioria localizada na França, onde existem mais de 300. Espanha tem mais de 50 Madonas Negras, e existem 19 na Alemanha e 30 em Itália. Estátuas/santuários famosos de Madonas Negras podem ser encontrados no Loreto, Saragoça, Rocamadour, Montserrat, Guadalupe, "Nossa Senhora do Mundo Inferior" na Catedral de Chartres, e "Nossa Senhora de Czestochowa" na Polónia.

O culto da Madona Negra floresceu na Europa medieval, quando muitas das imagens foram feitas. Elas tomam principalmente a forma de estátuas esculpidas ou de madeira negra, tal como o ébano, ou madeira que é pintada de preto. Outras imagens são esculpidas em pedra, e uma foi moldada em chumbo. Quadros, frescos e ícones também foram usados para representar as Madonas Negras.

Acreditava-se que a imagem da Madona Negra era muita poderosa obreira de milagres, especialmente nas áreas de fertilidade e cura. Diz-se que as imagens tinham uma grande sabedoria e estavam proximamente ligadas com a magia. Onde quer que fosse localizada uma Madona Negra, erguia-se um culto à sua volta, e inclusive hoje em dia, santuários à Madona Negra são o ponto fulcral de veneração e peregrinação por um enorme número de crentes. Apesar disso, a Igreja tem tradicionalmente ficado muito pouco satisfeita ao acolher as Madonas Negras e a sua resultante veneração.

Existem muitas teorias sobre o motivo porque a Madona e o Menino devem ser representados como pretos, quando a tradicional cor da pele da Virgem Maria é o branco. Uma teoria conclui que o preto é o resultado de centenas de anos de fumaça de vela. Contudo, isto não toma em linha de conta que a maioria das estátuas ou foram esculpidas a partir de ébano ou foram deliberadamente pintadas de preto. Outra teoria afirma que as estatuas foram trazidas pelos Cruzados de regiões habitadas por povos negros, mas estudos mostraram que as estátuas foram feitas localmente e não eram cópias de arte africana ou do Oriente Médio.

Um motivo mais lógico para a sua cor é o de que estas imagens estão ligadas a antigas deusas, já que a maioria dos santuários das Madonas Negras estão localizados em antigos locais pagãos, sugerindo a continuação do culto da deusa, embora sob outra forma. A deusa egípcia Ísis, a deusa romana Diana, e a divindade asiática Cibele foram todas representadas pelo menos, uma vez como

negras. Ísis tem talvez as semelhanças mais interessantes com a Virgem Maria, por exemplo, ela é tradicionalmente representada em antigas estátuas egípcias com o seu filho, Hórus, sentado ao seu colo. O culto de Ísis, estreitamente associado com a medicina e a fertilidade, espalhou-se pela região do Mediterrâneo e continuou até à era cristã. Até mesmo quando a tradição cristã substituiu as antigas crenças pagãs, muita da iconografia e ornamentos associados com Ísis foram colocados sobre a Virgem Maria. Assim, ambas são chamadas Estrela do Mar e Rainha do Céu, ambas são representadas de pé sobre uma lua crescente, ou com estrelas rodeando-lhes a cabeça, ou como uma mãe com o seu filho. Na verdade, a Madona Negra de Notre-Dame du Puy foi originalmente uma estátua de Ísis.

Ísis também está ligada a Maria Madalena, cuja veneração tem florescido ao lado dos cultos da Madona Negra. Existem 50 centros de culto de Maria Madalena à volta do Mediterrâneo que também incluem santuários à Madona Negra, tais como Marselha, onde um dos seus três santuários de Madonas Negras está colocado no exterior da capela subterrânea dedicada a Maria Madalena. Existe uma cordilheira de montes na França chamada Monts de La Madeleine, e é a volta destes montes que a grande densidade de santuários de Madonas Negras pode ser encontrada. Numa tradição do folclore, ligando diretamente a Madona Negra com Maria Madalena, diz-se que a estátua da Madona Negra, a Madone des Fenêtres (a Madona das Janelas), foi trazida para o sul de França pela própria Maria Madalena.

Muitas das Madonas Negras escondem um segredo ou algo de oculto, tal como uma associação com o fato de estarem por debaixo do chão. Na Catedral de Chartres, a estátua da Madona Negra é chamada "Nossa Senhora do Mundo Inferior", enquanto como já referimos, a estátua da Madona Negra em Marselha está localizada no exterior de uma capela subterrânea. Alguns investigadores sugerem que esta associação indica os tributos femininos do divino, com o aspecto subterrâneo visto como representando o ventre da deusa. as Negras eram veneradas pelos Cavaleiros d

As Madonas Negras eram veneradas pelos Cavaleiros do Templo.

Ver também: Cavaleiros do Templo; Ísis; Maria Madalena.

Madona dos Rochedos, A

"Tão negra a mentira do homem" é uma pista enigmática deixada na Mona Lisa para Sophie Neveu pelo seu avô, Jacques Saunière. É um anagrama o qual, quando solucionado, a conduz até ao quadro, A Madona dos Rochedos. Por trás do quadro, ela descobre a chave que mais tarde descobre pertencer a um cofre, um legado importante deixado para ela o recolher.

A Madona dos Rochedos é o nome dado a duas versões do quadro religioso, pintado por Leonardo Da Vinci, o qual retrata a Virgem Maria sentada com o Jesus menino e João, o Batista, acompanhados por um anjo, que se crê ser o Arcanjo Virgem Maria no seu vértice.

A mais antiga e intrigante das duas versões foi encomendada a 25 de Abril de 1483, para a Igreja de San Francesco Grande em Milão. Foi pintada a óleo

num painel arqueado, com 199 x 122 cm, e destinada a formar a peça central de um retábulo de madeira, da Capela da Imaculada Conceição. Este painel central foi encomendado para representar a lenda cristã que descreve a Sagrada Família abrigando-se numa caverna deserta do Egito enquanto foge de Herodes, e o seu encontro aí com um João Batista jovem, e Uriel, o arcanjo encarregado da sua proteção. Embora não mencionada na Bíblia, esta cena faz parte da lenda ortodoxa cristã.

O quadro mostra uma gruta rochosa com uma Virgem Maria sentada no seu centro. A seu lado, estão sentadas duas crianças - Jesus e João, o Batista - enquanto Uriel se ajoelha à Sua esquerda, ligeiramente atrás de uma das crianças. Pensa-se que a criança à direita da Virgem Maria é João Batista, o que se ajoelha a Seu lado, as suas mãos juntas como se em oração, enquanto a mão direita da Virgem lhe rodeia o ombro. Do seu lado oposto, a criança que se crê ser Jesus senta-se de pernas cruzadas e ligeiramente afastada Dela, estando a mão direita da criança erguida num gesto de bênção na direção da outra criança. Acima disto, a mão da Virgem Maria paira sobre a Sua cabeça bem como sobre o dedo que aponta do Arcanjo Uriel, o qual se senta atrás da criança, mas no entanto está apontando para a criança sentada do lado direito da Virgem Maria.

Já que Leonardo Da Vinci não rotulou nenhuma das duas crianças sagradas, é difícil decidir qual das crianças é Jesus e qual é João Batista. Todavia, por norma, assume-se que a criança que dá a bênção é Jesus, com João, o Batista, num papel mais subserviente. Esta visão é encorajada pela segunda versão do quadro, onde a criança do lado direito de Maria segura numa longa cruz feita de cana, associada com João Batista. No entanto, esta cruz parece ter sido acrescentada numa data posterior por outro pintor e pode não ter sido intenção de Leonardo Da Vinci a sua introdução.

Observando objetivamente o quadro, seria mais provável que a criança que se encontra rezando fosse Jesus, e não João Batista, já que esta criança senta-se mais perto da Virgem Maria e, na verdade, está sendo afagada e protegida por Ela. Faria então sentido que a outra criança, que se encontra mais afastada da Virgem, seja João, o Batista, já que este surge sob a proteção do arcanjo com o qual está associado. Esta é a teoria colocada pelos autores Clive Prince e Lynn Picknett no seu livro *O Segredo dos Templários: O Destino de Cristo* - um dos livros encontrados por Sophie na estante de Leigh Teabing.

Embora não seja surpreendente, muitos não apreciam esta hipótese, já que apresenta João Batista num papel mais importante. Contudo, esta versão pode ter um simbolismo mais profundo do que é imediatamente aparente. Por exemplo, as ações das duas crianças podem refletir a tradição templária de venerar João, o Batista, sobre Jesus. A ação de apontar de Uriel também é curiosa, tal como a posição da mão esquerda da Virgem Maria. Foi sugerido por Prince e Picknett que a mão de Maria está colocada numa posição que parece apertar uma mão invisível, onde o dedo de Uriel que aponta corta através do ponto onde estaria localizado um pescoço invisível. Isto sugere que Leonardo Da Vinci estava, na realidade, rotulando esta criança como João, o Batista, o qual foi mais tarde decapitado, de acordo com a Bíblia.

Parece que a confraria que encomendou o quadro opôs-se à falta de referências cristãs - não existe, por exemplo, nenhuma representação de José.

Como resultado, este foi oferecido ao Rei Luís XII de França, e encontra-se agora no Louvre. A segunda versão, uma pintura a óleo sobre madeira, do 195,5 X 120 cm, encomendada em 1503 para substituir a mais antiga, encontra-se agora na National Gallery, em Londres. Nesta versão, as figuras são ligeiramente maiores e foram-lhes concedidas auréolas. O Arcanjo Uriel já não aponta na direção da criança sentada do lado direito da Virgem Maria, criança essa que agora segura a cruz de João, o Batista, tal como anteriormente referido. Parece assim que todos os traços de simbolismo foram ou removidos ou expurgados, de forma a enquadrarem-se com os requisitos dos anciãos da Igreja.

Já que Leonardo, alegadamente, foi um dos Grão-Mestres do Priorado de Sião, é natural que procuremos significados mais profundos nos seus quadros. Certamente que se Leonardo estava, na verdade, codificando simbolismo secreto na sua obra, a primeira representação d'A Madona dos Rochedos é uma excelente candidata a esta hipótese.

Ver também: Leonardo Da Vinci; Neveu, Sophie; Saunière, Jacques.

Maria Madalena

Entrelaçado com o tema central da identidade do Santo Graal, o papel de Maria Madalena é primordial para *O Código Da Vinci*. Brown pega a deixa sobre Maria Madalena a partir do livro *Holy Blood, Holy Grail*, já referido anteriormente. Neste livro, coloca-se a teoria de que Maria Madalena foi a mulher de Cristo e a mãe do Seu filho: nomeadamente, a criança do sexo feminino chamada Sara, a qual perpetua toda uma dinastia da linha de David, Esta dinastia continua para se tornar a linhagem merovíngia dos reis de França, sendo eventualmente tornada clandestina e protegida por uma sociedade secreta conhecida como o Priorado de Sião.

Esta é a teoria, mas que fatos conhecemos nós sobre a Maria Madalena que surge no Novo Testamento?

Pensa-se que a designação "Madalena" se deve ao fato de Maria ser da cidade de Magdala. Surpreendentemente, ela surge muito poucas vezes no Novo Testamento, e as suas aparições podem ser categorizadas em quatro tipos distintos: com um grupo de viajantes, na Crucificação, no enterro de Cristo e testemunhando a Ressurreição.

Uma coisa podemos dar como certa: a crença longamente mantida de que Maria Madalena era uma prostituta arrependida é falsa. A idéia de que Maria era, de fato, uma prostituta parecer ser um engano. No século VI, o Papa Gregório I emitiu uma promulgação dizendo que Maria Madalena era uma mulher pecadora, uma prostituta arrependida, mas ele parecia estar misturando três mulheres diferentes, bem como a subentender Lucas 7 e 8. Claro que esta situação não foi auxiliada pela Igreja, que até 1969, quando o Vaticano emitiu uma retratação silenciosa, ainda mantinha que Maria era uma mulher caída.

Nos Evangelhos, podemos ver que Maria representa muito mais o papel de um dos discípulos. Ela encontra-se com Jesus enquanto Ele é crucificado, como auxiliar no Seu enterro, e como a primeira pessoa a encontrar o Cristo ressuscitado. Estes fatos em si mesmos fazem-se sobressair, pelo menos, como

simbolicamente importante e podem explicar o motivo pelo qual Pedro seja tão depreciativo da sua pessoa, como iremos ver.

Existe alguma prova quanto a uma relação mais próxima entre a Madalena e Jesus? Infelizmente, o Novo Testamento falha nesse aspecto. Uma leitura lógica dos Evangelhos dá-nos a percepção de uma potencial relação entre os dois: na verdade, o silêncio sobre o assunto é ensurdecador. Contudo, e tendo afirmado isto, deve ser recordado que o Novo Testamento, tal como chegou às nossas mãos, passou por muitas fases de revisão e edição. Também passou por muitas traduções até chegar ao que é neste momento. Então e quanto a fontes fora dos Evangelhos tradicionais?

Um dos chamados Pais da Igreja, Hipólito, no seu comentário sobre o Cântico dos Cânticos, parece referir-se a Maria, embora de forma distorcida:

Deixai que os Apóstolos femininos duvidem dos anjos, o próprio Cristo surgiu-lhes para que as mulheres possam ser Apóstolos de Cristo e pela sua obediência, possam retificar o pecado da antiga Eva.

Ele continua explicando como Cristo Se mostrou aos Apóstolos masculinos e Lhes diz: "Fui Eu que apareci a essas mulheres e Eu que quis enviá-las a vós como Apóstolos".

No Evangelho de Filipe (63:33-6), um dos assim chamados Evangelhos Gnósticos encontrados com o tesouro Nag Hammadí no Egito, é utilizada uma linguagem mais obscura para descrever uma possível relação próxima entre Jesus e Maria Madalena. Neste texto, refere-se que Jesus costumava "amá-la mais do que todos os Seus discípulos" e que Ele costumava "beijá-la freqüentemente na boca", ficando os discípulos masculinos particularmente ofendidos com este comportamento. Embora não exista aqui qualquer indício de um verdadeiro casamento ou co-habitação, a palavra utilizada para descrever Maria na língua copta destes textos é *koinonos*, a qual foi traduzida por Susan Haskins (no seu livro de 1993, *Mary Magdalene: Myth and Metaphor*), como significando "consorte" ou "companheira".

Um dos textos Nag Hammadi é conhecido como o Evangelho de Maria. Neste encontramos referência ao fato de que ela era o recipiente da revelação, para grande aborrecimento dos Apóstolos masculinos. Em 17:10-18 do Evangelho, encontramos André duvidando que Maria tivesse na verdade visto o Cristo ressuscitado e Pedro perguntando: "Falou Ele realmente com uma mulher sem o nosso conhecimento e não abertamente?" Ele continua: "Será que ele a preferia a nós?" Mais à frente no mesmo texto, Levi surge para castigar Pedro, dizendo: "Mas se o Salvador a tornou merecedora, quem és tu, na verdade, para a rejeitares? Certamente que o Salvador conhece-a bem. É por isso que Ele a amou mais do que a nós".

O que estes textos nos mostram é que o papel das mulheres seguidoras de Jesus pode bem ter tido um estatuto mais elevado do que aquele que nos ensinaram a acreditar, mas eles não lançam qualquer luz sobre a questão central: se Maria e Jesus eram marido e mulher. Em vez disso, dão-nos relances e possibilidades atormentadoras, e permitem correntes de pensamento e teorias baseadas em meras suposições. Temos de recordar que os textos acima citados são apenas alguns entre centenas de textos que se relacionam com este período.

Uma teoria intrigante colocada pelos autores de *Holy Blood, Holy Grail* é que a história que surge na Bíblia sobre o Casamento de Canaã, onde Jesus executa o milagre da transformação da água em vinho, pode na verdade ser um recontar distorcido do próprio casamento de Jesus. Esta teoria tem muito que se recomende e bem pode ser uma das principais pistas necessárias para fixar este argumento. Isto, e o fato de que se esperaria que Jesus, sendo judeu na época, se casasse, são possibilidades intrigantes.

Somos assim deixados com estas conclusões:

- A figura de Maria Madalena no Novo Testamento pode bem ter tido uma relação mais próxima com Jesus do que se pensou originalmente.
- Maria esteve com Jesus em fases cruciais da história, nomeadamente durante a sua morte, enterro e Ressurreição de Cristo.
- Não existe nenhuma prova direta nos textos atualmente conhecidos, nem nos Evangelhos que corrobore a idéia de que Jesus e Maria eram casados.
- Até os Evangelhos encontrados em Nag Hammadi (em 1945) são omissos quanto a provas (ou falta destas) deste assunto, excetuando uma referência em Filipe

O que aconteceu a Maria após a morte de Cristo? De acordo com a tradição católica, Maria Madalena morreu em Éfeso, onde residia com Maria, a Mãe de Jesus, e João, o suposto autor do quarto Evangelho. Esta tradição é, no entanto, disputada pela lenda do século VI mencionada por Gregório de Tours, o qual afirma que um documento ainda mais antigo fornece a história de que Maria Madalena viajou para Aix-en-Provence na França, no grupo de São Maximiniano.

É esta história que parece ser a catalisadora das teorias dos tempos modernos do Sang Raal (sangue real ou descendência real de Cristo). Maria Madalena também é conhecida como a "amada" nos círculos gnósticos, associando-a, de novo, com a idéia da união de Jesus. Para mais idéias por trás disto, vale a pena ler *The Woman with the Alabaster Jar* de Margaret Starbird. A mesma autora também refere no seu livro de 1993, *The Goddess in the Gospels: Reclaiming the Sacred Feminine*, que de acordo com o antigo sistema hebraico, a gematria ou simbolismo numerológico, o nome Maria Madalena e o seu número 153 neste sistema indicam que Maria era a "deusa" neste contexto. Starbird também acredita que Maria passou muito tempo na florescente, cosmopolita e burguesa cidade gnóstica de Alexandria. De novo, isto podia explicar muitos dos mitos e lendas que rodeiam esta figura, tal como pode ser visto nos numerosos cultos da Madalena, que cresceram à volta do Mediterrâneo nos primeiros séculos depois de Cristo.

Pareceria que a teoria da linhagem de Cristo não é em si nada nova, mas a teoria de que foi Maria Madalena que gerou o Seu filho parece ser, na verdade, muito recente (ver a entrada *Holy Blood, Holy Grail* para mais informações sobre este assunto). Toda uma indústria também cresceu nos tempos modernos à volta da Madalena como uma personificação do Sagrado Feminino, o qual de certa forma representa o espírito da Mãe Deusa. Esta é uma aproximação totalmente diferente à teoria da descendência, já que é mais baseada na metáfora e no simbolismo do que na verdadeira realidade física. Pareceria lógico que o papel de Maria Madalena fosse ou o de consorte de Jesus ou a personificação do Sagrado Feminino.

A história de Maria Madalena está envolvida em mito, lenda e simbolismo. Ela representa o espírito da antiga deusa, que foi venerada através do Oriente Médio e da Europa, há milênios. Tal como conhecemos hoje a história, não é possível provar se ela era na verdade casada com Jesus ou se gerou o Seu filho. Tudo isto permanece envolto em mitos mas, previsivelmente, far-se-ão ouvir ao movermo-nos através do tempo. Dois mil anos de repressão do feminino encarregar-se-ão disso.

Merovíngios

N'O *Código Da Vinci*, Sophie Neveu descobre que a sua família tem estado associada a uma organização, o Priorado de Sião, o qual acredita em uma linhagem descendendo de Jesus e de Maria Madalena. É-lhe dito que esta suposta linhagem foi passada através dos reis merovíngios de França, e isto fá-la recordar-se de uma história que ela se lembra de ter ouvido na escola sobre um Rei Dagoberto, que fora esfaqueado em um olho.

Os Merovíngios eram a família reinante em um reino que abrangia regiões da moderna França e Alemanha, desde cerca de 447 até 750 d. C. A dinastia foi buscar o seu nome a Merovech (latinizado como Meroveus), o qual era um chefe tribal dos Francos, um de entre um grupo de tribos germânicas que penetrara no Império Romano e começara a se estabelecer

Em 481, Clóvis I o sucedeu no trono merovíngio, tornando-se o primeiro rei dessa linhagem, e ampliou o seu reino ao derrotar o último oficial romano do norte da Gália, e capturando grande parte da região a norte do rio Loire. Também derrotou os Visigodos e acrescentou a maior parte da Aquitânia aos seus domínios. Clovis casou com uma princesa borgonhesa chamada Clotilde a qual era uma católica romana, religião à qual ele se converteu, possivelmente sob a influência da sua mulher e do seu confessor, São Remy. Curiosamente, Remy é o nome do criado de Leigh Teabing n'O *Código Da Vinci*.

A conversão ao Catolicismo foi um passo maior, já que os Francos, bem como outras tribos, como os Godos e Visigodos, tinham crenças arianas. Esta crença, batizada com o nome de Ário, um sacerdote de Alexandria, no Egito, do século IV, era a de que embora Jesus fosse o Filho de Deus, Jesus e Deus eram dois seres separados. Já que Jesus fora criado, em vez de ser co-eterno com Deus, o Pai, e o Espírito Santo, os Arianos negavam a existência da Trindade. A "Heresia" Ariana fora condenada pelo Concílio de Nicéia, e o Imperador Romano Constantino tentou destruir os documentos arianos.

Clóvis I também é conhecido por ter feito de Paris a capital do seu extenso reino, assegurando assim um lugar na história francesa. Depois da morte de Clóvis, o reino foi dividido entre os seus quatro filhos e durante os 150 anos que se seguiram, a dinastia merovíngia foi governada ou centralmente ou por ramos da família em diferentes centros regionais. Durante este período de tempo, os reis começaram a confiar cada vez mais em oficiais cujo título era o de Chanceler do Palácio.

Dagoberto II subiu ao trono em 676, e foi este rei que se crê ter sido o monarca desafortunado que foi esfaqueado até à morte através do olho, segundo

as ordens de Pepino, o Gordo, o seu Chanceler do Palácio. Do seu segundo casamento com uma princesa visigoda, Dagoberto teve um filho, Sigisberto, o qual, de acordo com os autores de *Holy Blood, Holy Grail*, escapou e assim continuou com a linhagem.

O último dos monarcas merovíngios, Cilderico III, foi deposto em 751 e enviado para um mosteiro, depois do seu longo cabelo ter sido cortado. Ainda hoje não se compreende a importância do comprimento do cabelo dos reis merovíngios, mas eles eram conhecidos pelos seus contemporâneos como os "reis de cabelo comprido".

Mitras

De forma a compreender a controvérsia que rodeia o Concílio de Nicéia e as origens da moderna Igreja Cristã, Sophie Neveu fica conhecendo as associações ao deus pré-cristão, Mitras.

Originariamente um antigo deus da Pérsia e da Índia, onde era conhecido como Mitra, Mitras era um deus menor dentro do sistema zoroastriano, até perto do século VI a. C. Só com o surgimento da dinastia aquemênida na Pérsia é que este deus se tornou crescentemente importante, quando no século V a. C. reapareceu como o principal deus dos Persas, um deus de luz e de sabedoria, e muito associado com o sol. Expandindo-se através do Médio Oriente e do sul da Europa, o culto do Mitraísmo foi em breve estabelecido como uma religião maior e tornou-se uma das maiores religiões do Império Romano. No século II d. C. o Mitraísmo era um Cristianismo. Mitras, tal como o deus era conhecido em latim, era o deus por excelência dos legionários romanos, sendo um grande companheiro e guerreiro aos olhos dos seguidores do culto, sendo o fator fundamental e central do sistema mitríco a luta dualística entre as forças da luz e das trevas, do bem e do mal.

Essencial na história de Mitras é a forma como este captura e sacrifica um touro sagrado, de cujo corpo sacrificado brotam todas as coisas benévolas da Terra. O culto era semelhante em muitos aspectos a alguns dos cultos de mistério que surgiram, nesses tempos antigos, com formas sacramentais e de batismo assemelhando-se a muitos outros cultos e, também presentes, semelhanças entrelaçadas com o Cristianismo: por exemplo, o Feriado do nascimento de Mitras era realizado a 25 de Dezembro.

Ver também: Concílio de Nicéia.

Mona Lisa

O mais famoso quadro do mundo, a Mona Lisa de Leonardo encontra-se no Louvre em Paris e surge n'O *Código Da Vinci*, quando é para este quadro que Sophie e Langdon são conduzidos na sua busca de outra pista de Jacques Saunière, rabiscada no plexiglas que protege o quadro.

Provavelmente pintado entre 1503 e 1506, com um pequeno acréscimo em 1510, a Mona Lisa é, sem sombra de dúvida, um dos rostos mais famosos do mundo. No entanto, não estamos totalmente certos de quem posou para o quadro.

Este foi mandado executar por um mercador de sedas florentino chamado Francesco del Giocondo, e muitos historiadores de arte presumem que o quadro é uma imagem de Lisa Gherardini, a mulher de Giocondo, o qual encomendou o retrato como uma celebração para marcar o nascimento do seu segundo filho em Dezembro de 1502. Contudo, têm surgido debates durante grande parte dos últimos 500 anos, sobre quem era, na verdade, esta figura.

A palavra Mona é na verdade uma contração de Monna, que por sua vez é uma contração de Madonna ou Mia Donna, significando "Minha Senhora" ou "Madame". Aparentemente parece que o nome de Mona Lisa se deve a um erro de pronúncia ocorrido no passado. Em francês, o quadro é conhecido como La Joconde e em italiano como La Gioconda, querendo dizer "a alegre", mas também um trocadilho com o nome da presumível modelo.

O quadro mostra uma utilização brilhante de uma técnica conhecida como sfumato, que, através de diversas camadas de verniz translúcido, desfaz os contornos em transições entre luz e sombra e aumenta a qualidade plástica das figuras. Na Mona Lisa, Leonardo mostra como se tornou um mestre nesta técnica, definindo os cantos dos olhos e da boca com tal precisão e beleza que o quadro tem uma qualidade quase de sonho.

Uma anomalia que surge no quadro é que a figura não tem sobrancelhas. Isto pode ter sido o resultado de uma limpeza ultra-zelosa da obra de arte ocorrida no passado ou, então, que a modelo tivesse depilado totalmente as sobrancelhas, como era a moda na época.

Alguns investigadores alternativos têm afirmado que o quadro é, na realidade, um auto-retrato de Leonardo, sendo definido como uma mulher ou até numa forma hermafrodita. Na verdade, se retirar o cabelo à figura, ficaríamos com um conjunto de feições estranhamente assexuadas. Esta teoria foi consolidada quando dois investigadores independentes, Lillian Schwartz de Bell Labs e o Dr. Digby Quested do Maudsley Hospital em Londres, demonstraram ambos que a Mona Lisa poderia ser de fato interpretada como um auto-retrato de Leonardo, se se pegasse no seu mais famoso e posterior auto-retrato de um homem envelhecido e "metamorfoseasse" as feições na Mona Lisa, usando modernas técnicas computadorizadas. Os resultados foram espantosos. Parecia que a Mona Lisa mulher é uma imagem invertida do rosto do mestre, com todas as principais linhas faciais combinadas, incluindo a ponta do nariz, lábios e olhos.

Em 1911, a Mona Lisa foi roubada por Vincenzo Peruggia, um marceneiro italiano, que trabalhava no Louvre. Peruggia saiu simplesmente do Salon Carré no Louvre, onde o quadro costumava estar pendurado, com a obra-prima escondida debaixo do seu macacão. Só foi recuperado em 1913, quando ele tentou vender a obra a um colecionador. Vincenzo guardara o mais famoso quadro do mundo no fundo falso de uma arca. Parece que Peruggia acreditava que um grande número de obras de arte italianas do Louvre tinham sido roubadas por Napoleão e ele queria devolver a Mona Lisa ao seu lar italiano, por direito.

Ver também: Leonardo Da Vinci; Louvre.

Monumento a Newton

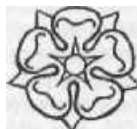
Concluído em 1731, o monumento ao grande cientista Sir Isaac Newton, erguido na Abadia de Westminster, foi projetado por William Kent e a escultura executada por Michael Rysbrack. Robert e Sophie solucionam o puzzle para encontrar este local, no qual eles acreditam que encontrarão outra pista, contudo, Teabing consegue antecede-los.

Newton reclina-se sobre o sarcófago com o seu cotovelo repousando sobre alguns dos seus maiores trabalhos: *Divinity*, *Chronology*, *Opticks* e *Philo. Prin. Math.* O último livro é a famosa obra-prima *Philosophae Naturalis Principia Mathematica*, por norma chamada *Principia*. Duas crianças aladas seguram um pergaminho com um símbolo matemático sobre este, e em fundo encontra-se uma pirâmide com um globo celestial com os signos zodiacais sobre ela. Um painel no sarcófago apresenta os instrumentos utilizados por Newton no seu trabalho, incluindo um telescópio e um prisma.

A inscrição que se encontra escrita em latim, pode ser assim traduzida:

Aqui está sepultado Isaac Newton, Cavaleiro, que pela força da mente quase divina, princípios matemáticos peculiarmente seus, explorou o percurso e figuras dos planetas, os percursos dos cometas, as marés do mar, as diferenças nos raios de luz, e aquilo que nenhum outro erudito tinha previamente imaginado, as propriedades das cores assim produzidas. Diligente, sagaz e fiel às suas exposições de natureza, antiguidade e às Sagradas Escrituras, ele demonstrou através da sua filosofia a majestade de Deus, poderosa e boa, e expressou a simplicidade do Evangelho nos seus modos. Que os mortais rejubilem por ter existido um tal e tão grande ornamento da raça humana! Ele nasceu a 25 de Dezembro de 1642, e morreu a 20 de Março de 1727.

Ver também: Newton, Sir Isaac.



Neveu, Sophie

Sophie é uma das principais personagens d'O *Código Da Vinci*, e as ações do seu avô, Jacques Saunière, colocam-na numa demanda que mudará a sua vida.

O seu nome é importante já que Sofia, que surge no Novo Testamento significando "sabedoria", é a solução para um dos puzzles que ela tem de solucionar. Sophie foi criada em Paris por Saunière, o qual lhe deu a alcunha de Princesa Sophie. Isto esconde convenientemente as iniciais P. S., que também representam Priorado de Sião, a organização da qual ele é Grão-Mestre. O Priorado acredita numa linhagem descendendo do casamento de Jesus e Maria Madalena. Assim, é curioso que em francês o apelido de Sophie, Neveu, signifique "descendente". O conhecimento que ela obtém sobre a sua família enquanto a ação decorre, e o conhecimento das atividades do Priorado, parecem ter sido previstas no seu nome.

Ver também: Maria Madalena; Priorado de Sião; Saunière, Jacques.

Newton, Sir Isaac

Em Londres, Robert Langdon e Sophie Neveu encontram-se à procura de pistas para abrir o criptex. Eles são conduzidos ao túmulo na Abadia de Westminster de Sir Isaac Newton, o primeiro cientista a ser armado cavaleiro.

Isaac Newton nasceu em Woolsthorpe, na Inglaterra, a 25 de Dezembro de 1642, usando o calendário Juliano (ou 4 de Janeiro de 1643, utilizando o Gregoriano). O seu pai tinha falecido antes do seu nascimento, e assim Isaac foi criado durante os seus primeiros três anos apenas pela sua mãe. Quando Hannah Newton casou com Barnabas Smith em 1646, ela deixou a casa onde viviam, e Isaac ficou sob o cuidado dos seus avós. Este arranjo durou até Hannah ficar novamente viúva passados cerca de oito anos de casamento, e ela regressou com três filhos deste casamento, os meios-irmãos de Isaac.

Passado pouco tempo do regresso da sua mãe, Isaac, com 12 anos de idade, foi de novo separado dela quando teve de ir estudar para na King's School em Grantham, Lincolnshire. A escola era muito afastada da casa para que ele pudesse viajar diariamente, e assim ficou alojado com a família de um farmacêutico local, ou herbalista, um Sr. Clark. Os livros de notas de Newton deste período mostram que ele demonstrava um profundo interesse pelo trabalho do farmacêutico, o que deu início a uma paixão por remédios e curas que duraria toda a sua vida.

O diretor da escola, Henry Stokes, viu claramente o potencial de Newton, apesar do fato do seu aluno não ser de início excelente, e deve ter-se sentido frustrado quando Hannah retirou o filho da escola, aos 16 anos de idade. Isaac regressou a casa, mas não se enquadrava na vida da quinta. Após a influência de Stokes e do irmão de Hannah, William Ayscough, ele mesmo educado em Cambridge, foi acordado que Isaac voltaria para a escola para se preparar para a universidade no Trinity College, em Cambridge.

Em 1661, Newton começou uma longa afinidade com a Universidade de Cambridge, no início apenas numa base relativa. Ele era um sub-bolsista, tornando-se mais tarde um bolsista, o que significava que tinha de trabalhar para pagar as suas despesas e para se manter durante os seus estudos. Parece que embora fosse uma viúva rica, a mãe de Newton não estava inclinada a facilitar a vida do filho, Apesar desta desvantagem, Newton recebeu o seu grau de Bacharel em 1665, e regressou ao lar da família em Woolsthorpe, onde passou a maior parte dos 18 meses que se seguiriam.

O motivo para esta longa ausência da universidade foi o eclosão da peste, que reclamou muitas vidas. Apesar de passar algum tempo afastado do Trinity College, Newton continuou a trabalhar em conceitos matemáticos e os anos de 1665 e 1666, são referidos como os *anni mirabiles* de Newton.

Um processo para calcular a soma dos arcos de uma curva, a técnica envolvida no cálculo, forneceu-lhe uma plataforma para estudar os movimentos dos planetas em órbita. O seu estudo das forças aplicadas aos planetas iria conduzir à teoria da gravidade.

A peste, que fizera com que as populações dispersassem, estava regredindo, e a universidade reabriu em 1667. Newton foi nomeado Fellow do Trinity College, e também lhe foi concedido o grau de Mestre. Tinha agora direito a

um emprego vitalício na universidade, e quando em 1669, a posição de Professor Lucasiano de Matemáticas foi confirmada, Newton conseguiu uma ascensão rápida pela escola

A Igreja Anglicana era um pilar fundamental da vida pública e acadêmica à qual Newton teve, oficialmente, de se inscrever. As suas próprias crenças eram Puritanas, e ele concentrou as suas energias nos seus estudos, ignorando tentações que o pudessem distrair. Em 1674, foi necessária a intervenção de um amigo que era o capelão do rei para o dispensar de tomar ordens sacras.

Um dos principais interesses de Newton era o comportamento da luz, e ele alvitrou que a luz branca era feita de uma faixa de cores e não de uma entidade única, uma crença mantida desde os tempos de Aristóteles. Ele fez experiências com prismas e apresentou à Royal Society a sua invenção, o telescópio refletor, sendo eleito Membro da Sociedade em 1672.

Newton foi capaz de ir desenvolvendo os seus conhecimentos das leis do movimento e do efeito da força centrífuga aplicada a um objeto em movimento num percurso circular. Ele divisou a lei do quadrado inverso e, usando os seus cálculos, demonstrou que os planetas eram atraídos pelo Sol, devido à sua força. No seu livro, *Os Princípios Matemáticos às Filosofias Natural (Philosophiae Naturalis Principia Mathematica)*, conhecidos como os *Principia*, ele conseguiu explicar variações na órbita da lua, a ação das marés, e a precessão do eixo da Terra. Este trabalho foi publicado em 1687 e tem sido visto como o maior livro científico jamais escrito.

Para um homem que desenvolveu muitos dos princípios científicos ainda hoje utilizados, Newton tinha um outro interesse muito pouco ortodoxo: a alquimia, a arte mística de transformar metais básicos em ouro. Esta ocupava uma grande parte do seu tempo, e ele deixou livros de notas cheios com os seus trabalhos, embora nunca tivesse publicado os seus estudos alquímicos.

A base da crença na alquimia derivava da descrição de Aristóteles dos quatro elementos, combinados com a noção de que sob as condições certas um material pode ser convertido em outro, se a proporção dos seus elementos constituintes se ajustar. Quando os Árabes refinaram a prática a partir do século IV, os metais eram vistos como compostos de enxofre e mercúrio. Seguiu-se que um metal - digamos, chumbo - pudesse ser convertido em outro - tal como ouro - ao alterar o equilíbrio do enxofre e do mercúrio. O *Corpus Hermeticum*, um manuscrito do século II ou III, supostamente escrito por Hermes Trismegistus, aumentou o interesse pela alquimia

As primeiras experiências de Newton foram uma tentativa de produzir a pedra filosofal, a qual os alquimistas acreditavam ser a catalisadora que converteria os metais, tal como acima descrito. Ele produziu uma espécie de antimônio chamado a estrela régulo e descreveu numa carta de 1672 que uma das utilizações para este produto era o de fazer um espelho para um telescópio. Isto mostra as associações que surgem entre as descobertas ortodoxas de Newton no campo da luz, da gravidade e matemática, e a disciplina que o manteve ocupado nos seus alojamentos em Cambridge. Depois de 35 anos em Cambridge, em 1696, Isaac Newton partiu para Londres para ocupar um posto como Administrador da Cunhagem, uma posição administrativa relacionada com o fornecimento de moedas, controlado pelo governo.

Esta alteração não impediu a continuação da sua carreira científica, e ele foi eleito Presidente da Royal Society em 1703. Outra das suas principais obras, *Opticks*, surgiu em 1704, e foi pouco tempo depois desta que a Rainha Ana lhe concedeu o título de cavaleiro.

Quando morreu, em 1727, Sir Isaac Newton foi sepultado na Abadia de Westminster, depois de um funeral de estado. Os carregadores da urna eram o Lorde Chanceler, dois duques, e três condes, e foi erguido um monumento a este.

As notas que Newton escreveu sobre os seus estudos referentes à alquimia foram adquiridas em 1936 pelo economista John Maynard Keynes, o qual, durante um discurso para celebrar os 300 anos do aniversário do nascimento de Newton explicou: "Ele via o universo como um criptograma montado pelo Todo Poderoso".

Ver também: Monumento de Newton; Pope, Alexander.

Opus Dei

Esta é a organização à qual pertencem duas personagens d'O *Código Da Vinci*: nomeadamente, Manuel Aringarosa e Silas.

Fundada por Josemaria Escrivã de Balaguer em Espanha a 2 de Outubro de 1928, esta organização católica tem por objetivo "espalhar por toda a sociedade uma consciência profunda do chamamento universal ao sagrado e apostolado através da própria carreira profissional, executada com liberdade e responsabilidade pessoal" (citado da *Encyclopedia of Associations*). Constituída por membros laicos e padres, ao longo da sua existência a Opus Dei tem estado diversas vezes no centro da controvérsia. Os seus membros laicos trabalham no mundo secular, mas sempre sob rigorosa direção espiritual, seguindo aquilo que é conhecido como "plano de vida"; práticas espirituais diárias, leituras e orações mentais, bem como hábitos específicos da Opus Dei e, em alguns casos, mortificação corporal.

Opus Dei significa em latim "trabalho de Deus". A organização vangloria-se de ter mais de 80000 membros em cerca de 60 países, por todo o mundo. A sua sede fica em Roma, e em 1982, o Papa João Paulo II elegeu a organização como uma prelatura pessoal, concedendo-lhe um enorme estatuto e insinuando o seu apoio. O seu fundador, Josemaria Escrivã, foi canonizado pelo mesmo papa a 6 de Outubro do 2002. Escrivã escreveu um livro chamado *A Via*, no qual ele afirma: "Que a dor seja abençoada. Que a dor seja amada. Que a dor seja santificada... que a dor seja glorificada". Afirmações como esta reforçam a idéia de que a organização pratica severas mortificações corporais. Tem sido dito que Escrivã costumava chicotear as suas próprias costas tão duramente que as paredes do seu quarto ficavam manchadas de sangue.

O Catolicismo, tal como praticado pelos membros da Opus Dei, embora não doutrinariamente divergente daquilo que poderia ser classificado como Catolicismo "padrão", é certamente uma leitura muito mais severa das Escrituras e dos Evangelhos, do que o modo de vida que alguns dos seus membros praticam.

As classes membro da Opus Dei são muito específicas na sua composição:

Numerários: Estes são os membros que vivem geralmente nas casas da Opus Dei e seguem uma vida de celibato. Os sexos são estritamente segregados,

e os membros dedicam uma grande parte, se não toda, dos seus salários à Opus Dei. Também se diz que a mortificação corporal é executada por estes membros (ver também Cilício, Correia de). No livro, Silas foi um Numerário da Opus Dei,

Supermunerário: Estes Numerários menores vivem geralmente na comunidade civil, espalhados por todo o mundo; alguns casam e têm filhos, mas todos continuam a seguir o mesmo "plano de vida", tal como Estabelecido para os Numerários, Uma grande porção dos rendimentos dos Supernumerários também é destinada à Opus Dei.

Padres Numerários: Estes são geralmente membros laicos da ordem, os quais foram escolhidos a dedo pela hierarquia da Opus Dei, para se tomarem padres. Muitos Padres Numerários continuam a sua progressão até obterem posições cimeiras na rede da Opus Dei, alguns até mesmo no Vaticano.

Membros Associados: Muitos Membros Associados também se comprometem a uma vida de celibato, mas não vivem nas casas da Opus Dei.

Assistentes Numerários: Estes são geralmente mulheres que são responsáveis pela manutenção, cuidado e limpeza das casas da Opus Dei, Muitas seguem uma vida de celibato.

Cooperadares: Embora não sendo considerados membros, Os Cooperadores são apoiantes da Opus Dei que fazem peditórios monetários, ou de qualquer outro apoio que possa auxiliar a causa. Esta é a única classe que não tem de ser da fé católica.

Tal como mencionado n'O *Código Da Vinci*, a Opus Dei tem na realidade uma recente e reluzente nova sede na Cidade de Nova Iorque, no número 243 da Lexington Avenue, sendo que o edifício de 17 andares não tem nenhum letreiro que indique os seus ocupantes. No interior do edifício, existem duas capelas, uma biblioteca, salas de conferência, alojamentos e salas de jantar. O anuário do Vaticano conta com mais de 3000 membros nos EUA, com perto de 60 residências da Opus Dei espalhadas através de todo o continente norte-americano. Como organização, a Opus Dei atraiu um enorme número de atenção devido à sua riqueza óbvia. Muitos indivíduos e famílias ricas são cooperadores da Opus Dei, o que significa, que doam enormes montantes de dinheiro à organização. Muitos destes não são da doutrina católica, mas vêm na Opus Dei uma organização pronta a defender a Igreja e o Cristianismo maior contra todos os que se opuserem a ela.

Ver também: Aringarosa, Manuel; Cilício, Correia de; Silas.

Osíris

Sophie Neveu fica conhecendo Osíris quando está sendo iluminada por Robert Langdon e Leigh Teabing. Langdon e Teabing explicam que muito daquilo que hoje em dia consideramos crenças cristãs, na verdade, foram absorvidas de um primitivo culto osírico. É esta visão alternativa da história cristã que sustenta o romance.

Osíris é o antigo deus egípcio do mundo inferior (duat) e está associado à morte, fertilidade e ressurreição. O seu nome está escrito em hieróglifos como um trono e um olho, e traduz-se como wsr, querendo dizer "O Poderoso". Outros

epítetos para Osíris incluem Uennefer ("Eternamente Bom"), Khentimentiu ("O que está à frente dos Ocidentais", i.e., dos mortos, realçando o papel funerário de Osíris), "Aquele que vive em Orion com uma estação no céu e uma estação na terra", indicando a sua associação com a constelação Orion e a transformação do rei morto em um deus estrelar.

Figurativamente, Osíris é mostrado como uma múmia ereta ou sentada, as suas mãos salientando-se das mortalhas da múmia de forma a segurar os cetros da realeza. Na sua cabeça não amortalhada, Osíris usa a coroa atef, uma coroa branca, alta e cônica, com uma pena de cada lado, por vezes suportando os chifres de um carneiro, na frente desta.

Tal como grande parte dos deuses egípcios, as origens de Osíris são vagas, mas parece que ele foi um dos deuses mais associado com os cereais e as colheitas. Enquanto o culto de Osíris "O Antigo" crescia e se espalhava por outros centros no Egito, este tomou gradualmente atributos dos deuses locais que foi substituindo. Assim, Osíris, tomou a insígnia e a regalia de Andjeti de Busíris, e alguns dos atributos de Khentimentiu, o antigo deus chacal de Abido, bem como de Sokar. Assim, Osíris adquiriu as características de um deus funerário protetor.

Os textos da Pirâmide, a mais antiga coletânea de literatura escrita religiosa, funerária e mágica do Egito, datando da IV ou V dinastia (2492-2181 a. C), afirmam que Osíris nasceu em Roseta no Delta do Nilo, dos deuses Geb e Nut, sendo irmão de Ísis, Set, Néftis e Tot. No Império Antigo (2660-2180 a. C), Osíris estava diretamente ligado ao faraó já que quando ocorria a morte de um rei, este se transformava em Osíris, rei do mundo inferior.

A mitologia relacionada com Osíris revolve a volta da sua morte injusta às mãos de Set o seu irmão, a descoberta do seu corpo pela sua irmã Ísis, e a sua subsequente ressurreição e fecundação de Ísis com o auxílio dos conhecimentos mágicos desta. Mitos mais antigos referem que o seu irmão Tot e o seu filho Hórus mumificaram o seu corpo, e que foi a partir daí que Osíris se tornou o deus do mundo inferior.

Em períodos posteriores, a mitologia que rodeia a morte de Osíris desenvolveu-se mais, acrescentando o esquarteramento do seu corpo por Set, o qual este então lançou ao Nilo. Ísis recupera todos os pedaços do seu corpo (entre 14 e 42, dependendo do texto) e monta-os na forma de Osíris, como uma múmia. Apenas o falo não pôde ser encontrado, já que este fora comido por uma carpa do Nilo, e assim fez-se um pênis artificial e Ísis usou encantamentos mágicos para conceber uma criança com este. Em cada local onde foi descoberto um pedaço de Osíris, um templo em sua honra foi erguido, nomeadamente em Sebenitos, que reclamou a perna superior e inferior, Heracleópolis a coxa, cabeça, dois flancos e duas pernas, Athribis o coração, Abido a cabeça, Edfu uma perna, e a Ilha de Biga a perna esquerda. Como o seu pênis fora comido por uma carpa, os Textos da Pirâmide representam peixes mutilando os símbolos, de forma que um peixe é representado cortado ao meio, ou sem a cauda, barbatana ou cabeça. Isto porque os egípcios pensavam que cada desenho e hieróglifo tinha vida própria e que um animal / objeto potencialmente perigoso poderia prejudicar os mortos.

Em Abido, um festival de Osíris era uma representação anual da lenda de Osíris e dos "mistérios" do deus. O deus é anunciado pelo deus canino Uepuauet, seguido por uma procissão do altar de Osíris a bordo de um barco que é

transportado até ao seu túmulo simbólico. Então se inicia uma falsa batalha para representar Osíris destruindo os seus inimigos (embora Heródoto afirme que esta batalha causava, freqüentemente, fatalidades). O barco cerimonial e santuário regressam então ao templo de Abido para um determinado numero de ritos de purificação.

Desde o Império Médio ao Império Novo (2040-1070 a. C), a associação exclusiva de Osíris com o rei morto espalhara-se para incluir todos os "mortos abençoados", e fórmulas funerárias privadas eram endereçadas a Osíris através da dádiva do rei. O reino do mundo inferior de Osíris destina-se apenas àquelas almas suficientemente valorosas que consigam entrada e, deste modo, Osíris senta-se em julgamento dos recentemente falecidos. Nos Textos da Pirâmide, ele é por vezes referido como "Senhor de Maet", sendo Maet a deusa da verdade.

O pilar djed è o símbolo de Osíris, e O Livro dos Mortos afirma que este representa a espinha do deus, indicando estabilidade. A sua forma é a de um pilar com, pelo menos, três barras transversais perto do alto. Embora associado a Osíris, este de fato data de um tempo muito mais antigo e pode representar um pilão moendo cereais.

Osíris, enquanto divindade ressuscitada, e cujo filho forma uma parte integral com o seu mito, tem um paralelo direto na história cristã. Para os mortos egípcios, um julgamento aguardava-os, presidido por Osíris, onde os seus atos seriam pesados para decidir qual seria o seu destino eterno.

Ver também: Ísis; Langdon, Robert; Neveu, Sophie; Teabing, Leigh.

Pentagrama

N'O *Código Da Vinci*, quando Jacques Saunière é encontrado morto no Louvre, ele está deitado na forma do desenho do Leonardo, O homem de Vitruvius, o qual por sua vez tem a forma de um pentagrama.

O pentagrama é essencialmente uma estrela de cinco pontas. Também chamado de pentáculo, o pentagrama tem representado a magia negra aos olhos de muitos cristãos, embora as suas origens fossem, na verdade, as de um talismã e símbolo sagrado geométrico, e remontam, pelo menos, até à antiga Grécia. A palavra "pentagrama" vem do antigo grego, querendo dizer "cinco linhas", embora o símbolo em si fosse utilizado muito antes. A palavra grega pode derivar da antiga Mesopotâmia, perto de 3 000 a. C., onde se diz que significava "corpo celestial" ou "estrela". No Egito, o pentagrama de cinco pontas dentro do círculo era representativo do duat ou do mundo inferior da mitologia e simbolismo egípcio.

Na tradição cristã, o pentagrama já foi utilizado para representar as cinco feridas, ou estigmas, de Cristo. Para os Pitagóricos, as cinco pontas representavam os cinco elementos. Os Pitagóricos também viam no pentagrama a perfeição matemática e perceberam que entre outras coisas, o pentagrama esconde no interior das suas linhas a Proporção Dourada de 1,618. Nos círculos de magia negra, ou simbolismo satânico, o pentagrama está invertido, com a ponta apontada para baixo, e quando nesta forma diz-se que representa a cabeça de Baphomet, com os dois pontos para cima representando um par de chifres. A sua utilização como símbolo satânico parece ser algo bastante recente, sem

qualquer precedente real ou utilização associada com os tempos antigos. Na tradição hebraica, o pentagrama de cinco pontas foi associado com os cinco livros do Pentateuco, os primeiros cinco livros do Antigo Testamento, supostamente escritos por Moisés.

O pentagrama também era conhecido como Estrela de Salomão segundo algumas fontes, ou Selo de Salomão, e é utilizado nas tradições mágicas e rituais árabes, bem como em rituais judaicos. A primeira menção do pentagrama na língua inglesa parece ser da história arturiana de 1380, *Sir Gawain e o Cavaleiro Verde*, onde Gawain tem um escudo com um pentagrama embutido.

Plantard, Pierre

Também conhecido como Pierre Plantard de St. Clair. Eleito em 17 de Janeiro de 1981, Plantard foi o Grão-Mestre do Priorado de Sião e porta-voz da ordem no início dos anos de 1980, quando Baigent, Leigh e Lincoln estavam pesquisando e escrevendo *Holy Blood, Holy Grail. N'O Código Da Vinci*, a ligação entre Sophie Neveu e a sua família ao Priorado de Sião torna-se mais aparente com o passar do tempo. É-lhe explicado tudo sobre Plantard e, no fim da sua demanda, ela descobre pela sua avó que é um membro tanto da família Plantard como da família St. Clair.

As genealogias dos Dossiês Secretos apóiam a reivindicação de Plantard de que este é um descendente direto do rei merovíngio, Dagoberto II. Assim sendo, quando Plantard insinua que um dos objetivos do Priorado de Sião seria o de restaurar a dinastia merovíngia no trono francês, estava na verdade insinuando que, por direito, ele mesmo era esse herdeiro. Embora fontes históricas tradicionais afirmem que Dagoberto II foi assassinado em 679 sem deixar herdeiros, Plantard clama que os registros do Priorado confirmam que Dagoberto tinha um filho, Sigisberto IV, de um segundo casamento secreto e que a sagrada linhagem merovíngia continuou intacta através dos séculos até ao próprio Plantard.

Muita da informação hoje disponível sobre o Priorado de Sião parece ter sido controlada por Pierre Plantard, de uma forma ou de outra, ou através de uma variedade de cartas informativas publicadas pelo próprio, de manuscritos críticos, ou de genealogias complicadas que foram depositadas na Bibliothèque Nationale em Paris. Ou até por vezes através de entrevistas com porta-vozes de confiança. A literatura gerada pelo Priorado foi freqüentemente caracterizada pela utilização de trocadilhos esotéricos ambíguos e por um elevado grau de piadas privadas, as quais provocaram a curiosidade de muitos "caçadores do Graal" que, durante décadas, tentaram decifrar os enigmáticos documentos do Priorado. Parece que os motivos de Plantard para libertar muita desta informação, era a de semear a idéia de que ele era o herdeiro por direito do trono de França, em vez de indicar que o Priorado de Sião protegia uma suposta descendência de Cristo, o que ele nunca confirmou.

Embora tenha sido escrita na França uma enorme diversidade de livros sobre o Priorado do Sião, tanto Plantard como a sociedade, apenas obtiveram o reconhecimento público internacional depois da publicação de *Holy Blood, Holy Grail*, em 1982. Parece que este sucesso causou inevitavelmente um grau de lutas

no interior da ordem, e também gerou um grande número de ordens de cavalaria e sociedades secretas de imitação, as quais reclamaram a sua superioridade bastando-se nos seus próprios documentos "secretos", arquivos de família e complexas genealogias.

Quando a situação se tornou mais complexa, Pierre Plantard demitiu-se por fim do seu cargo de Grão-Mestre do Piorado de Sião a 11 de Julho de 1984, alegando a sua saúde e desacordos com determinados membros americanos da ordem, enigmáticamente referidos como o "contingente americano", embora quem fizesse parte deste contingente ainda permaneça um mistério.

Plantard faleceu a 3 de Fevereiro de 2000. O seu corpo foi cremado, mas o local do seu derradeiro local de repouso permanece desconhecido.

Ver também: Dossiês Secretos; Merovingios; Neveu, Sophie.

Pope, Alexander

O segundo criptex, ou puzzle, que Robert Langdon e Sophie precisam decodificar contém a pista, "Em Londres, jaz um cavaleiro que um papa enterrou..." Após pesquisarem em um banco de dados, eles percebem que o papa a que a pista se refere é Alexander Pope (1688-1744), poeta e sátiro inglês.

O cavaleiro em questão é Sir Isaac Newton, sobre o qual Pope escreveu as seguintes linhas:

*A Natureza e as leis da natureza
Escondem-se na noite;
Deus disse, Deixai Newton em paz!
E tudo foi luz.*

Pope estava prestando homenagem à contribuição de Newton para o conhecimento do movimento dos planetas e do estudo da luz. Newton inventou um telescópio, que apresentou à Royal Society em Londres.

Na pista, a referência ao enterro do cavaleiro conduz as personagens até ao túmulo de Newton na Abadia de Westminster, onde ele está sepultado.

Alexander Pope nasceu em Londres, filho de um mercador de linho. Excluído da educação pública devido ao fato de ser católico romano, foi impedido de frequentar a universidade ou de manter um escritório público. Apesar disso, era fluente em latim e grego, ganhando mais tarde a considerável soma de 2000 libras pelas suas traduções d'*A Ilíada* e *A Odisséia* de Homero, para a língua inglesa. Devido a uma doença que tivera na infância, provavelmente uma tuberculose na espinha chamada doença de Pott, Pope só cresceu até aos 1,35 cm e teve de usar um corpete rígido durante toda a sua vida para conseguir suportar a sua espinha de corcunda.

O primeiro trabalho importante de Pope, *An Essay on Criticism*, foi publicado em 1711 quando ele tinha apenas 23 anos de idade. Este continha a ainda famosa citação "*um pouco de conhecimento é algo perigoso*". *The Rape of the Lock* foi outra obra na qual ele utilizou a sátira para ridicularizar o mundo da moda na alta sociedade.

No sua época, Pope era famoso pelas suas amargas querelas literárias. *The Dunciad*, escrita originalmente em 1728 depois corrigida em 1742, era uma

sátira mordaz sobre os críticos e os maus escritores, e no *Imitation of Horace*, Pope atacou uma antiga amiga, Lady Mary Wortley Montagu.

Apesar da sua reputação como conflituoso, Alexander Pope tinha muitos amigos, incluindo entre estes Jonathan Swift, Robert Harley (primeiro Conde de Oxford) e Martha Blount, à qual ele deixou as suas propriedades quando faleceu em 1744. Também era claramente um admirador de Sir Isaac Newton, tal como mostrado no seu generoso tributo.

Ver também: Monumento a Newton; Newton, Sir Isaac.

Priorado de Sião

A sociedade secreta com séculos de idade em cuja existência invisível se tece toda a intriga d'O *Código Da Vinci*. O assassinato de Jacques Saunière, o avô de Sophie Neveu, o qual se revela subseqüentemente ser o Grão-Mestre do Priorado de Sião, é o catalisador que dispara a investigação de Sophie e de Robert Langdon para descobrir a localização do grande segredo do Priorado, antes que este caía na mãos da arquinemésis do Priorado, a Opus Dei.

De acordo com a história "oficial" nos arquivos do Priorado de Sião, os Dossiês Secretos, a Ordem de Sião foi fundada em 1090 na Terra Santa por Godofredo de Bulhão, o qual capturou Jerusalém em 1099. Depois de Jerusalém ter caído nas mãos dos Cruzados, Godofredo ordenou a construção da Abadia de Notre-Dame du Mont de Sion para que esta fosse erguida nas ruínas da antiga igreja bizantina, localizada no exterior dos muros de Jerusalém, a sul do Portão de Sião. Esta abadia albergava uma ordem de cônegos augustinianos que serviam de conselheiros de Godofredo e que, segundo os documentos do Priorado, estavam secretamente envolvidos na criação dos Cavaleiros do Templo em 1118, para que estes servissem de braço militar e administrativo exterior da Ordem de Sião.

Em 1152, um pequeno contingente da Abadia de Notre-Dame du Mont de Sion acompanhou o rei francês, Luís VII de regresso a França após a Segunda Cruzada e ficou instalado em St.-Samson, Orleans. Uma parte mais seleccionada deste grupo ficou alojada no "pequeno priorado do Mount de Sion", perto de St.-Jean-le-Blanc, nos arredores de Orleans. De acordo com os documentos do Priorado, foi este o início da ordem secreta que veio sendo conhecida como o Priorado de Sião.

O Priorado de Sião e os Cavaleiros do Templo funcionavam simultaneamente até que uma disputa maior resultou numa divisão oficial entre as duas ordens em Gisors, na Normandia em 1188, conhecida como o Corte do Elmo. Os Dossiês Secretos afirmam que, após as relações entre as duas ordens terem sido cortadas, os Cavaleiros do Templo continuaram a funcionar publicamente, descendo em importância com os seus próprios Grão-Mestres até à sua eventual dissolução em 1307. Contudo, diz-se que o Priorado de Sião se tornou clandestino nessa altura, adotando o nome alternativo de Ordem da Cruz de Rosa Ventas, também com o nome de código Ormus, segundo a palavra francesa "orme" que significa "elmo". Por implicação, esta foi a origem do movimento esotérico que mais tarde surgiu na história europeia

Os Grão-Mestres do clandestino Priorado de Sião têm tradicionalmente sido conhecidos como "Nautonniers" ou "Timoneiros". O primeiro Timoneiro oficial do Priorado de Sião foi Jean de Gisors, o qual esteve presente no Corte do

sob o título de Jean II. Os Timoneiros do Priorado de Sião parece terem passado a liderança através de uma linhagem familiar específica, mas mais tarde esta posição passou através de alguns dos artistas, cientistas e mentes criativas mais influentes da história da Europa, tal como revelado na lista datada de 1956 contida nos Dossiês Secretos, a qual se encontra enumerada na totalidade sob a entrada desde livro intitulada "Grão-Mestres do Priorado de Sião". Muitas pessoas notáveis mantiveram esta posição, incluindo Leonardo da Vinci, Isaac Newton, Victor Hugo e Jean Cocteau, o qual se crê ter oficiado de 1918 até 1963.

Não é claro exatamente quem se tomou Timoneiro do mas o título passou eventualmente para Pierre Plantard, o qual serviu como o principal representante público da sociedade até à sua demissão em 1984.

Durante o seu mandato como Timoneiro, Plantard foi a principal fonte de informação por trás do best-seller internacional, *Holy Blood, Holy Grail*, tendo tido contato direto com os seus autores enquanto estes o escreviam. Foi este livro que trouxe a história do Priorado de Sião para a atenção do mundo de língua inglesa, em 1982. Na preparação para o livro, os co-autores Michael Baigent, Richard Leigh e Henry Lincoln passaram anos procurando e dissecando as genealogias, códigos secretos e história da sociedade secreta, que lhe foram fornecidos a conta-gotas através de uma cedência estratégica de antigos documentos e entrevistas pessoais, e os conduziram através dos últimos 1000 anos da história europeia e intriga política.

O trio nunca descobriu qual era o objetivo real do Priorado de Sião. A restauração de um monarca merovíngio no trono de França era prioritária na lista de prioridades de Plantard, tal como a criação de uns Estados Unidos da Europa econômicos e políticos, já amplamente conseguido com o advento da União Europeia e a implementação do euro substituindo a maioria das moedas locais.

Assim sendo, na ausência de qualquer afirmação clara de objetivo, Baigent, Leigh e Lincoln desenvolveram eles mesmos a teoria revolucionária de que a linhagem merovíngia pode representar os vestígios de uma linhagem que descende dos filhos de Jesus e de Maria Madalena (a qual, segundo se crê, encontrou refúgio na França depois da Crucificação), e que o objetivo do Priorado de Sião era, de fato, o de proteger esta linhagem sagrada. Apesar do fato do próprio Pierre Plantard nunca ter na verdade confirmado ou negado esta teoria, dezenas de livros têm sido produzidos durante os últimos 20 anos para explorar a possibilidade de que a descendência de Jesus e de Maria Madalena tem continuado dentro da linhagem das famílias aristocráticas da Europa.

Após a demissão de Plantard como Timoneiro em 1984, o Priorado de Sião tornou-se de novo clandestino, apesar de rumores persistentes de que este continuou sob uma enorme multiplicidade de disfarces. Estes rumores têm, por sua vez, feito surgir numerosas ordens de cavalaria fictícias, algumas destas clamando ser o "verdadeiro" Priorado de Sião.

Em 27 de Dezembro de 2002, foi emitido um comunicado no papel timbrado oficial do Priorado de Sião anunciando o relançamento público da sociedade, assinado pelo antigo secretário particular de Pierre Plantard, Gino Sandri, sob o

título de Secretário Geral, e uma misteriosa mulher sem nome como a Timoneira. Contudo, muitos vêem este relançamento como um golpe publicitário.

E assim, a existência do Priorado do Sião continua a ser um mistério, mesmo hoje em dia.

Ver também: Dossiês Secretos; Grão-Mestres do Priorado de Sião; Plantard, Pierre.

Proporção Dourada

Enquanto Sophie Neveu e Robert Langdon estão fugindo do Louvre, eles debatem o significado dos números rabiscados ao lado do corpo de Saunière. Reparando que os números foram uma seqüência de Fibonacci, eles discutem a sua relação com a Proporção Dourada. Vem depois a descobrir que esta mesma seqüência é também a combinação necessária para abrir o cofre no Banco Depositário de Zurique. A Proporção Dourada é um assunto sobre o qual Langdon tem dado conferências aos estudantes de Harvard, onde leciona.

Conhecida pela letra grega phi (ϕ), a Proporção Dourada é um número irracional (i. e. um que não pode ser expresso como a proporção ou fração de dois números inteiros) com diversas propriedades curiosas. Podemos defini-la como o número que é igual ao seu próprio recíproco mais um: $\phi = 1/\phi + 1$, com o seu valor normalmente expresso como 1.618.033.989. Os seus dígitos foram calculados em 10 milhões de casas em 1996, e nunca se repetem. Está relacionada com os números Fibonacci no qual se se dividirem dois números consecutivos na seqüência Fibonacci, a resposta é sempre uma aproximação de phi.

Também conhecida como a Proporção Divina, o Meio Dourado ou a Seção Dourada, esta proporção é encontrada com surpreendente frequência em estruturas naturais bem como em arte e arquitetura, onde a proporção do comprimento em relação à extensão é, aproximadamente, 1.618 e é vista como visualmente agradável. As estranhas proporções da razão significam que foi historicamente vista como divina na sua concepção e infinita no seu significado. Os antigos gregos, por exemplo, acreditavam que compreender a proporção ajudaria a aproximarem-se de Deus: Deus estava "no" número.

É certamente verdade que a harmonia pode ser expressa em números, quer no espaço figurativo ou arquitetônico, no reino da música, ou no da natureza. A harmonia da Proporção Dourada ou da Proporção Divina surge naturalmente em muitos lugares. No corpo humano, os ventrículos do coração humano reiniciam-se no ponto da Proporção Dourada do ciclo rítmico do coração. O rosto humano incorpora a razão nas suas proporções. Se dividir a distância entre pontos de uma espiral de ADN ou uma concha de molusco pelo seu diâmetro, obtêm-se a Proporção Dourada. E se olhar para a forma como as folhas crescem no caule de uma planta, pode-se ver que cada folha cresce num ângulo diferente da folha abaixo de si. O ângulo mais comum entre as folhas sucessivas está diretamente relacionado com a Proporção Dourada.

Também na arte e na arquitetura, as famosas propriedades harmoniosas da Proporção Dourada têm sido usadas com grande efeito. As dimensões da Câmara do Rei da Grande Pirâmide no Egito são baseadas na Proporção Dourada; o

arquiteto Le Corbusier desenhou o seu sistema Modular à volta do uso da proporção; o pintor Mondrian baseou grande parte do seu trabalho na Proporção Dourada; Leonardo incluiu-a em muitas das suas obras e Claude Debussy usou as suas propriedades na sua música. A Proporção Dourada também surge em alguns lugares muito improváveis: televisores de telas amplas, postais, cartões de crédito e fotografias, todos estes em conformidade com as suas proporções. Muitas experiências foram feitas para provar que as proporções dos rostos das top models se encontram em maior conformidade com a Proporção Dourada do que os do resto da população o que, supostamente, é o motivo porque as consideramos belas.

Luca Pacioli, um amigo de Leonardo Da Vinci, o qual ele encontrou na corte de Ludovico Sforza, Duque de Milão, escreveu um tratado sobre a Seção Dourada, intitulado *Divina Proportione*. Nesse livro, Pacioli tenta explicar o significado da Proporção Divina de uma forma lógica e científica, embora ele acreditasse que a sua qualidade evasiva refletia o mistério de Deus. Este e outros trabalhos de Pacioli parecem ter tido uma grande influência em Leonardo, e os dois tornaram-se amigos chegados, trabalhando juntos até em problemas matemáticos. A utilização da Proporção Dourada é evidente nas principais obras de Leonardo, que durante um longo período de tempo demonstrou um grande interesse na matemática da arte e da natureza. Tal como o brilhante Pitágoras antes dele. Leonardo fez estudos aprofundados da figura humana, demonstrando que todas as suas partes principais estavam relacionadas com a Proporção Dourada. Tem-se dito que o enorme quadro inacabado de Leonardo, São Jerônimo, o que mostra o santo com um leão a seus pés, foi pintado num estilo deliberado de forma a assegurar-se que o Retângulo Dourado cabe à volta da figura central. Com o amor de Leonardo pelas "recreações geométricas", isto parece uma suposição razoável. O rosto da Mona Lisa também cabe no interior de um Retângulo Dourado Perfeito.

Depois de Leonardo, artistas como Rafael e Miguel Angelo utilizaram diversas vezes a Proporção Dourada para elaborarem os seus trabalhos. A escultura de cortar de respiração de Miguel Angelo, David, está em conformidade com a Proporção Dourada, desde a localização do umbigo relativamente à altura e à colocação das articulações dos dedos.

Os construtores das igrejas e catedrais medievais e góticas da Europa também ergueram estas espantosas estruturas em conformidade com a Proporção Dourada. Neste aspecto. Deus está realmente nos números.

Ver também: Retângulo Dourado; Seqüência Fibonacci.

Pyramide Inversée (Pirâmide Invertida)

"Uma notável anti-estrutura... uma utilização simbólica da tecnologia... uma peça de escultura. Supostamente um objeto, mas é um objeto que transmite luz".

Assim escreveu o painel de juizes dos Prêmios Benedictus de 1995, onde a Pyramide Inversée era uma finalista. Desenhada e executada pela empresa de Pei, Cobb, Freed e Partners, os designers da grande pirâmide de vidro na entrada para o Louvre, a Pyramide Inversée é um notável monumento de vidro que está colocado na entrada de metro para o Louvre.

N'O *Código Da Vinci*, é a pequena pirâmide vertical na base da Pyramide Inversée que contém a resposta final para o enigma colocado no livro.

A Pyramide Inversée é uma armação de aço e vidro de 30 toneladas, com cerca de 40 m² com a forma de uma pirâmide invertida, apontando para baixo para a câmara subterrânea. É invisível do solo, estando colocada dentro da junção circular relvada da estrada principal de acesso, através dos terrenos do Louvre. À noite, a Pyramide Inversée é esplendidamente iluminada e animada por uma série de luzes e espelhos, servindo de candelabro monumental.

Ver também: Louvre.

Retângulo Dourado

Diversos trabalhos de Leonardo Da Vinci são importantes na intriga d'O *Código Da Vinci*, quer como pistas para solucionar puzzles, ou como exemplos de idéias que podem ter sido codificadas no quadro. Tal como muitos artistas do Renascimento, Leonardo usou o Retângulo Dourado nestes quadros.

O Retângulo Dourado é um retângulo cujos lados estão conformes com a Proporção Dourada: em outras palavras, o lado mais longo é 1.618 vezes mais longo do que o lado mais curto. A Proporção Dourada e o Retângulo Dourado são vistos como formas esteticamente agradáveis e podem ser encontradas em muitas áreas da arte e da cultura por todo o mundo. Um bom exemplo disto é o Pártenon em Atenas, na Grécia, cuja fachada pode ser confortavelmente emoldurada por um Retângulo Dourado.

Retângulo Dourado, o seu desenho do Homem de Vitruvius tem os contornos de um retângulo cuja base se encontra na cabeça, uma no peito e outra sobre as pernas. O rosto da Mona Lisa também cabe num Retângulo Dourado, e na composição d'A Última Ceia são utilizadas as mesmas proporções.

Ver também: Mona Lisa: Proporção Dourada; Sapiência Fibonacci; Última Ceia, A; Madona dos Rochedos, A.



Santo Graal

O tema central e ponto derradeiro do livro de Dan Brown é o entendimento daquilo que o Santo Graal representa.

Nas diversas versões da lenda, o Santo Graal tem sido representado como uma taça ou cálice, uma relíquia contendo o sangue de Cristo, uma travessa de prata, um caldeirão de abundância, uma pedra do céu, um prato, um peixe, uma pomba, uma espada, uma lança, um livro secreto, maná do céu, uma cabeça decapitada, uma ofuscante luz branca, uma mesa, e muitas outras coisas para além destas.

A demanda, não apenas para compreender o Graal, mas também para o encontrar está presente há mais de 1000 anos na história, e esta profundamente enraizada na psique do homem moderno. O Graal tem sido apresentado de muitas formas possíveis desde tempos medievais até à atualidade, e a demanda, deste tem cativo o fascínio de muitos. Assim, o que sabemos das suas origens?

A visão convencional do Graal é que este é o cálice que conteve o sangue de Cristo e que José de Arimateia o trouxe para a Grã-Bretanha. Acredita-se que José o levou para Glastonbury no sul de Inglaterra, e a partir daí o seu paradeiro está rodeado de mistério. A lenda diz que esta taça ou Graal foi utilizada na Última Ceia, tendo sido também utilizada para recolher o sangue de Cristo na Crucificação, embora histórias diferentes tenham personagens diferentes a recolher o sangue - algumas têm José de Arimateia, outras Nicodemo, e algumas Maria Madalena. As lendas continuam através dos séculos, atingindo o auge na Idade Média.

Os mais antigos romances do Graal foram escritos no século XII e XIII, com um enorme número entre 1190 e 1240, embora a história pareça ter tido uma tradição oral mais antiga. Estas datas coincidem com o surgimento dos Cavaleiros do Templo na Europa medieval. Os próprios romances foram, sobretudo, escritos por monges das ordens cisterciense e beneditina, com muitos dos contos e romances tendo uma temática nitidamente templária.

Torna-se rapidamente óbvio que não existe uma coisa como uma história única ou uma história típica do Graal. Grande parte dos romances do Graal nem sequer são concordantes entre si. Uma das histórias mais antigas conhecidas do Graal foi escrita por Chrétien de Troyes, com o seu *Le Conte du Graal*, composta perto de 1190. É neste conto que somos pela primeira vez apresentados à personagem de Percival, o cavaleiro crédulo e tolo típico das histórias do Graal. Percival vê primeiro aquilo que ele acredita ser o Graal em uma grande festa no castelo do Rei Pescador, bem como uma espada que está partida e muitas outras visões e acontecimentos estranhos. O Rei Pescador é uma figura estranha que surge no Graal e nas lendas arturianas, mas cujo carácter misterioso não é totalmente entendido. Parece que Chrétien morreu antes de terminar a sua intrigante história e esta foi parcialmente concluída por mãos posteriores em versões que são chamadas *The Continuations*. Estas versões adicionam embelezamento e colorido à história original!, acrescentando elementos que se padronizariam em contos posteriores.

Duas outras histórias do Graal, escritas perto de 1200, são os contos de Robert de Boron, *Joseph d'Armathie* e *Merlin*. A esses contos é dado um novo teor cristão, mostrando a demanda como uma busca espiritual pelos cavaleiros,

em vez de uma história de honra cortesã ou pela mão de uma formosa donzela. É aqui, no início do século XIII, que os contos de Robert de Boron se associam com as lendas arturianas que eram populares na época, com Sir Gawain e Sir Galahad surgindo em contos da época. Também foi nesta época que a história mais conhecida do mundo de língua inglesa foi escrita. *The Queste*, apresentando Sir Galahad, filho de Sir Lancelote, é a base para o brilhante épico do século XV de Sir Thomas Mallory, *A Morte de Artur*. Esta obra, mais do que qualquer outra, é responsável pela percepção atual não apenas das lendas arturianas mas também dos romances do Graal. O livro de Mallory tem tido um enorme impacto nas mentes dos homens durante os últimos 500 anos.

Perto de 1205, um poeta bávaro chamado Wolfram von Eschenbach compôs o poema *Parziva*". Neste, ele conta a busca do herói inicialmente descrita por Chrétien de Troyes, a diferença sendo que na obra de Wolfram, o Graal transforma-se em uma pedra antiga: esta é uma pedra luminosa que caiu do céu. É a primeira vez que o Graal não é descrito como uma taça, tal como nos outros romances. A pedra de Wolfram está guardada por cavaleiros, chamados Templeisen, obviamente querendo dizer Cavaleiros do Templo. Na história de Wolfram, o jovem Parzival encontra-se em busca do castelo do Graal, aqui chamado Monte da Salvação, quando conhece no caminho um homem velho e sábio chamado Trevrizent, com o qual ele fica 15 dias. Descobre que afinal o homem velho é tio de Parzival, que lhe conta que a história do Graal tem origem em um homem sábio chamado Kyot da Provença. De acordo com diversos eruditos, Kyot foi uma pessoa real, sob o disfarce de um Guiot de Provins, dando assim à história uma base de realidade. Trevrizent conta que Kyot encontrou a história do Graal num livro escrito numa estranha língua pagã em Toledo, Espanha. Esta "Língua pagã" era provavelmente o árabe, usado em Toledo pelos Mouros do Norte de África. Trevrizent continua a contar a Percival que esse livro fora escrito por um homem chamado Flegetanis, cuja mãe era uma judia da linhagem de Salomão e cujo pai parece ter sido um astrólogo.

A história de Percival, tal como contada por Wolfram, é uma de pureza e julgamento. Apenas os puros de coração e mente podem obter o Graal, e apenas Deus pode julgar quem o poderá obter. Na história, Percival acaba por regressar ao castelo do Graal, pergunta ao Rei Pescador a questão certa, e assim cura o rei moribundo. Percival transforma-se então no rei do Graal, e o ciclo continua.

A idéia de que o Graal é uma metáfora para a descendência de Cristo e as origens da sua linhagem familiar é algo de relativamente moderno, embora muitos dos autores modernos desta temática nos queiram fazer crer que esta verdade foi conhecida através da história por alguns poucos artesãos e homens sábios, os quais codificaram a idéia em obras de arte e arquitetura através dos tempos. A idéia do Priorado de Sião e 05 seus Grão-Mestres é um exemplo clássico disto.

As histórias da utilização original do Santo Graal - a recolha do sangue de Cristo na Crucificação - liga definitivamente o precioso sangue de Cristo com o Graal e pode bem ser uma metáfora para a descendência do Messias Cristão. Entrelaçada com esta teoria, está a idéia de que alegadamente Cristo casou com Maria Madalena antes da sua morte, e que ela lhe deu um filho. Supostamente, a linha familiar continua assim até aos dias de hoje, com o Graal transformando-se na "vide", através da qual a família de Cristo está ligada aos reis merovíngios de

França. A hipótese é que depois da Crucificação, Maria Madalena viajou para França com o filho de ambos, e que casamentos consecutivos com as tribos francas de um descendente de Cristo, produziu os reis merovíngios. Esta idéia foi primeiro popularizada pelos autores Michael Baigent, Henry Lincoln e Richard Leigh no seu best-seller, *Holy Blood, Holy Grail*, inicialmente publicado há mais de 20 anos, mas tendo uma espécie de renascimento devido à popularidade de *O Código Da Vinci*, que retira muita da sua informação de fundo desta obra.

Ver também: Cavaleiros do Templo; Holy Blood, Holy Grail; José de Arimateia; Maria Madalena.

Saunière, Jacques

O conservador do Museu do Louvre, e Grão-Mestre secreto do Priorado de Sião, cujo assassinato envia Robert Langdon e Sophie Neveu numa busca frenética para decodificar as pistas que ele deixou de forma a descobrir o segredo do Priorado, antes da Opus Dei.

O nome de Saunière é inspirado no bem conhecido mistério do Priorado de Sião, envolvendo um enigmático padre chamado Bérenger Saunière, que tomou o seu novo posto na igreja de Santa Maria Madalena, na minúscula vila de Rennes-le-Château, na França, em Junho de 1885,

Durante os primeiros seis anos do seu sacerdócio, o jovem e atraente Saunière viveu uma vida simples na sua pobre e retrógrada paróquia, caçando e pescando e emergindo na história fascinante da região, que lhe fora apresentada pelo Abade Henri Boudet, o padre da vila vizinha de Rennes-le-Bain. Nessa altura, Saunière também empregou uma jovem camponesa. Mane Deramaud, como sua governanta, a qual em breve se dedicava a ele e mais tarde, herdou as suas propriedades e os seus segredos.

Em 1891, inspirado pelos contos românticos de Boudet sobre a história local, Saunière angariou os fundos necessários para executar uma restauração modesta da sua igreja, que fora construída em 1059, sobre as ruínas de um antigo edifício visigodo do século VI. Diz-se que durante as renovações feitas por Saunière no altar, este encontrou quatro antigos pergaminhos escondidos nas colunas visigodas que sustentam a pedra do altar. Nunca ninguém vira esses misteriosos pergaminhos, mas diz-se que dois continham genealogias datadas de 1244 e 1644, e diz-se que dois que tinham documentos codificados compostos nos anos de 1789 pelo Abade Antoine Bigou, um dos antecessores de Saunière na igreja de Maria Madalena.

Quando os documentos foram decodificados, revelaram mensagens ainda mais críticas. Acredita-se que Saunière, suspeitando que tropeçara em algo importante, consultou o Bispo de Carcassonne, o qual tomou imediatamente providências para que o jovem padre levasse os pergaminhos até à Abadia Bieil e a Emilie Hoffet do Seminário de St. Sulpice em Paris, para exame e análise. Durante a sua estada em Paris, diz-se que Saunière visitou o Louvre para comprar reproduções de quadros de Teniers e de Poussin, dois artistas referidos nas mensagens decodificadas do pergaminho.

Quando regressou a Rennes-le-Château, o seu comportamento tornou-se bizarro. A princípio, deu continuação à restauração da sua igreja, desenterrando lajes e desfigurando inscrições de pedras tumulares durante o processo. Mas então, acompanhado por Marie Derarnaud, começou a dar longos passeios pelo campo, amontoando uma grande quantidade de pedras aparentemente sem qualquer valor. Passado pouco tempo, começou a estabelecer uma correspondência volumosa por toda a Europa e abriu contas bancárias em locais estratégicos do sul de França.

Depois, em 1896, Saunière começou a gastar enormes montantes de dinheiro, embarcando numa restauração total e numa redecoreação criticamente simbólica da igreja de Santa Maria Madalena, construindo uma nova estrada e cisternas de armazenamento de água para a vila, bem como uma casa palaciana pessoal chamada Villa Bethania, a qual na verdade nunca ocupou. Os terrenos da villa foram elaboradamente projetados, apresentando uma gloriosa torre guarnecida de ameias e batizada como Torre Magdala, essa foi edificada num dos flancos da montanha, permitindo vistas panorâmicas sobre o vale. Calcula-se que este assim considerado empobrecido padre de uma paróquia gastou o equivalente a diversos milhões de euros, no decorrer de 20 anos que conduziram até à sua morte em 1917.

Previsivelmente, os gastos extravagantes de Saunière atraíram a atenção das autoridades eclesiásticas locais, que o chamaram para que ele explicasse a fonte da sua imensa fortuna. Quando Saunière se recusou a informar qual a fonte da sua fortuna, o bispo acusou-o de vender ilicitamente Missas e um tribunal suspendeu-o do seu posto. Em resposta, Saunière apelou diretamente ao Vaticano, o qual anulou a suspensão e o readmitiu.

Depois, a 17 de Janeiro de 1917, Saunière sofreu um enfarte maciço do qual nunca se recompôs. A data do enfarte de Saunière é notável pelo seu significado na mitologia do Priorado de Sião, como o Feriado de St. Sulpice, que curiosamente, é também a data constante numa das pedras tumulares que Saunière desfigurou.

Diz-se que o padre que assistiu a Saunière para ouvir a sua última confissão se recusou a administrar-lhe o rito da extrema-unção e que Saunière morreu sem absolvição a 22 de Janeiro.

A Villa Bethania é citada nos Dossiês Secretos como a "arqui" ou casa mãe, das 27 commandaries do Priorado de Sião, espalhadas por toda a França. Para além disso, Pierre Plantard, Grão-Mestre do Priorado de Sião, insinuou que Rennes-le-Château é o local de um armazém secreto dos arquivos do Priorado, e este rumor foi sublinhado pelo fato de que o próprio Plantard tinha pessoalmente comprado

As especulações sobre aquilo que Saunière poderá ter descoberto para torná-lo um homem tão rico continuam 100 anos depois, e caçadores de tesouros vasculham o campo até aos dias de hoje. Mas nunca foi encontrado nada com qualquer significado, e o mistério continua.

Ver também: Plantard, Pierre; Priorado de Sião; St. Sulpice.

Seqüência Fibonacci

No início do livro, no local onde o corpo de Jacques Saunière é encontrado, estão escritos alguns números no chão. Sophie, a sua neta, reconhece a seqüência e interprete-a como um sinal deixado por este, embora leve algum tempo para perceber todo o seu significado. Assim que ela tem a chave para o cofre de depósito do banco e percebe que precisa de um número de conta para acessar esse cofre, os números são colocados numa ordem ascendente para fornecer a solução. Criada por Leonardo Fibonacci, esta seqüência é uma seqüência infinita de números, começando: 1,1,2, 3,5, 8,13,... onde cada número é a soma dos dois números que o precedem. Assim: $1 + 1 = 2$, $1 + 2 = 3$, $2 + 3 = 5$, $3 + 5 = 8$, $5 + 8 = 13$, e por aí fora. Para qualquer valor maior do que 3 na seqüência, a proporção entre dois números consecutivos é 1:1.616, ou a Proporção Dourada.

A seqüência Fibonacci pode ser vista na natureza, onde o girassol, por exemplo, tem 21 espirais da sua cabeça viradas para uma direção e 34 viradas para outra - números consecutivos Fibonacci, O exterior de uma pinha tem espirais que correm no sentido dos ponteiros do relógio e no sentido oposto aos dos ponteiros do relógio, e a proporção dos números das espirais são valores Fibonacci seqüenciais. Nas curvas elegantes de uma concha, cada nova espiral completa terá uma proporção de 1:1.618, se comparada com a distância do centro da espiral anterior.

Fibonacci nasceu em Pisa, Itália, em 1170. Cresceu e foi educado em Bugia, no Norte de África, na atual Bejaia na Argélia, regressando a Pisa perto de 1200. Sem dúvida que Fibonacci foi influenciado e, possivelmente, ensinado por matemáticos árabes durante os seus tempos de formação. Escreveu muitos textos matemáticos e fez algumas importantes descobertas matemáticas, o que ajudou a tomar o seu trabalho muito popular na Itália e fez com que as atenções do Sacro Imperador Romano, Frederico II, recaíssem sobre ele, tendo sido convidado para a sua corte em Pisa. Fibonacci morreu em 1250.

Ver também: Proporção Dourada; Retângulo Dourado.

Shekinah

Esta é incluída nas preleções dadas por Robert Langdon, estudo sobre o papel do sexo como um caminho para Deus. Ele está tentando ajudar Sophie Neveu a aceitar um ritual no qual ele vira o seu avô participar.

No Targum a tradução aramaica da Bíblia, este termo é usado para indicar a manifestação da presença de Deus entre as pessoas. Contudo, parece que os eruditos e filósofos judeus medievais, para evitarem confusão e uma interpretação antropomórfica deste conceito - que surgiu devido a certas utilizações da palavra no Talmude e no Midrash, onde é claro que o conceito não pode ser idêntico a Deus - introduziram uma identidade feminina separada e uma existência para a Shekinah, embora o seu papel fosse apenas menor.

Por sua vez, esta identidade separada conduziu à sua utilização, dentro de certos trabalhos e sistemas cabalistas, como significando "uma consorte de Deus", com muito mais importância e significado colocado no Conceito. Na abordagem

cabalista, a Shekinah pode ser reunida com Deus apenas através do cumprimento de todos os mandamentos divinos - assinalando assim a nova era messiânica.

Ver também: Langdon, Robert; Neveu, Sophie,

Silas

Um membro da Opus Dei, este personagem acredita sinceramente que está executando o trabalho de Deus, enquanto provoca a destruição por todo *O Código Da Vinci*. Ele toma parte numa mortificação corporal ao utilizar um cilício e ao açoitar-se. O seu nome não parece ter qualquer significado oculto; contudo, pode ser um reflexo de São Silas, um companheiro de São Paulo, o qual é mencionado em Atos 15:22, como um dos "homens de liderança entre os irmãos".

Ver também: Cilício, Correia; Opus Dei.

St. Sulpice

A famosa igreja parisiense onde Silas se dirige para procurar a chave da abóbada no fundo do obelisco, sob a Linha da Rosa, pelos membros principais do Priorado de Sião antes destes terem sido assassinados, como uma tática diversiva e um pré-preparado sinal de socorro.

A Igreja de St. Sulpice foi originalmente construída na época merovíngia dentro dos limites da Abadia de St. Germain-des-Prés, como uma igreja paroquial para os camponeses, que viviam no interior deste domínio na Margem Esquerda de Paris. A igreja é dedicada a São Sulpício, o Arcebispo de Burges do século VI, cujo dia se comemora a 17 de Janeiro. Os documentos do Priorado de Sião indicam que a igreja foi na verdade construída sobre os restos de um antigo Templo pagão a Ísis e que uma estátua de Ísis teria sido venerada como a Virgem Maria em St. Germain, até ter sido destruída em 1514.

Enquanto a paróquia de St. Germain crescia em importância devido à própria igreja da abadia de St. Germain-des-Prés, a qual albergava um pedaço da Verdadeira Cruz e a túnica de São Vicente, a Igreja de St. Sulpice foi sendo continuamente reconstruída e aumentada para servir o Seminário de St. Sulpice e para rivalizar com Notre-Dame de Paris, tanto em tamanho como em importância. Foi iniciada em 1646, mas deparou-se quase em seguida com dificuldades financeiras. Seis arquitetos esforçaram-se por completar o projeto durante um período de 134 anos.

St. Sulpice é internacionalmente reconhecida pelo seu gnómon solar, um sistema de relógio solar que projeta um raio de luz solar ao longo de uma faixa de latão no chão para marcar os solstícios e equinócios. O raio solar move-se através da extensão da igreja, atravessando um orifício no transepto da janela sul e subirá um obelisco no transepto norte, enquanto o ano solar avança. Nos documentos do Priorado, a faixa de latão que marca o meridiano solar é conhecida como a Linha da Rosa, o que também é um trocadilho sobre a história de Santa Rosalina, a qual morreu a 17 de Janeiro, ou alternativamente como a Serpent Rouge (Serpente Vermelha).

Por acordo especial, as fundações da igreja original de St. Sulpice podem ser vistas na cripta sob a igreja atual, mas infelizmente o gnómon está agora extinto, embora a faixa de latão e o obelisco ainda possam ser vistos.

Tanto Baudelaire como o Marquês de Sade foram batizados nesta igreja, e foi aí que Victor Hugo se casou.

Ver também: Dossiês Secretos; Gnómon em St. Sulpice; Linha da Rosa; Plantard, Pierre; Priorado de Sião; Saunière, Jacques.

Sub Rosa

O símbolo utilizado por Jacques Saunière para indicar a Sophie que queria privacidade. Saunière costumava pendurar uma rosa na porta do seu gabinete, quando estava tendo uma conversa telefônica confidencial e não queria ser perturbado.

Sub rosa é um adjetivo que significa "secreto", "confidencial", "privado". Vem do latim, significando "sob a rosa" e está associado à confidencialidade devido à sua ligação à antiga lenda entre a rosa e o segredo, isto devendo-se a lenda clássica sobre a oferta de Cupido ao deus do silêncio, Harpócrates para suborná-lo a não trair a confidência de Vênus. Nos salões de banquetes romanos, os tetos eram freqüentemente pintados e decorados com rosas para lembrar aos convidados de que os assuntos falados à mesa estavam, na verdade, sub rosa.

Teabing, Leigh

Um dos principais personagens d'*O Código Da Vinci*, Teabing vive na esplêndida propriedade de Château Villette, perto de Versalhes. O seu nome é, na verdade, uma amálgama em parte anagrama, e parte nome real - homenagem aos autores Michael Baigent e Richard Leigh, dois dos três escritores de *Holy Blood*, *Holy Grail*. Teabing é um anagrama de Baigent.

Ver também: *Holy Blood*, *Holy Grail*.

Templo de Salomão

No livro, Langdon diz a Sophie que a Capela Rosslyn é uma réplica do Templo de Salomão.

De acordo com a tradição e ensinamentos judeus e cristãos, o Rei Salomão era o filho do Rei David, que construiu um templo lendário no alto do Monte Moriah em Jerusalém. Como sucessor do Rei David, Salomão reinou sobre o reino de Israel, aproximadamente, entre 970 e 930 a. C. Sua mãe era Bath-Sheba, e o seu reinado é famoso pelo número de alianças estrangeiras que ele supostamente estabeleceu, nomeadamente tanto com egípcios como com fenícios, enquanto o mesmo tempo transformava a nação de Israel em uma força formidável e estendia as suas fronteiras e territórios. Fontes bíblicas afirmam que o seu reinado foi marcado por perturbações no norte de Israel e por uma revolta liderada por Jeroboam I. Muito do que sabemos acerca de Salomão chega-nos de Samuel I e

II, e do Reis II da Bíblia, bem como de um pequeno número de fontes não-bíblicas, mas o que é estranho é que é quase impossível corroborar estas histórias sobre o rei a partir de registros arqueológicos contemporâneos. Salomão era famoso pela sua sabedoria, e diversos livros do Antigo Testamento são tradicionalmente atribuídos à sua mão, em particular o Cântico de Salomão. No Corão, Salomão é conhecido como Suleimão e é reverenciado como um dos principais profetas do Islã.

A tradição bíblica afirma que o Rei David forneceu os materiais de construção necessários para o Templo de Salomão antes da sua morte, e mais tarde Salomão fez substanciais acréscimos aos materiais e projetos.

Na Bíblia, Reis I conta a maior parte da história referindo-se a preparação do local do templo, com um enorme muro sendo erguido através da colina de Moriah e sendo executado um nivelamento maciço do local. Também se diz que Salomão foi o responsável pela construção de enormes cisternas e canais que transportavam água até este local. As dimensões e planos arquitetônicos do templo são descritos em pormenor na Bíblia e têm sido a fonte de muitos debates e argumentos com o passar dos séculos, referindo-se às suas verdadeiras proporções e significado. O templo foi construído para guardar o sagrado dos sagrados, um local sacrossanto na tradição judaica, destinado a guardar a lendária Arca da Aliança; a relíquia, ou arca, que continha as tábuas de pedra dos Dez Mandamentos, a aliança entre Deus e os Israelitas. A Arca era constituída por placas de ouro, tendo sobre ela, as imagens de quatro querubins e era transportada através de duas estacas colocadas em cada um dos seus flancos. A Arca era a fonte de poder lendário para os Israelitas e tem-se escrito sobre ela desde essa altura.

Antes da entrada do templo encontravam-se duas colunas de bronze, Jachin e Boaz. Estas duas colunas também têm sido objeto de muitas especulações e teorias através dos tempos, e elas representam um papel importante nas tradições dos modernos Maçons Livres, os quais acreditam que o seu antigo ofício e organização pode ser datado até à construção do templo. Os Maçons Livres reverenciam a figura de Hiram Abiff, outro nome para Hiram I, Rei de Tiro, que entrou em pacto estratégico com o rei Salomão, e que os Maçons Livres crêem tê-lo auxiliado na construção do templo.

Provas do reinado e do regime de construção de Salomão são escassas na atual Israel, fazendo com que muitos comentadores historiadores questionem se Salomão existiu realmente. Alguns investigadores apontam para o fato de que o seu nome parece ser feito das palavras "sol" e "omon" referência e um trocadilho simbólico.

O Templo de Salomão é visto por tradicionalistas como um verdadeiro edifício físico, erguido no coração da antiga Jerusalém, no Monte Moriah. Contudo, devido à falta de provas arqueológicas e corroborativas para apoiar esta teoria, muitos investigadores modernos e autores chegaram a essa mesma conclusão sobre Salomão, a história da sua vida e do seu templo. Poderia o templo ser simbólico quanto a outra coisa? Uma metáfora para um portão para Deus? Tem sido postulado que existiram muitos templos de Salomão por todo o mundo antigo, e que de fato as medidas e dimensões dadas na Bíblia são referências a uma esotérica geometria sagrada. Um investigador da Escócia,

David Alan Ritchie, crê que identificou um gigantesco Templo de Salomão, construído numa maciça paisagem projetada em geometria sagrada no solo da área da Capela Rosslyn. Foi inclusive teorizado por alguns que a Capela Rosslyn tem o mesmo estilo constante dos planos do Templo de Salomão, com as suas talhas ornamentadas e colunas impressionantes.

Qualquer que tenha sido a verdade, mantém-se a questão de que a idéia do Templo de Salomão e aquilo que este representa, tem captado a atenção de algumas das mentes mais brilhantes das últimas centenas de anos.

Ver também: Capela de Rosslyn; Cavaleiros do Templo; Geometria Sagrada.

Última Ceia, A

Para muitos eruditos e historiadores de arte, A Última Ceia de Leonardo é vista como o melhor quadro do mundo. N'O *Código Da Vinci*, Brown realça algumas das possíveis interpretações simbólicas da pintura quando, na casa de Leigh Teabing, Sophie é confrontada com a teoria de que Leonardo codificou um grande segredo na sua obra-prima.

A Última Ceia é um fresco pintado na parede de um refeitório de Santa Maria delle Grazie em Milão, Itália. Mesmo no tempo de Leonardo, este foi considerado o seu trabalho mais famoso e melhor. A pintura do mural foi executada entre 1495 e 1497, mas passados apenas 20 anos, já começara a se deteriorar; de acordo com registros da época. Mede 460 x 880 cm e está pintada numa espessa camada de têmpera sobre gesso seco. Por baixo da camada de tinta principal, encontra-se a estrutura de uma composição imperfeita, esboçada numa cor avermelhada de uma forma que antecede a habitual utilização de Leonardo de esboços como um instrumento preparatório.

Acredita-se que o quadro foi possivelmente encomendado por Ludovico Sforza, Duque de Milão, em cuja corte Leonardo iria encontrar a fama, e não pelos monges de Santa Maria delle Grazie.

O tema do quadro é o momento no qual Jesus acaba de anunciar que um dos Seus seguidores O trairá. Sabemos isto do trabalho de Pacioli, o qual refere este fato no terceiro capítulo do seu livro, *Divina Proportione*. Esta notícia e as diferentes reações dos Apóstolos que rodeiam a mesa é o momento que Leonardo escolheu congelar no tempo. Para capturar as expressões mais realistas, Leonardo estudou as poses, as expressões faciais, e fisionomias de muitos dos seus contemporâneos, as quais mais tarde integrou no quadro. As identidades dos Apóstolos é um assunto muito debatido, mas baseadas nas inscrições de uma cópia do quadro em Lugano, são, da esquerda para a direita: Bartolomeu, Tiago, o Novo, André, Judas, Pedro, João, Tomás, Tiago, o Velho, Filipe, Mateus, Tadeu, e Simão, o zelota.

Muitos historiadores de arte acreditam que a composição pode ser vista como uma interpretação iconográfica da Eucaristia, já que Jesus está apontando com ambas as mãos para o vinho e o pão sobre a mesa. Outros dizem que apenas está retratada a notícia da traição. No entanto, muitos historiadores de arte concordam que a posição ideal para ver a obra encontra-se entre,

aproximadamente, 4 a 4,5 metros acima do chão e a uma distância entre, aproximadamente, 8 e 10 metros. Alguns referem que a composição e o seu sistema de perspectiva são baseados num cânone musical de proporção, embora isto tenha sido recentemente debatido.

A Última Ceia é única entre todos os quadros desta cena, no qual os Apóstolos mostram um variado leque de emoções e reações à notícia de que um de entre eles irá trair Jesus. Nenhum outro quadro da Última Ceia se aproxima deste tipo de detalhe e composição.

Então quais seriam os mistérios supostamente codificados na obra-prima? No seu livro, *O Segredo dos Templários: O Destino de Cristo*, Clive Prince e Lynn Picknett referem que existem diversos elementos na estrutura da obra que demonstram um simbolismo codificado.

Primeiro, acreditam que a figura à direita de Jesus (à esquerda, na posição de observador) não é, na realidade, João, mas uma figura feminina. Ela está vestida com trajes coloridos contrastando com Jesus e está inclinada numa direção oposta em relação à figura central de Jesus, formando assim um V com o espaço e um M com os seus corpos.

Em segundo lugar, parece surgir uma mão incorpórea, agarrando uma faca, perto da figura de Pedro. Prince e Picknett afirmam que esta mão não pode pertencer a nenhuma outra figura do quadro.

Em terceiro, imediatamente à esquerda de Jesus (à direita, na posição do observador), Tomás confronta Jesus com o gesto de mão erguida ou, tal como os autores indicam, o gesto de João.

E, por fim, afirma-se que a figura de Tadeu é na verdade um auto-retrato de Leonardo, o qual vira as suas costas para Jesus.

Consideremos cada questão por sua vez. Um exame cuidadoso ao quadro revela que a personagem à direita de Jesus (à esquerda, na posição de observador) parece, na verdade, ter feições femininas ou efeminadas. Prince e Picknett referem, inclusive, o contorno de seios femininos. Certamente que Leonardo não era adverso a dar atributos e feições femininas a diversas das suas figuras masculinas. Por exemplo, uma inspeção próxima do seu famoso quadro de João Batista mostra-o com um conjunto de feições quase hermafroditas e pele pálida e sem pêlos. Mas, e quanto ao fato de que n'A Última Ceia Jesus e a figura feminina de João parecem inclinar-se em direções opostas, formando um V natural com o espaço entre os corpos e, assim sendo, um M quando se inclui a linha dos seus corpos? Será que isto tem alguma relevância simbólica? Prince e Picknett debatem que este pouco habitual alinhamento das figuras, conjugada com as feições femininas de João mostram que esta figura representa, na verdade, a própria Maria Madalena, com o símbolo V representando o Sagrado Feminino e o símbolo M representando Maria/Madalena. Obviamente, quer se concorde ou não com esta hipótese, esta é uma interpretação original e excitante.

E assim, agora chegamos à famosa mão incorpórea. Que mão é visível do lado esquerdo da mesa, perto da figura de Pedro? Porque é que esta está agarrando a faca ou adaga de uma forma tão ameaçadora? Outra estranha característica é que a mão esquerda de Pedro parece estar cortando através do pescoço da figura feminina num gesto ameaçador. O que é que Leonardo está tentando nos contar sobre Pedro?

Numa inspeção, e vendo o quadro de muito perto, parece óbvio que a mão e a faca pertençam ao próprio Pedro, o qual está torcendo a sua mão direita e que repousa a um dos seus lados, embora de maneira bastante incômoda e pouco natural. Quanto à mão esquerda de Pedro cortando o pescoço da figura João/Maria, outra interpretação é a de que Pedro está simplesmente repousando a sua mão esquerda no ombro da figura. Parece que o debate ainda se manterá durante muito mais tempo.

Quanto a Tomás, imediatamente à esquerda de Jesus (à direita, na posição de observador), ele está, na verdade, erguendo o indicador da sua mão esquerda de uma forma aparentemente ameaçadora. Este gesto de João, tal como Prince e Picknett lhe chamam, é evidente em toda a gama de obras de Leonardo bem como de outros pintores dessa época. Resumindo, diz-se que este representa uma corrente oculta de conhecimento e sabedoria, a qual tem a estrutura das suas crenças baseada na idéia de que João Batista, representou um papel muito mais importante do que aquele que lhe é, normalmente atribuído nas escrituras. Para aqueles interessados em uma explicação completa, recomendo a leitura d'*O Segredo dos Templários: O Destino de Cristo*.

A figura de Tadeu parece, na verdade, ter uma certa semelhança com o próprio Leonardo, tal como se pode ver no seu famoso auto-retrato. Em muitos dos quadros de Leonardo que envolvem Jesus ou a Sagrada Família, existe o tema recorrente de, pelo menos, uma figura de costas para o personagem central - ver, por exemplo, A Adoração dos Magos.

A recentemente terminada e altamente controversa restauração d'A Última Ceia revelou novas e excitantes características deste quadro espantoso. Parecem existir, na verdade, mensagens escondidas e um simbolismo esquecido neste e em muitas outras das composições de Leonardo, embora qual seja o seu significado não seja claro e isto tem conduzido a mais suposições e teorias. Contudo, é necessário no futuro fazer mais neste campo se quisermos, mesmo que remotamente, começar a revelar a mente do mestre.

Ver também: Adoração dos Magos, A; Leonardo Da Vinci.